

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERRITÓRIO SAGRADO: A GEOGRAFIA DAS RELAÇÕES SOCIAIS
EM UMA *COMUNIDADE EVANGÉLICA* DA ILHA GRANDE



Vicente Cretton Pereira

Abril 2007

Agradecimentos:

Gostaria de agradecer de uma forma geral aos professores do departamento de ciências sociais por seus esforços em passar para nós um pouco de seu conhecimento e de sua experiência, enquanto profissionais atuantes em nossa futura área de trabalho.

À professora Patrícia Birman, por sua acolhida, por seus ensinamentos e discussões (espero que se mantenham), e pela oportunidade única de participar e colaborar com um projeto de pesquisa tão especial como este.

À professora Rosane Prado, pelas sugestões, conversas, aprendizados e também pela amável receptividade dedicada a mim, quando estive presente na praia da Longa – o seu campo.

Além delas, fico também muito grato pelos ensinamentos que me chegaram através dos professores: Carlos Eduardo, Noéli Corrêa, Bianca Freire Medeiros, Cecília Mariz, Clara Mafra, Patrícia Monte-Mor.

Agradeço à todas às pessoas que trabalham e já trabalharam na pesquisa, como co-autores deste trabalho, pois sem sua colaboração, a realização deste seria quase que impossível. Obrigado pela amizade, pela fértil troca de idéias e experiências e pelo companheirismo: Patrícia Birman, André Bakker, Eduardo Pereira, Leandro, Helena e Angélica.

Um agradecimento especial a todos os provetaenses que colaboraram conosco, nos recebendo de uma maneira amável e cordial em sua terra, respondendo com boa vontade nossas muitas perguntas (e fazendo outras) e também pela agradável companhia.

Agradeço também aos amigos e camaradas que muito ajudaram compartilhando de uma forma criativa as idéias e os bons momentos dentro e fora da universidade: Caio, André, Mário, Eduardo, Dieguinho, Thiago, Leandro, Leandro (‘recreio’), Daniel ‘peixão’, Pedro Bené, Bernardo Beni, Eliza, Alexandre, Thiago (‘terê’), Daniel, Mohandas, Rafael ‘grego’, Flávio, Flávia, Layla, Felipe, Mariana, Bernardo ‘tomate’, Lucas ‘brazil’.

Aos camaradas e amigos de Niterói, pelo ‘suporte técnico’: Rafael, Lincoln, Fabrício, Daniel, Thiaguinho, Diego ‘Apu’, Rafael, Mateus, Cadu, Marina, Gustavo, Hugo ‘Vercilo’, Nina, Huguinho ‘Abraão’, Gil, Branco, Bruno, e todos os outros.

Por último (embora mais importante) agradeço à minha família: Meus pais (José Manoel Pereira e Cristina Cretton), minha irmã (Lívia) e minha namorada (Lalita), meus avós, além de todas as minhas tias e tios. Muito obrigado pelo apoio, pela amizade e companheirismo.

“A percepção é forte e a visão é fraca. Na estratégia, é importante ver coisas distantes como se estivessem próximas, e ter uma visão distanciada das coisas próximas”

Myamoto Musashi

“Vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa (...): (a) *transformar o exótico no familiar e/ ou (b) transformar o familiar em exótico*. E, em ambos os casos, é necessária a presença dos dois termos (que representam dois universos de significação) e, mais, uma vivência dos dois domínios por um mesmo sujeito disposto a situá-los e apanhá-los.”

Roberto Da Matta

SUMÁRIO:

Introdução -	pg 5
Capítulo 1 – Um território abençoado pelo Espírito Santo.....	pg 8
1.1. A chegada da palavra	
1.2. O “morfético”: uma descrição a parte.....	pg 13
1.3. Algumas trajetórias religiosas: Osmar, Eliseu e Marilene.....	pg 17
1.4. Ser estruturado na palavra: temendo a Deus sobre todas as coisas.....	pg 21
1.5. “Criando-os na doutrina e admoestação do senhor” ou o culto por dentro.....	pg 23
1.6. Para sentir a presença do Espírito Santo: entre milagres, curas e línguas estranhas.....	pg 28
1.7. O desvio, ou a palavra posta à prova.....	pg 34
Capítulo 2 – Geografia social e relações de trabalho.....	pg 41
2.1. Introdução	
2.2. O trabalho da pesca.....	pg 44
2.3. Trajetórias de vida relacionadas à pesca.....	pg 52
2.4. A pesca como identidade.....	pg 57
2.5. A “descaracterização” do lugar.....	pg 60
2.6. A queda do manancial de pescado.....	pg 62
Capítulo 3 – A organização territorial da vila: a expressão geográfica do poder.....	pg 65
3.1. As posições dos atores sociais	
3.2. O centro da vila: a igreja e a R.Pedro Soares.....	pg 70
3.3. Favela: Periferia próxima.....	pg 75
3.4. Cafundó o “lugar longe”, ou a história de Tio Louro e seu irmão Guimauro.....	pg 80
3.5. A R.Maria das Neves: um prolongamento do centro.....	pg 85
3.6. A Fazenda: a herança do Pedro Soares ou a história de Abraão, D.Ester e Negão.....	pg 89
3.7. O Canto-brabo e a Costeira: o inferno diante do céu.....	pg 94
3.8. A praia: “tecendo” as redes sociais.....	pg 97
3.9. Captando as variações por dentro do “rótulo”.....	pg 99
Bibliografia.....	pg102

Introdução.

Este trabalho é um dos resultados da pesquisa “Religião e Política no Rio de Janeiro: imagens da ordem, crenças e confrontos na edificação de um paraíso”, realizada na Ilha Grande, na praia do Provetá¹. A pesquisa teve início no ano de 2004, e minha participação vem ocorrendo desde julho de 2005. Entre os que já participaram da pesquisa (Leandro e Eduardo) e os que participam (Helena, Angélica e André), devo a todos eles os dados obtidos em inúmeras entrevistas, as contribuições dos seus relatórios de campo e ainda, as imagens fotográficas que tanto acrescentaram ao meu texto.

Nosso trabalho de campo incluiu entrevistas (formais e informais), observação participante e, principalmente, diálogos casuais com os moradores da vila. Neste sentido, foi imprescindível que nosso grupo tivesse a preocupação de formar e manter relações amistosas (e amigáveis, na maioria das vezes) com a maior parte dos habitantes da vila dos quais nos aproximamos. Foi fundamentalmente graças a esta rede de relações formada por nós, que consegui reunir boa parte das informações que compõem este trabalho.

Nesta breve introdução, gostaria de localizar a vila do Provetá e a sua “imagem” mais comum, aquela que chega mais facilmente aos “de fora”. Esta imagem está intimamente associada à pesca (uma *comunidade* pesqueira) e à religião (uma *comunidade* evangélica), e ela nem sempre é reproduzida de uma maneira positiva tanto pela mídia, como por turistas que já passaram por ali. De certa, forma, estas duas “identidades” provetaenses são ativadas para afirmar que trata-se de um povo dominado pela igreja, censurado por ela e pouco receptivo à turistas ou pessoas “de fora”. Vale ressaltar que estes fatores são, atribuídos de uma forma geral aos membros de igrejas evangélicas, porém, na Ilha Grande, o Provetá é “*um ícone de referências negativas*”, como diz a antropóloga Rosane Prado. Rosane explica que:

“A Igreja da Assembléia de Deus de Provetá parece reger a vila em todos os sentidos, o que já é indicado no plano físico quando se chega ao local e se avista o enorme prédio do templo na praça central. Outro motivo de orgulho é por ser Provetá a única comunidade

¹ Coordena o nosso grupo de pesquisa a professora Patrícia Birman, e ele já contou com a colaboração de alunos de ciências sociais e história (André, Leandro, Eduardo, Helena e Angélica), cujo trabalho, entre relatórios, entrevistas e fotos (e outros) foi essencial para a realização deste.

*que conseguiu manter-se vivendo da atividade pesqueira, que foi um dia a sustentação econômica da Ilha Grande e que hoje existe apenas residualmente. Eles se dizem privilegiados porque, diferentemente das demais praias, a sua não foi invadida por esse turismo destruidor que veio substituir a tradicional atividade da pesca*².

Os dois motivos de orgulho citados por Rosane, de certa forma, estão no centro da vida social daquela comunidade, estruturando-a paralelamente à recente “onda” de turismo que aportou na Ilha Grande a partir dos anos 90. O turismo “destruidor” é provavelmente uma referência à vila do Abraão, a mais populosa da Ilha³, e a que mais recebe turistas. No Abraão esta atividade se desenvolveu de forma intensiva e predatória e acabou por privilegiar aqueles que vieram de fora, empresários do turismo, que possuíam poder econômico para comprar terrenos e construir pousadas, enquanto que aos ilhéus (nativos da Ilha Grande) coube o papel de empregados do turismo.

Diante desta perspectiva, os provetaenses procuram sempre ressaltar a sua vocação “pesqueira”, vendo com certa repulsa a situação dos “nativos” do Abraão. Certamente, um turismo com aquela “cara” não é algo desejado pelos habitantes de Provetá, orgulhosos que são de seu modo de vida e de sua crença. A imagem de uma comunidade “fechada e refratária” (Rosane, 2003), talvez tenha sido corroborada por atitudes de alguns pastores da igreja, que baseados em sua disciplina moral evangélica, vociferavam aos turistas que passavam por ali em roupas de banho, que ali era “um lugar de respeito”, e pediam para que eles, ou botassem as roupas ou fossem embora. Embora tais fatos favoreçam a impressão de rigidez e moralismo, ela corresponde muito mais à um tempo passado do que à situação atual da vila.

Mesmo que certos “costumes” antigos do lugar tenham permanecido (como tomar banho de mar de roupa, por exemplo), há, hoje em dia, uma certa flexibilização em relação às pessoas que vem de fora, e aos seus comportamentos alheios à rigidez da doutrina evangélica, até mesmo por parte dos pastores, considerados os “líderes” locais. Além disso, embora a caracterização do Provetá tenha que passar necessariamente pela igreja e

² Prado, Rosane. Crentes na Ilha Grande: uma forma de ser nativo. In: Religião e espaço público, Attar Editorial, São Paulo, 2003. p. 138.

³ Provetá é a segunda praia mais populosa, com cerca de 1300 habitantes (dado oficial da administração de Provetá). A vila de Abraão e a vila de Provetá, juntas, possuem a metade da população total da Ilha Grande (Wunder, 2000).

pela pesca, muitas pessoas ali já não se dedicam a tais atividades com o mesmo afincamento que havia no passado, em um fenômeno que é às vezes visto como uma “descharacterização” do lugar. Em meu trabalho, procurei ao máximo captar estas variações (de indivíduos, ou de grupos) em relação àquela imagem pré-definida, considerando-as como construções legítimas de uma realidade local, tanto quanto aquela proposta pela alimentação recíproca que une o trabalho da pesca à igreja.

Antes de aportar na vila de Provetá pela primeira vez, já tinha em mente esta imagem propagada de que se tratava de uma “comunidade de crentes”, cujos moradores viviam sob as regras de rígidos preceitos evangélicos. De fato, ao nos aproximarmos da vila de barco, já podemos reparar de longe a igreja se destacando perante as demais construções. Durante minha estada, um primeiro olhar, ainda precipitado e um pouco superficial, captou uma certa divisão dos espaços, que reservava áreas específicas para as práticas e atitudes que eram mal-vistas pela igreja (como beber ou fumar, por exemplo), sendo estas denominadas como “do inferno” ou “das trevas”. Percebi, então, uma certa forma de “enxergar” o espaço, subordinada à religiosidade local. De certa forma, o *sagrado* exercia uma influência decisiva na geografia da vila, ou melhor, ele influenciava a forma pela qual os habitantes da vila *percebem e constroem* o seu espaço.

Minhas reflexões posteriores acerca deste fato, permitiram que eu chegasse à seguinte questão: como o poder da igreja foi (e é) capaz de definir suas fronteiras? Assim, procurei trabalhar as formas de entrelaçamento deste poder com a pesca, e com as relações de parentesco, chegando à conclusão de que a análise de todos estes fatores seria fundamental para uma compreensão mais abrangente da forma com que os habitantes do Provetá se relacionam com o espaço que ocupam. Assim, comecei a perceber o espaço geográfico da vila como capaz de representar e integrar as relações sociais entre os moradores, entendendo-o não como um apanhado de objetos espalhados sobre um território, mas sim como um *espaço social*, que está em permanente construção através das relações entre os atores sociais. E é esta discussão que procurei desenvolver ao longo deste trabalho.

Capítulo 1: Um território abençoado pelo Espírito Santo

1.1. A chegada da Palavra.

A religião evangélica chegou à vila de Provetá, provavelmente, nos anos 1930 (como nos disse a D.Natalina (93)⁴, ‘há uns setenta anos atrás’), trazida (segundo histórias locais) pelo Deoclécio Neves, um filho do lugar que, ao se mudar para Camburi Pequeno (um bairro da cidade de Angra dos Reis), entrou em contato com a religião, converteu-se e tomou a seguinte decisão (o trecho que segue é de uma entrevista ao S.Aristeu⁵, um provetaense que tinha uns 13 ou 14 anos quando vivenciou a história que conta, e resgatou os fatos do fundo de sua memória):

‘Eu vou levar o evangelho pro meu povo de Provetá. Passou uma semana, ele se preparou com a esposa, Helena, e foram. Saltaram na Praia Grande (de Araçatiba) porque não tinha condições de Provetá pra vir pra Angra. Porque vinha de canoa grande, botava duas mulheres três mulheres e vinha fazer compra aqui. Quando o mar tava mansinho...Porque, com mar bravo não podia botar uma canoa lá, não podia sair da praia do Provetá’.

Quero destacar brevemente neste relato uma característica que, segundo muitos moradores de Provetá, não seria mais a mesma após a chegada da palavra de Cristo: o mar era mais ‘grosso’ (bravo). Argumento que irei desenvolver mais adiante, mudanças físicas e climáticas são atribuídas a este momento fundador, como uma comprovação de que a partir dali, a benção divina se assentaria sobre aquele território e sobre as pessoas que nele habitam. A natureza e suas manifestações, então, iriam representar o poder do Espírito Santo, e encontrariam sua forma mítica no episódio que narra a viagem de canoa do Deoclécio, Helena e o filho Samuel de Angra ao Provetá. Diz-se que o sol estava muito quente naquele dia, mas Deus colocou uma pequena nuvem que apenas dava conta de fazer sombra na pequena canoa do Deoclécio que, segundo dizem, chamava-se ‘Não bebe’.

⁴ D.Natalina é uma das provetaenses mais antigas. Se marido, Benedito Neves Martins, foi o primeiro ‘médico’ (curava as pessoas utilizando um grande livro de homeopatia) local. Ele e seus irmãos fizeram o primeiro barco de pesca de Provetá. Ver no anexo 2 a genealogia da D.Natalina, que começa por Sebastião e Laura Martins.

⁵ Entrevista feita por Helena e Angélica em 2006, na cidade de Angra dos Reis.

Mas continuando com o relato de S.Aristeu, o Deoclécio convertido volta para o Provetá:

“Então chegando lá o cunhado dele tava muito doente com a febre, dentro de casa, no quarto. Aí ele chegou, que ele era muito falante: ‘Oh Cunhado!! Dá licença cunhado?’ Aí a cunhada dele: ‘Chega cunhado’. Aí chegou, deu aquele abraço e falou: ‘Como é que vai o Zé Belmiro?’, ‘Ah! O Zé Belmiro⁶ tá muito doente ali, tá muito doente, meu cunhado, tá muito mal’. Então ele foi falar com ele no quarto. Então falando com ele no quarto, ele levantou a cabeça: ‘A cunhado to muito mal’. Ele só deu uma palavra: ‘Você crê que Jesus cura?’ . Ele foi: ‘Creio’ . ‘Pois então, o senhor vai curar você AGORA’. Ele levantou as mãos, orou o senhor e ele pulou da cama: ‘Tô curado, eu estou curado, Jesus me curou e eu quero em mim esse Jesus seu. Levante a mão!’ Aí levantou a mão. ‘Eu quero ser um crente’. Aí ele orou, a família toda orou, eles aceitaram Jesus naquela casa”.

Assim, a primeira prova de que o evangelho era uma religião “eficiente” é o milagre de cura, que se seguiu à imediata adesão daquela família (Belmiro Martins), em cuja casa aconteceram os primeiros cultos de Provetá, o que ocasionou a posterior adesão de outras famílias⁷ que podem ser consideradas tradicionais de Provetá como Pimenta e Ferreira, por exemplo. Deoclécio foi, assim o primeiro pregador⁸ do evangelho no Provetá, e a primeira igreja era uma pequena construção de estuque (barro), e ficava no mesmo lugar onde hoje se situa a grande construção que é a filial provetaense da Assembléia de Deus: bem no centro da vila. O S.Aristeu também disse que quando tinha 15 anos, todo o Provetá já havia se tornado crente, ou seja, em dois anos de pregação o Deoclécio conseguiu realizar seu objetivo: levar o evangelho para o seu povo.

⁶ O José Belmiro Martins é avô do Pr. Eliseu (ver genealogia do casamento de José Belmiro e Maria das Neves, no anexo 2) atual presidente da Assembléia de Deus provetaense. E a casa aonde tiveram lugar os acontecimentos narrados situava-se, mais ou menos, aonde hoje é a casa do Benedito Leopoldino (localizar no anexo 1 a parte do mapa aonde fica o início da R.Maria das Neves, casa ao norte da casa da do Pr.Eliseu, esta indicada com o número 7, ao lado da trilha para Araçatiba).

⁷ Em outra entrevista, o P. Osmar nos conta que seu pai apenas se converteu quando passaram a ocorrer cultos em sua casa. Em uma forma anterior ao culto na igreja, os cultos realizados dentro de casa são, como podemos imaginar, amplamente preenchidos pelo calor humano e sustentados, também, pela sociabilidade íntima que ele implica. Tais características que serão valorizadas posteriormente no culto na igreja.

⁸ Foi Tio Louro (personagem que será apresentado mais detalhadamente no próximo capítulo) quem disse que apesar de ter trazido a palavra, o Deoclécio nunca foi congregado pastor, ou seja, não obteve este título oficialmente perante outras filiais da Assembléia de Deus. Provavelmente porque ele não fez o curso que é necessário para adquirir a titulação, ou porque a igreja era ainda muito pequena para obter o reconhecimento necessário para torná-lo pastor, ou então, porque ele simplesmente não se importava com a nomeação.

É preciso compreender a chegada da Assembléia, como narrada aqui, de duas formas: em primeiro lugar, não devemos questionar a validade ou veracidade dos fatos (já que como disse o poeta Wally Salomão, “a memória é uma ilha de edição”) mas sim tentar compreender qual é o significado destas histórias (ou destas versões dos fatos), em um sentido mais restrito, para aquele que as conta, e, num sentido mais amplo, para todo o povo de Provetá. Pois um homem dedicado à igreja, como o S.Aristeu certamente é⁹, consegue passar em sua visão das coisas muito do modo como a própria igreja entende a sua história. Assim segue-se à comprovação do poder da palavra de Cristo (através do milagre da cura, que se perpetua e se multiplica pelas famílias da vila, como uma incessante comprovação de que o Espírito Santo se faz presente e age abençoando aquele povo), a conversão da totalidade dos habitantes da vila. Mas há um outro importante fator que eu gostaria de destacar.

Como disse o S. Aristeu, um dos primeiros provetaenses a se converter, depois do próprio Deoclécio, foi o Zé Belmiro, e em sua casa se realizaram os primeiros cultos. Quero enfatizar que os descendentes do Zé Belmiro constituem as famílias mais importantes para a igreja, atualmente. Seu filho Benedito Belmiro Martins, pai do Pastor Eliseu (o atual líder religioso e político de Provetá), em sua época, era secretário e tesoureiro da igreja, além de sub-delegado da vila, professor (em uma escola na costeira), “aplicador” de injeção e coveiro. Era ele quem fazia os registros de nascimento e morte em um grande livro de anotações que foi perdido com o tempo. Benedito Belmiro, à época, era cunhado dos dois pastores em exercício: o Argemiro Pedro Soares (que foi sócio do empresário Isaac de Castro¹⁰, em seu primeiro barco de pesca), casado com sua irmã Delfina, e o Pr.Sales (que presidia a Assembléia¹¹) casado com sua outra irmã Ducilde. Da união entre Sales e Ducilde surgiram Manoelzinho e Marilene¹² (além de outros 5 irmãos), duas figuras fundamentais para o empreendimento evangélico do atual Provetá, das quais falaremos mais adiante.

⁹ Na mesma entrevista, o S.Aristeu menciona que frequenta assiduamente a Assembléia de Deus em A. dos Reis.

¹⁰ Falaremos mais do Isaac de Castro no próximo capítulo.

¹¹ Na época o Pr.Sales e Pr.Argemiro tiveram um rompimento. O primeiro presidia a Assembléia de Deus no Provetá e lá ficou. O Pr. Argemiro mudou-se para Angra e lá fundou uma filial provetaense da Assembléia de Deus.

¹² Para visualizar melhor as intrincadas redes de parentesco, ver a genealogia dos personagens apresentados neste trabalho, no anexo 2. Neste caso estamos ainda na família originária do casamento entre José Belmiro e Maria das Neves. Seus filhos são apenas três: Benedito, Delfina e Ducilde.

De certa forma, o Zé Belmiro ao se tornar o primeiro provetaense a experimentar o milagre e a ação do Espírito Santo em seu próprio corpo, tendo se convertido ao evangelho logo em seguida, representou o início de uma nova era e de um novo tempo para aquele território e para as pessoas que ali viviam, e esta importância, foi acrescida por seus descendentes (filhos e netos). Seu filho Benedito, com todas as suas funções, e seu neto Eliseu, como atual pastor presidente, nos comprovam que o Zé Belmiro, nos primeiros momentos de chegada do evangelho, originou uma descendência familiar (ou um "clã") importante para a igreja local. Certamente esta importância não pode ser atribuída somente à rapidez de sua conversão, ou ao fato de os primeiros cultos terem sido realizados em sua casa, mas sim ao acúmulo, por parte de seus descendentes, de ocupações e funções valorizadas socialmente, seja o cargo de sub-delegado de seu filho (Benedito), ou o cargo de proeiro de seu neto (Manuelzinho), por exemplo. Ou seja, os descendentes do Zé Belmiro souberam, de certa forma, acumular uma série de capitais simbólicos através de suas atividades. Segundo Pierre Bourdieu, o capital simbólico está embasado justamente naquilo que a sociedade acha importante, naquilo que é valorizado socialmente, ou melhor, é "conhecido e reconhecido como algo de óbvio"¹³, pois diz respeito, exatamente às formas fundamentais que compõem o modo de vida específico daquela comunidade. O fato de o S.Aristeu ter se lembrado da conversão desta família como a primeira a ocorrer no território provetaense, representando, de certa forma, o momento fundador da Assembléia na vila, evento que definiria a partir daí um "território dos crentes"(como veremos a seguir), indica um reconhecimento atual da importância que eles possuem e do lugar que ocupam na hierarquia de poder e de status em Provetá.

¹³ Bourdieu, Pierre. O Poder Simbólico. Ed.: Bertrand, 1989, RJ. p. 145.



Fig. 1: Casa do Pr.Eliseu.

Um fato exaustivamente repetido pelos habitantes da vila é que a chegada da religião evangélica produziu mudanças climáticas, geográficas e sociais, constituindo-se em um marco no tempo (Birman, 2005), dividindo-o em um “antes” e um “depois”. Vejamos como esta mudança no tempo se expressa em outra fala do S. Aristeu:

“Na terra nós plantava rama e não dava mandioca! (...) Deus tirou a praga da terra! Aí já começamos a abrir roça aqui! Fazer lavoura aqui! Planta lá! Aí já dava uma raiz. Aí a gente arrancava e graças a Deus, a raiz tava toda cheia! E dava graças a deus! Deus abençoou a terra! Hoje lá não tem as coisas quem não quer! Se eu vou plantar banana, dá! Mandioca? Dá! O que plantar(...)Deus tem abençoado de uma tal maneira que a gente nem sabe dizer! A bênção que Deus deu naquele lugar, ali não se comprava um ovo de galinha! Ali foi um lugar que eu posso falar publicamente, foi um lugar que teve muita doença ruim, naquela costeira”.

Antes de tudo quero chamar a atenção para o caráter simbólico que permeia o relato, pois como qualquer fração da Ilha Grande, fartamente recoberto por matéria orgânica e protegido pela densidade da floresta Atlântica, o solo do Provetá (principalmente na região das encostas e morros que circundam a vila) era provavelmente tão fértil como aquele do resto da Ilha. É necessário também elucidar que o S.Aristeu, ao se referir à benção sobre as roças, nos indica que ele se refere a um tempo anterior à pesca, ou mesmo a atividades que

ele e sua família estavam concentrados na época, no caso, o trabalho em roças. Em outros relatos, a mudança no espaço-tempo aparece sob a forma do surgimento de um território da “ordem”, ou então em relação ao mar com uma repentina abundância de peixes. Como, sempre, em cada relato, deve-se considerar aquele que fala como alguém que produz um discurso de acordo com sua experiência própria. Na fala do S. Aristeu, a falta de fertilidade do solo é a falta do Espírito Santo, e da sua benção. A mesma benção que posteriormente iria tornar o mar mais manso, iria trazer abundância de peixes e que iria “limpar” o lugar, concentrando a “sujeira” em locais específicos.

1.2. O “morfético”: uma descrição à parte.

Como afirma o sociólogo polonês Zigmunt Bauman em seu “O mal-estar da pós-modernidade”: “entre as corporificações de sujeira, um caso importante é o que outros seres humanos são concebidos como um obstáculo para a organização do ambiente, é uma certa categoria de pessoa que se torna sujeira e é tratada como tal”. Em muitos depoimentos de moradores da vila ouvimos falar de limpeza e sujeira, cada qual com seu território específico, e, especialmente, em relação a um tempo remoto, no qual aconteciam coisas que não existem mais. A circunscrição de territórios específicos que opõe grupos específicos, relaciona, neste caso, um grupo que exerce um predomínio sobre outro, e que o exclui de seu projeto de “ordem” e “progresso”, delimitando rígidas fronteiras para o território dos crentes. Como explica o geógrafo Claude Raffestin: “Falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite que, mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a relação que um grupo, mantém com uma porção do espaço. A ação deste grupo gera, de imediato, a delimitação”¹⁴. No caso de Provetá, além da relação de um grupo com seu “espaço”, a fronteira existe, também, na relação deste grupo com um outro grupo, minoritário e simbolicamente distante da imagem que o primeiro produz de si mesmo. “Morfético” é o modo como os moradores de Provetá se referem à lepra. É a esta doença a que o S. Aristeu se refere em sua fala, e no discurso de muitos dos moradores locais ela é sempre circunscrita à determinada área: “aconteceu na Costeira”.

¹⁴ Raffestin, Claude. Por uma geografia do poder. Ed.: Ática, 1993, SP. p. 153.

A Costeira é a parte leste da praia (canto esquerdo de quem olha para o mar) e é pouco identificada com a vila, ou melhor com a parte central dela. Muitos moradores de lá são “de fora”, muitos não são da igreja, ainda que a Costeira possua uma pequena filial da Assembléia de Deus, fato que, talvez, contribua para a segregação. A circunscrição do “morfético” ao território da Costeira, segue a lógica de que a palavra de Deus, ao chegar no Provetá, veio trazendo o progresso, a higiene e a limpeza, mas delimitou-os ao “território dos crentes”, cujos domínios não se estendiam até a Costeira. A D.Natalina, quando perguntada sobre uma grande doença que aconteceu lá na costeira respondeu: “lá eu não posso dizer, porque nunca fui lá, mas aqui é tudo limpinho, graças a Deus”. A antropóloga Mary Douglas faz um observação neste sentido, em seu livro “Pureza e perigo”: “...considerem-se as crenças sobre pessoas em situação marginal. Estas são pessoas que estão de algum modo excluídas do padrão social, que estão deslocadas. Podem não estar fazendo nada de moralmente errado, mas seu *status* é indefinível”¹⁵. Como afirmou a D.Natalina, ela nada podia saber acerca da Costeira, pois não ia lá, assim como a maioria dos habitantes da vila, cujos interesses e atividades se concentram na área central e seus arredores, não havendo, salvo raras exceções, motivo algum para irem até lá. Mas devo ressaltar que este afastamento dos moradores do centro em relação aos moradores da Costeira, se deve não tanto a um “status indefinível” compartilhado por estes últimos, mas sim à um bem definido caráter excludente de uma comunidade que se vê abençoada e potencializada pela ação divina. Na próxima página vemos a foto do canto esquerdo da praia (tirada da Costeira). É interessante notar a baixa quantidade de casas, que percebemos devido à grande área de floresta que ainda se mantém. Comparando esta foto com a foto de capa (ou com a foto do canto direito, na última página do próximo capítulo), este fato ficará mais claro.

¹⁵ Douglas, Mary. Pureza e Perigo. Ed.: Perspectiva, 1976, SP. p.118.



Fig. 2: Foto tirada da Costeira. Reparar a menor concentração de casas no leste da praia, comparando esta foto com a última foto do próximo capítulo.

Mas, embora haja uma certa “versão oficial” sobre a lepra, é necessário lembrar que ouvimos vozes dissonantes em relação à ela. Muitos moradores falaram que os doentes circulavam pela praia e até, que se relacionavam com a vila, pedindo comida e outras coisas. Mas o território “sagrado”, receptor por excelência da palavra divina, ainda que tenha abrigado leprosos algum dia, tornou-se limpo, ao passo que o morro mais afastado do centro da vila, aonde moram pessoas “de fora”, que formam uma categoria a parte, pouco ou nada ligadas em termos de relações de parentesco, às pessoas do centro, e ainda, pouco ligadas à igreja, foi estigmatizado como “sujo” e como lugar de ocorrência da lepra. Ruínas de um hospital de leprosos, nos disseram, está localizada atrás do morro da Costeira, fato que não conseguimos comprovar, dado o difícil acesso da região. Mas, em uma de nossas viagens, resolvemos fazer a trilha que leva à costeira e, apesar das “contra-indicações”, nossa intenção era ir até o final dela, até um local aonde a mata se fechasse de forma tão intensa que nos impossibilitasse de seguir em frente.

Logo que chegamos ao início da trilha, encontramos Geninho, um conhecido nosso, que nos falou para irmos só até a ponte (uma escada de concreto feita sobre uma parede rochosa), que depois dela não tinha mais nada. Disse que ele mesmo, nascido e criado no Provetá (e nesta época com 22 anos) nunca tinha passado desta ponte, o que indica a

indiferença do povo da vila para com o território do morro. Logicamente, quando passamos a tal ponte, vimos que havia mais casas (embora mais espaçadas umas das outras) e, ali, formas mais raras, e também mais distantes, de se identificar como morador de Provetá. Percebemos aqui uma forma de afirmar o “território religioso”, delimitando suas fronteiras de maneira excludente em relação às pessoas que não compartilham do *ethos* provetaense.

A indiferença de Geninho para com a Costeira pode ser encontrada também na fala de outros habitantes da vila (a D. Natalina, o S. Aristeu, por exemplo), e corresponde, em grande medida, à visão da igreja acerca de seu território de influência (ou de não-influência, como pode ser considerada a Costeira). Além disso, desconsiderar a Costeira como parte da vila pode ter a ver com os três seguintes fatores: o modo pelo qual ela foi ocupada (por pessoas “de fora”), o modo pelo qual os moradores do centro vivenciam seu espaço social (enquanto espaço que abriga as relações sociais importantes para a comunidade) e, até mesmo, com o fato de a Costeira ser o território mais afastado fisicamente do centro. Estas questões serão mais profundamente abordadas no capítulo três deste trabalho.

Quero destacar também que Geninho não é da igreja. Ele se encaixa na categoria local (criada pela igreja) de “desviado”, ou seja, uma pessoa que foi criada na igreja, mas que com o passar do tempo, adotou práticas condenadas por ela, como fumar ou consumir bebidas alcoólicas. Ele largou o colégio na 4ª série para trabalhar na pesca, já é casado e tem uma filha. Tais características (salvo algumas exceções) podem ser usadas para entender o comportamento de grande parte dos jovens da vila, desviados ou não, pois como veremos no decorrer deste trabalho, tanto a pesca como a doutrina evangélica fazem parte da vida dos provetaenses desde bem cedo.

Em uma entrevista, o Pastor Osmar (um dos pastores em exercício atualmente na Assembléia provetaense) afirma que os “desviados” sabem que estão indo pro inferno e se refere ao povo de Provetá como um “povo de origem evangélica”. Certamente, este “rótulo” inclusivo (ou englobante) ultrapassa em muito os limites do poder da igreja (já que o próprio Pr.Osmar diz que veio de uma família católica, que se converteu depois. Assim encontramos várias pessoas que não se consideram de “origem” evangélica, mas que, certamente fazem parte do povo de Provetá) mas, ainda assim, ela quer dizer alguma coisa, qual seja, que, minimamente, a Assembléia de Deus tem uma importância fundamental para o povo de Provetá, e sua influência é sentida por crentes e não-crentes.

1.3. Algumas trajetórias religiosas: Osmar, Eliseu, e Marilene.

O atual ministério da Assembléia de Deus em Provetá é presidido pelo Pr.Eliseu, possuindo mais dois pastores em exercício: o Pr.Paulo e o Pr.Osmar. É especificamente sobre este último que gostaria de concentrar, agora, minha narrativa, considerando sua trajetória fundamental para o empreendimento religioso provetaense, tanto no território da vila, como em alguns lugares fora dele, como veremos a seguir. Os fatos serão descritos de acordo com uma entrevista concedida por ele e sua esposa, Marilene, à prof^a Patrícia Birman, no ano de 2005, mas também com base em minhas próprias experiências vividas na vila e no (breve) contato que tive com o Pr.Osmar e sua esposa.

O P.Osmar não é nascido na Ilha, tendo chegado por lá, mais ou menos no ano de 1971. Nesta época, ele já era evangélico e também já trabalhava em um barco de pesca, pois havia feito um curso de motorista de barco, em Santos, oferecido pela SUDEP (Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca). O dono do barco em que trabalhava conhecia o Pastor Sales (o pastor de Provetá em exercício na época), e foi com a filha deste último que o P. Osmar viria a se casar: a irmã Marilene, uma figura poderosa dentro da atual igreja provetaense, cujas visões (quase proféticas) já comprovaram a ação do Espírito Santo sobre o povo do Provetá diversas vezes. Fato recente, o Pr.Osmar contraiu uma grave doença de coração e estava há algum tempo internado no hospital em A. dos Reis, em estado de coma profundo, com a saúde muito fragilizada devido às várias cirurgias pelas quais tinha passado. Diante desta situação organizou-se um círculo de orações na igreja, em Provetá, pedindo pela sua cura. Diz-se que, nesta mesma noite, o Espírito Santo agiu no corpo do Pr.Osmar, produzindo o milagre da cura. No dia seguinte ele acordou do coma e logo já pôde retornar para sua casa no Provetá. Milagres como este são quase que um lugar comum entre um povo que se considera abençoado por Deus e digno da ação do espírito santo.

A irmã Marilene e o Pr.Osmar fundaram uma filial da Assembléia provetaense em Andrelândia(MG), num bairro de classe média alta daquela cidade, “porque Deus quis assim”, segundo eles. Narraram inúmeros milagres que tomaram lugar em Andrelândia, disseram que, antes da Assembléia chegar, aconteciam muitos suicídios e depois estes

diminuíram muito. Marilene ainda disse que, se há algum problema maior por lá, eles ainda ligam pra ela em Provetá pedindo pra ela fazer uma oração. Na Assembléia de Deus, a fundação de uma igreja não segue nenhuma regra básica de hierarquia eclesiástica ou espacial, como nos explica a antropóloga Clara Mafra: “Como para os assembleianos parte da formação dos missionários passa pelo aprendizado da palavra bíblica, parte depende da atuação do Espírito, teoricamente, todo novo converso pode se sentir chamado para a abertura de uma nova Assembléia de Deus”¹⁶. Numa igreja que surgiu sobre a afirmação de que o caminho para a santificação deveria conjugar imersão no Espírito Santo (a penetração do indivíduo pela inspiração divina) e leitura da palavra, deixando os fiéis mais livres para experimentações culturais a partir da propaganda de sua mensagem (Mafra, 2001), “na Assembléia de Deus, cada igreja-mãe pode fundar outras igrejas sem qualquer disciplina espacial”¹⁷(ainda que a Assembléia provetaense não ache, de maneira alguma, interessante a fundação de outras igrejas em seu território de influência). Além de Andrelândia, o ministério Provetá tem uma filial em Angra (fundada pelo Pr.Argemiro, numa época em que, como dizem alguns, ele rompeu com o Pr.Sales) e até no Peru (fundada por um jovem missionário provetaense), como vemos na foto da próxima página.

Assim, o poder e a capacidade da irmã Marilene, enquanto mediadora da relação homem-Deus (ou enquanto uma mulher que é “usada” por Deus), é reconhecido a ponto de lhe encomendarem orações à distância. De fato, mesmo dentro do Provetá ela pode ser considerada a figura feminina que mais se aproxima de uma posição de liderança e é, talvez, a única mulher provetaense presente em cima do púlpito durante os cultos. Diz-se que pessoas com um dom como o da irmã Marilene são pessoas que são usadas por Deus¹⁸ para transmitir a Sua mensagem para o povo. Ela tem visões acerca do futuro, fala em línguas estranhas, preside os círculos de orações e às vezes, a oração de vigília. Sua importância para a igreja também vincula-se ao fato de pertencer ao mesmo núcleo familiar do Zé Belmiro, do Benedito, do Pr.Sales, enfim um dos (senão o) clãs familiares mais importantes para a igreja.

¹⁶ Mafra, Clara. Os Evangélicos. Ed.: Jorge Zahar,2001. p. 32.

¹⁷ Mafra, Clara. Na posse da palavra. Religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais. Ed.:ICS, 2002, RJ. p. 41

¹⁸ Um antecessor da Marilene nesta categoria é o S. Aristides Pimenta. Já bem idoso, ouvimos falar que “Deus usava muito ele”, sendo que ele é, até hoje, o responsável pela oração de vigília, um culto fechado para os membros da igreja, que acontece toda sexta-feira, das dez a meia noite.



Fig. 3: Filial provetaense no Peru.

Um episódio significativo acerca de seu poder e de seu papel de mediadora da relação com Deus nos foi contado por D.Magna e aconteceu na época em que as primeiras antenas parabólicas chegaram ao Provetá. Seu pai, o Pr.Sales era entusiasticamente contra a televisão, vendo-a como um perigo capaz de ameaçar a “cultura” e a identidade local. Nesta época, o Manuelzinho (irmão da Marilene) chegou a botar parabólica em casa, já que seus filhos estavam indo assistir televisão nas casas dos vizinhos. Certo dia, no culto, a irmã Marilene teve a visão de que se o Manuelzinho não tirasse a parabólica ele perderia um filho. Tocado profundamente por esta visão, o Manuelzinho reuniu a família e todos decidiram que a parabólica devia ser retirada. Esta decisão indica o quanto eles confiavam e temiam a Deus, revelado pela visão da irmã Marilene, e também certa dose de respeito diante da posição do Pr.Sales em relação à televisão. O peso desta decisão pode-se sentir até hoje, já que o Manuelzinho ainda não possui televisão em sua casa.

Com relação à trajetória do Pr.Eliseu, o atual presidente da igreja, não nos foi dado saber muita coisa, e a maioria das informações não nos chegou através dele. Filho do já citado Benedito Belmiro Martins, pertence a uma linhagem (ou clã) muito importante para a história da Assembléia de Deus no Provetá. Seu avô, José Belmiro, foi o primeiro a sentir a ação do Espírito Santo e seu poder de cura, através das palavras do Deoclécio (segundo o relato do S.Aristeu que inicia este capítulo). Seu pai, o Benedito Belmiro, era sub-delegado

da vila além de cumprir a importante função de tesoureiro da igreja, ainda que tenha passado um tempo afastado dela, como nos disse D.Dinah, uma irmã do Eliseu por parte de pai: *“Ele (o Benedito Belmiro) gostava muito de um baile, tocava cavaquinho. Tocava cavaquinho pra fazer o baile, depois que ele se converteu, aceitou Jesus que ele parou com essas coisas”*. O Eliseu, então, já foi criado na igreja desde criança, mas passou um grande período afastado dela. Foi o Tio Louro quem disse que antigamente bebia muito com o Eliseu. Aliás a trajetória do desvio parece estar acoplada ao ascetismo provetaense de uma forma que comprova a vitória do poder do Espírito Santo, pois para um desviado que foi criado na igreja, a volta depende de um arrependimento perante o pastor, seguida de uma dedicação sincera à doutrina.



Fig. 4: Foto tirada durante o culto. No centro da foto, com vestido rosa, está a irmã Marilene.

A nomeação do Pr.Eliseu como presidente da Assembléia de Deus de Provetá demonstra, de forma ilustrativa, meu argumento a respeito do lugar especial desta família na constituição de Provetá como um *“território dos crentes”*. Eliseu foi indicado por seu tio (o Pr.Sales) para substituí-lo. Assim, notamos: primeiro, o poder de escolha centralizado nas mãos do pastor; segundo, a importância das relações de parentesco, pois Eliseu era sobrinho do Pr.Sales, e foi por ele indicado. Logicamente que, mais do que estes dois fatores, a dedicação e o talento de Eliseu como membro da igreja e de seu ministério devem ter sido fundamentais para que o Pr.Sales o tenha escolhido. Dando atenção a este fato

podemos perceber o que para o modo de crer provetaense é mais importante, e assim sobre o que se funda a estrutura social da comunidade: a centralização do poder político e sua fusão com o poder religioso; e as relações sociais hierarquizadas, regidas, em grande medida, pelas relações de parentesco.

1.4. Ser estruturado na palavra: temendo a Deus sobre todas as coisas.

Assim como a pesca, a crença evangélica entra na vida dos provetaenses desde muito cedo, fazendo parte de sua formação como pessoa e influenciando as formas de se construir uma identidade provetaense. Para eles, crescer na igreja significa ser “estruturado na palavra” e crer em Deus tem muito a ver com temê-lo. As crianças crescem escutando passagens bíblicas, principalmente do novo testamento, e temendo a Deus em suas atitudes. Práticas reprováveis pela doutrina são passíveis de punição divina e, como eles mesmos costumam dizer, “Deus não dorme não”. A sensação que se tem é que Deus está presente em todos momentos, observando e registrando cada ato do crente, cujas conseqüências serão sentidas no dia do juízo final, ou, “dia do julgamento”, para usar um termo bíblico. À “palavra” é atribuída uma importância essencial, pois a verdade bíblica contém a verdade do mundo, isto é, a verdade da visão de mundo evangélica, de sua cosmologia¹⁹.

Como afirma Clifford Geertz: *“Vista como fenômeno social, cultural e psicológico (isto é, humano), a religiosidade não é meramente saber a verdade, ou o que é tido como verdade, mas incorporá-la, vivê-la e dar-se a ela incondicionalmente”*²⁰. Creio que o significado de ser “estruturado na palavra”, tal como empregado pelos provetaenses esteja de acordo com a afirmação do antropólogo norte-americano. Pois ser estruturado na palavra é viver uma verdade específica, é ter esta verdade como parte de sua constituição como ser humano, e é, também, compartilhar esta verdade com a sua comunidade. Porém uma verdade comum nem sempre é equivalente a compartilhar ou obedecer uma doutrina, seguindo-a irrestritamente, pois ser membro da igreja acarreta muitas responsabilidades e privações. Em Provetá, não é exatamente uma crença que é amplamente compartilhada,

¹⁹ Uma comprovação desta afirmação encontramos numa apostila do curso de pastor, que o administrador Gustavo Martins nos emprestou. Nela estavam narrados os acontecimento modernos, como as guerras, as enchentes, tsunamis, etc, e, ao lado, a passagem bíblica específica que prediz o evento. Assim a bíblia passa a ser a fonte única da verdade universal (antecipando-se à ciência), e é sobre ela que se estrutura a fé evangélica.

²⁰ Geertz, Clifford. Observando o Islã. Ed.: Jorge Zahar, 1968. p. 30.

mas sim a verdade da palavra divina, manifestada através da bíblia. Mais do que membros da igreja seguindo rigidamente as exigências morais de sua doutrina, há pessoas que temem a Deus e conhecem a sua palavra através do estudo bíblico. Neste sentido é esclarecedor examinar as formas de crer dos jovens provetaenses que, levando em conta o maior contato desta geração com as possibilidades diversas oferecidas pelo mundo moderno, geram novas formas de administrar sua religiosidade.

Teleco, que mora no Provetá desde que nasceu e foi criado na igreja, é um exemplo bastante significativo de como a verdade provetaense fundamental permanece inalterada, enquanto o afastamento em relação à doutrina e às práticas exigidas por esta vai ficando cada vez mais drástico. Quando o conheci, ele tinha 16 anos, era bastante dedicado à igreja, mas já não freqüentava mais os cultos, mesmo sendo ainda do conjunto musical dos jovens (era vocalista). Em nossas outras viagens a campo testemunhamos um afastamento dele cada vez maior em relação à doutrina. Cada vez mais se aproximava dos desviados, usando tabaco, álcool e outros tipos de drogas. Em nossa última viagem (março de 2007), ele estava completamente identificado com o desvio: com 17 anos, passa dias inteiros no bar do canto brabo (Costeira) jogando sinuca e bebendo vinho, circula pela vila com figuras reconhecidamente dedicadas às drogas e fala em alto e bom som coisas que identificam suas práticas (como, por exemplo: “cadê a seda?” ou “vamos ficar chapadão”) não se importando com o que irão pensar dele.

Por um lado, isto é compreensível porque a comunidade toda já está ciente do que Teleco anda fazendo: ali é difícil manter segredo de qualquer coisa. Por outro, ele tem a noção de que só deve prestar contas a Deus, e sabe que ninguém da comunidade vai fazer nada em relação ao seu comportamento, senão reprová-lo solenemente. Pois mesmo com toda a sua transgressão, Teleco ainda teme a Deus sobre todas as coisas, comportamento aprendido desde a mais tenra idade e que permanece tão forte a ponto de ele afirmar que “aquele que não teme a Deus só pode ser um idiota”. Criado na igreja, ele é estruturado na palavra e conhece a bíblia, pois já ouviu e leu muito sobre ela. Talvez pela sua criação e pela sua família (um irmão seu é diácono da igreja; outro é casado com uma filha do Pr.Eliseu) Teleco é um desviado bem próximo da igreja, e freqüenta os cultos de vez em quando, de acordo com sua vontade. Certo dia quando saiu do culto e um amigo o chamou

para fumar um cigarro de maconha, ele disse que não tinha levado isqueiro e nem seda pra igreja, pois temia que Deus o fulminasse ali mesmo.

Foi este mesmo medo que fez com que ele saísse da igreja. Era uma época de curtidão, ele e seu amigo Magnum (filho de Manuelzinho e neto do Pr.Sales) estavam freqüentando inúmeros bailes funk, forrós, enfim noitadas agitadas em Angra. Eles chamam a isso de "experimentar o mundão", ou seja, viver coisas que não viveriam caso estivessem na igreja. Pois nesta época, Teleco começou a ficar temeroso que Deus percebesse sua falsidade de experimentar o mundo e, no dia seguinte, ir ao culto. Ele tinha medo de morrer dentro da igreja por conta disso, ou então ficar paralisado ali mesmo, por isso, resolveu sair. Portanto, ele saiu da igreja por respeito à palavra, mas acima de tudo, por temê-la. E grande parte deste temor vem de um modo específico de a comunidade perpetuar seus valores evangélicos, inculcando-os nas crianças, como veremos a seguir.

1.5. "Criando-os na doutrina e admoestação do senhor", ou o culto por dentro.

Tivemos, certa vez, a oportunidade de observar um culto dedicado às crianças. O que primeiro nos chamou a atenção foi o cartaz imenso pendurado acima do púlpito: "Criando-os na doutrina e admoestação do senhor". A não ser pelo cartaz, e pela maioria dos cantores apresentados no púlpito ser crianças, este culto não diferia muito de diversos que participamos. Num primeiro momento, uma mulher chamava a atenção dos pais devido ao culto do dia anterior ter ficado vazio, o que, provavelmente aconteceu porque se tratava da semana das crianças, e isto, por alguma razão desmotivou a ida de muitos fiéis à igreja, no dia anterior. No dia em que comparecemos a igreja estava cheia, e todos estavam muito bem vestidos (a maioria dos homens usava terno, como é o costume geral nos cultos da Assembléia de Deus). Como sempre, a maioria dos homens sentava-se à direita, e a maioria das mulheres à esquerda, mas isso não deve ser entendido como uma regra, pois pode-se encontrar homens sentados à esquerda e vice-versa. Havia uma atmosfera de emoção, talvez por causa do tema, o que era corroborado a cada vez que uma criança entoava, no púlpito, um hino da igreja. A emoção ficou ainda mais forte quando uma criança de 5 anos subiu ao púlpito e começou a cantar. A igreja foi ao delírio com gritos de "aleluia" vindo todos os cantos, os homens do "ministério" da igreja (aqueles que ficam em cima do

púlpito) levantando as mãos para o céu, gesto que foi acompanhado pela platéia quase inteira. Em um outro momento, a irmã Marilene (que estava sentada em meio à platéia) levantou os braços, e várias mulheres sentadas lá atrás da igreja imitaram o gesto. Esta reação expressa pela platéia demonstra bem quem são os protagonistas do espetáculo. Os gestos, antes de serem re-produzidos pelos fiéis, são produzidos por aqueles que, reconhecidamente, possuem um maior envolvimento e dedicação para com a igreja, ou seja, os que são dotados de maior "capital" religioso, como é o caso da irmã Marilene, do Manuelzinho e dos integrantes do ministério da igreja.

A emoção é muito presente nos cultos, por isso vamos dedicar a ela algumas linhas de interpretação. Como já disse, a fé dos membros da Assembléia de Deus se estrutura pela leitura da palavra e pela entrega total ao Espírito Santo, que se manifesta em milagres, curas e "línguas estranhas". Além disso, a inspiração divina adquire também a forma de um discurso bem elaborado, ou até de uma canção entoada de uma maneira sincera ou emocional. Tivemos a oportunidade de observar ambas as formas. Primeiro, no inspirado discurso do evangelista Gustavo Martins (que também é o administrador da vila) sobre ciência e Deus. Não pretendo aqui me alongar em relação ao tema, que é bastante abrangente e cujo final já podemos predizer: a bíblia é a única verdade do universo. Importa mais a forma com que o interlocutor envolve a platéia calmamente em seu jogo de raciocínio, para culminar vociferando e apontando furiosamente para a platéia numa conclusão que, levando em conta todo o discurso (que deve levar em média meia hora, dependendo se a platéia está cansada ou não, como disse Gustavo), faz muito sentido para os fiéis, que aplaudem, gritam aleluias e glórias, saudando a presença do Senhor. Neste caso o discurso do pregador vai aos poucos expondo sua lógica (ou, sua verdade), e os argumentos, embora façam sentido por si mesmos, irão se juntar para, na conclusão apocalíptica, trazerem à tona a verdade maior que é, em última análise, o objetivo do discurso. É neste momento final que se concentram as energias do orador e da platéia, pois é quando as palavras tornam-se sentimentos (e "sentir" está muito associado a "sentir o Espírito Santo) de uma forma decisiva, e tudo aquilo que ele queria dizer (com tantos argumentos, ora sedutores, ora persuasivos) encontra-se agora dito, e da maneira como ele queria dizer.

Tetéti, diácono da igreja e irmão mais velho de Teleco, é um dos mais proeminentes cantores da igreja do Provetá e foi quem nos contou como se sente ao subir no púlpito para cantar: ele que é tímido na maior parte do tempo, ao subir ali, liberta-se desta timidez, pois é tomado pelo Espírito Santo. Durante o culto, inúmeras canções evangélicas reverberam pelos alto-falantes da igreja (e podem ser escutadas por quase todo o território da vila), e dentro dela, a emoção sonora, ao contrário daquela sentida durante um discurso, precede à mensagem. A música é emoção em forma de som, e de certa forma, as letras, embora tragam mensagens e testemunhos importantes para a doutrina, apenas chegam aos ouvidos dos fiéis de forma posterior aos primeiros acordes. Esta emoção se traduz por calor humano e em concentração dos pensamentos sobre um mesmo “objeto”: o Espírito Santo, aonde quer que ele aja (embora na maioria das vezes isto aconteça no púlpito, certas pessoas podem receber uma chamada Dele a qualquer momento, estando ou não em cima do púlpito). Podemos ver abaixo um momento de comoção ante a ação do Espírito Santo, que ocorreu durante o aniversário do grupo dos homens, membros da igreja, o “Gideões”.



Fig.5: Comoção geral no aniversário do grupo dos Gideões,
Fev/ 2007.

Mas, voltando ao culto das crianças com o qual iniciei esta seção, ao final dele, o Pr.Eliseu (a “autoridade” religiosa local) pega o microfone e, a título de advertência, começa a falar para os fiéis nunca virem para a igreja vazios, que aqueles que tiverem uma

moeda de 50 centavos em casa e não trazerem pro culto, seriam castigados por Deus. Logo após, os presbíteros começaram a passar pelos corredores da igreja com pequenas cestas de veludo destinadas a receber as doações. Enquanto isso, os altos falantes da igreja entoavam uma música num ritmo bem alegre (e até mesmo um pouco infantil) cujo refrão era: “tirin, tirin, a oferta vai caindo dentro da caixinha, tirin, tirin, eu queria ter um coração tão grande como o da viuvinha”. A música conta a história de uma mulher que, ao tornar-se, viúva não deixou de contribuir com valores dignos para sua igreja, e funciona, ao meu ver, como um pequeno estímulo, que vai, desde cedo (como se pode perceber pelo tom alegre e infantil da canção, diferente de muitos hinos da igreja, de tom mais dramático e sério), acostumando os fiéis a realizarem as doações.

Um dia depois do culto, tentei esclarecer uma dúvida que havia surgido quando o li o cartaz estendido acima do púlpito na noite anterior: eu não sabia o que significava “admoestação”. Perguntei a algumas pessoas (não muitas, claro, pois receava causar algum constrangimento) mas nenhuma delas soube me dizer. Deixei de lado, então, e só pude saber ao certo depois de terminado o campo, quando verifiquei no pequeno Aurélio que guardo em minha estante. E lá estava escrito: “admoestar, 2. Censurar ou repreender com brandura; advertir”. Podemos, agora, ver com mais clareza o modo como os provetaenses querem criar seus filhos. Pretendem mantê-los dentro da igreja e da sua doutrina, apoiados sobre a verdade única da palavra divina, advertindo-os ou censurando-os contra os “perigos” do mundo.

Estes perigos são representados, na maioria das vezes, pelas coisas que vem “de fora”, e que se encontram em oposição à doutrina e aos costumes evangélicos provetaenses. Foi mesmo o Pr.Osmar quem disse que o jovem que sai da igreja (o desviado) “sai para o mundo” e que a “*pomba gira do mundo domina drogas, prostituição e álcool*”. Aqui percebemos uma clara relação entre “pomba gira” e “mundo”, pois do jeito que ele falou as duas coisas parecem ser uma só. Percebemos como a igreja identifica uma entidade do candomblé (que, como se sabe é a encarnação do mal para os evangélicos) com tudo aquilo que a doutrina considera a ação do “inimigo” (o diabo²¹), identificando-a, ainda, com o mundo, ou seja, com elementos vindos de fora da comunidade, que vão de

²¹ Satã, no dicionário hebraico significa “o adversário” ou “o inimigo”. E é assim que os provetaenses geralmente se referem à ele.

encontro às palavras da bíblia e aos dogmas evangélicos, praticados e difundidos pelos membros da Assembléia de Deus provetaense. O jovem que se desvia sabe para onde está indo porque ele ouve falar naquilo desde a mais tenra idade; as idéias e formas de pensamento da igreja passam a fazer parte do seu modo próprio de ver o mundo, não importando o quanto ele se afaste, em suas práticas, dos ditames morais, eles sempre vão ser parte integrante do seu conhecimento. A religiosidade está sendo pensada pelo pastor em associação à valorização de uma "cultura" local, considerada "pura" e "abençoada", já que, para o Pr.Osmar, o povo de Provetá é um "*povo de origem evangélica*". Para ele, o jovem que sai da igreja "sabe" que está indo para o inferno.

De certa forma o que o pastor quer dizer é que há uma quebra consciente na rígida estrutura da crença evangélica, quando alguém opta pelo desvio. Esta quebra implica uma abertura às coisas que são entendidas como prejudiciais ao caminho da salvação, mas também capazes de prejudicar e "descaracterizar" uma suposta "cultura" local. Esta se constrói com bases em oposições, por isso, acho bem lógico supor que o desvio faz parte desta "cultura", como tentarei explicar melhor mais adiante. Mas a oposição da qual quero falar aqui é aquela existente na própria forma de ver o mundo dos evangélicos: poder do Espírito Santo X Ação do Inimigo. O homem, segundo a crença (ou melhor, segundo a bíblia como eles mesmos gostam de dizer), foi apresentado por Deus com o livre-arbítrio, com o qual pode escolher livremente entre o bem e o mal. Quando se escolhe estar na igreja e dedicar-se a ela, esta é uma forma de proteger-se da ação do mal, caso contrário, a pessoa se expõe e abre brechas para esta ação. Analogamente, compreenderemos melhor se pensarmos no homem como um copo, um recipiente que, quando vazio pode ser preenchido por qualquer espécie de coisas (pela ação do Inimigo, por exemplo). Porém a salvação virá se este recipiente for preenchido com o Espírito Santo, e isto somente ocorre se o homem utilizar o seu livre-arbítrio para escolher o bem, escolher a igreja e escolher a Deus.

Mas as escolhas nem sempre são tão fáceis e muitas vezes a oposição entre o bem e o mal põe outros símbolos em jogo. Pois foi mesmo Teleco quem disse, quando perguntado se pretendia voltar pra igreja algum dia, que "claro que sim", pois "*é uma família aquilo lá*". A segurança que traz a presença do Espírito Santo, é a mesma segurança encontrada no seio de uma comunidade e no seio de uma família. Estes são conceitos fundamentais para compreender o modo de crer do provetaense, pois como nos disse João Martins (irmão

do Gustavo) o "lazer do homem consiste no trabalho, na família e na igreja". A segurança que traz o sentimento de viver em uma comunidade na qual grande parte das pessoas são parentes e, mesmo não sendo, compartilham uma vida em comum se choca com a possibilidade de o "mundão" entrar nesta comunidade, ou vice-versa (isto é, a comunidade se infiltrar no mundo e perder seu caráter singular).

O fato de viverem em uma ilha contribui muito para que os integrantes desta comunidade pensem em si mesmos como um "isolado cultural". Patrícia Birman, em suas primeiras viagens a campo já nos chamava a atenção para este fato: "A separação entre a ilha e o continente alimentou e alimenta ainda hoje a idéia de um "isolado" territorialmente contido, onde o "mundo" fica "fora" dali"²². Diante da distância física do continente, ou seja, do mundo, aquela sociedade esteve inclinada a se estruturar fechada em si mesma, e, ainda, pretendendo manter-se deste modo como uma forma de assegurar sua identidade. O isolamento geográfico favoreceu o isolamento cultural, embora este último nunca tenha sido inteiramente verdadeiro. A oposição entre a doutrina e o mundo dá conta de proteger valorizando esta identidade local, em detrimento dos elementos vindos "de fora", que chegam através das antenas parabólicas ou mesmo, através dos barcos vindos da cidade (trazendo produtos novos para o mercado, turistas, materiais de construção e até mesmo as drogas e o álcool, tão mal vistos pelos membros da igreja).

1.6. Para sentir a presença do Espírito Santo: entre milagres, curas e "línguas estranhas".

Para entendermos melhor esta relação que põe em oposição "mundo" e "comunidade" vamos nos aprofundar nos significados que compõem o pentecostalismo provetaense enquanto sistema simbólico. Retornemos no tempo, pois, até o ano de 1910-11, no qual encontramos as origens do pentecostalismo moderno, em uma pequena igreja batista localizada em Los Angeles, Califórnia (EUA), freqüentada, principalmente por afro-americanos²³. Os acontecimentos que ali tiveram lugar foram essenciais para a formação de um determinado modo de crer no poder do Espírito Santo, e nas palavras de Jesus Cristo,

²² Birman, Patrícia. Espírito Santo, a mídia e o território dos crentes. In.: Revista de la Asociación de Cientistas Sociales de la Religión em el Mercosur. Nº 8. Porto Alegre, out. de 2006. p. 42.

²³ César, Waldo. A social-historical-theological study of the growth of pentecostalism. In.: Between babel and pentecost: transnational pentecostalism in África and Latin América. Ed.: C. Hurst & Co. London, 2001. p. 24 e 25.

compartilhado pelas igrejas evangélicas brasileiras, inclusive a Assembléia de Deus do Provetá. Renovados pela promessa de serem as novas testemunhas de Cristo, os membros daquela pequena igreja reviveram acontecimentos bíblicos, mais especificamente, aqueles narrados no Novo Testamento, em Atos dos Apóstolos, cap.2, versículos 1 ao 6, que consistem, resumidamente, na passagem seguinte: 'E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar; De repente veio um som do céu como um vento veemente e impetuoso, que preencheu toda a casa aonde estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E eles foram preenchidos com o Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, como o Espírito lhes concedia que falassem. E em Jerusalém estavam habitando judeus, homens religiosos de todas as nações (...) E quando aquele som ocorreu, ajuntou-se uma multidão e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua.'²⁴. E este dia ficou conhecido como o dia de pentecoste (daí o nome pentecostalismo).

Eventos similares foram experimentados pela aquela pequena congregação batista em Los Angeles no início do século, e o são, ainda hoje, pelas igrejas evangélicas espalhadas pelo mundo todo. No Provetá, manifestações parecidas podem ser encontradas, acrescidas de outros significados, de âmbito local e, fundamentalmente aliadas ao sentimento de comunidade. Assim, o falar em línguas estranhas é entendido como uma manifestação clara do Espírito Santo sobre aquela pessoa (significa estar sendo usado por Deus. Não é a toa que uma das pessoas que mais fala em línguas durante os cultos, seja a irmã Marilene). De uma forma simbólica, uma manifestação divina jamais poderia ser entendida pelos homens, dado seu caráter sagrado, por isso, se alguém fala em línguas esquisitas, que não podem ser compreendidas, é claro que é o Espírito Santo que está agindo sobre aquela pessoa. Neste caso encontramos um significado para o não-significar, pois se as palavras em si não fazem sentido algum, nem para quem as pronuncia, nem para quem as escuta, é o ato de falá-las que é dotado de um simbolismo capaz de emocionar e tocar as pessoas com a presença do Espírito Santo.

Uma outra forma de manifestação do Espírito Santo sobre o território, ou melhor dizendo, sobre as pessoas que habitam aquele território sagrado é a ocorrência de milagres. Os milagres são a comprovação do impossível, a imposição de um poderio sobrenatural

²⁴ Novo Testamento, p. 232.

sobre aquilo que se poderia chamar de “miséria” humana. A esposa do Manuelzinho, D.Magna nos narrou detalhadamente episódios impressionantes que aconteceram com membros de sua família, e é um destes episódios que passo a contar agora, tal como me foi contado.

Uma de suas filhas, a Manuela, na idade de 4 ou 5 anos, contraiu um grave câncer de medula. Diagnosticada em Angra, os médicos deram poucos dias de vida para ela, caso nenhum doador fosse encontrado. A pequena menina permaneceu no hospital por vários dias, ficando cada vez mais fraca. Nesta situação ela só pedia para ver o pai, que estava pescando e ainda nem sabia de nada. A irmã Marilene, e outras irmãs da igreja, compareceram ao hospital e realizaram inúmeros círculos de oração, pedindo pela cura da garota, que não acontecia. Quando o Manuelzinho chegou, teve dificuldades de ver sua filha naquele estado, ficou em prantos, desesperado pois não sabia o que fazer. Uma noite, exausto, ele dormiu dentro do quarto do hospital junto com a filha, com uma de suas mãos dada a ela. Eis que, no meio da noite, a pequena menina, antes tão fraca que mal conseguia abrir os olhos, levanta-se e caminha todo o longo corredor do hospital até o banheiro. O Manuelzinho, de tão cansado, nem acordou e, por isso, na hora nem notou o acontecimento. Quando acordou pela manhã, assustou-se por não ver a filha na cama. Foi um paciente que estava na cama ao lado quem o avisou que tinha visto a garota se levantar durante a noite, dizendo que queria ir ao banheiro. Todos correram até o banheiro assustados, e lá encontraram a menina, dormindo calmamente sobre o vaso. Uma outra bateria de exames foi realizada, e o incrível diagnóstico foi que o câncer havia desaparecido completamente. D.Magna afirmou para os médicos atônitos que o Espírito Santo havia curado sua filha.

Fenômenos como estes desafiam o entendimento humano mais cético, porém confirmam de uma maneira fantástica o poder supremo que o Espírito Santo delega àqueles que vivem a Sua palavra. Conforme sugere Clara Mafra: “Podemos dizer que, em contraste com os ritos mais tradicionalistas e ciosos da memória que carregam, os pentecostais, avivados e carismáticos, tendem a focar a questão da intencionalidade na linguagem”²⁵. Os milagres e as línguas estranhas são como que comprovações da ação divina e, por isso, são como que a afirmação do discurso, ou seja, da linguagem (melhor dizendo, do apanhado de símbolos e metáforas religiosas que compõem um sistema de significação,

²⁵Mafra, Clara. Os Evangélicos. Ed.: Jorge Zahar,2001. p. 58 e 59.

através do qual ocorre o envio e a recepção das mensagens religiosas) utilizada pelos missionários, evangelistas e pastores para propagar sua crença.

Um outro aspecto importante da doutrina evangélica e ao qual os membros da Assembléia recorrem a todo momento, diz respeito à difundir a palavra de Deus, como o próprio Jesus ordenou aos seus discípulos. Em relação direta a esta ordem, o apóstolo mais citado nos cultos e conversas na vila é o apóstolo Paulo, tido como o fundador da primeira igreja cristã da história. É conhecida a frase de Paulo de que “Jesus é o único mediador entre Deus e o homem”. Eles afirmam que Paulo foi o primeiro apóstolo a seguir fielmente as palavras de Jesus, pois foi aquele que saiu pelo mundo pregando e ensinando a Sua palavra. Gustavo me contou uma história interessante sobre este apóstolo e a narrarei aqui da mesma forma como me foi contada (na Bíblia, esta história também se encontra em Atos dos Apóstolos): a história começa quando Paulo chegou à Grécia para pregar e viu que os gregos adoravam muitos deuses, e tinham nomes e altares para cada um deles. Diante do panteão de deuses gregos, estes começaram a perguntar para Paulo sobre qual destes deuses ele estava pregando e em que consistia sua pregação. Seria Apolo, Deus do Sol? Seria, então Zeus, o deus dos deuses? Mas dentre todos aqueles altares erguidos para os deuses gregos havia um que honrava um certo “Deus desconhecido”, e foi justo sobre este que Paulo disse que estava pregando. Afinal, sua crença não se embasava em um enorme panteão de divindades, mas, ao contrário, num único Deus, com vários nomes²⁶, que sozinho havia criado todo o universo e lhe dado vida. Paulo passou por muitas cidades da antiguidade pregando para muitos e convertendo alguns. Atribui-se também a Paulo a hierarquia dos cargos da igreja evangélica: pastor, evangelista, diácono e presbítero.

Diante do exemplo do apóstolo Paulo, os evangélicos mantêm a preocupação de trazer cada vez mais pessoas para dentro da igreja, tentando “seduzir” através da palavra. Até mesmo membros de nosso grupo de pesquisa já foram chamados pela irmã Marilene para se tornarem cristãos. Ela dizia, nestas ocasiões, que Deus tinha uma grande obra na vida daquelas pessoas, que elas não estavam ali por acaso. A Assembléia de Provetá é particularmente forte neste sentido, e passo agora a narrar exemplos de pessoas que não são do Provetá, mas se converteram (ou “aceitaram Jesus”) lá.

²⁶ O Deus judeu possui quase cem nomes, entre eles: Yaweah, Eloah, Adonay, Jehova, Saday, On, Agla, Jesus, Eloy, etc.

Lúcia era moradora do Copacabana (RJ) e professora de artes, quando chegou ao Provetá para lecionar no colégio, aonde trabalha até hoje. Criada em família católica, ela disse que não seguia realmente a religião, pois é comum dos católicos seguirem a crença apenas por “tradição”. Ela era católica porque sua família era católica, nada mais. Em Provetá, conheceu Tetéti (de quem falamos algumas páginas atrás), membro da igreja, por quem posteriormente se apaixonou e com quem é casada atualmente. Foi ele quem a levou ao culto nas primeiras vezes. Hoje, Lúcia contribui ativamente para o conjunto das mulheres e é firme seguidora da palavra e dos dogmas evangélicos. Seu marido Tetéti, como já dissemos, é um dos mais proeminentes cantores da igreja e, como ele mesmo disse, encontra paz e tranqüilidade na palavra do Senhor. Ele passou muito tempo de sua vida afastado da igreja, desviado, experimentando e vivendo o mundo, mas hoje percebe que tudo aquilo fazia parte de sua busca para apartar suas angústias, algo que só conseguiu alcançar quando retornou para a igreja. Retomarei o seu caso mais detalhadamente no capítulo 3.

Jorginho é outro exemplo de conversão ocorrida em território provetaense. Mora lá há 16 anos, chegou trabalhando na pesca (como selador, cargo de 2 partes, e o melhor conseguido por ele), que logo largou para tomar conta do mercadinho que fica em frente à igreja. Ele é casado com uma neta do Tio Louro e mora no morro Bela-vista, no caminho da trilha para Araçatiba²⁷. Já foi batizado nas águas²⁸, mas atualmente está fora da igreja. Trabalha fazendo bicos na política e na construção civil, aonde consegue tirar uns 30 reais por dia. Ele conta que já tinha conhecimento da palavra do evangelho, mas nunca havia se dedicado a uma igreja, nunca havia se convertido realmente. Foi em Provetá que teve contato com um homem que, segundo ele, “tinha o dom da palavra”, “sabia ensinar”: o Pr. Leite. Foi este homem que estimulou Jorginho a, mais do que se converter, estudar a bíblia (ele disse que já leu o livro duas vezes). Ele chama a atenção para o fato de que o estudo da palavra de Jesus é que leva o indivíduo a possuir uma fé capaz de dar segurança ao indivíduo. Para ele, estar na igreja é estar sempre com o Espírito Santo e isto lhe traz segurança.

²⁷ O caminho que lava ao morro Bela-vista é indicado pelo número 19, no anexo 1.

²⁸ O batismo nas águas é o ritual pelo qual passam as pessoas que se tornam membros da igreja no Provetá. Como descrito na bíblia, aquele que é batizado nas águas deve se confessar e se arrepender dos seus pecados passados, e dedicar sua vida à palavra de Deus.

De duas formas o sentimento de segurança, advindo da crença na palavra, pode ser entendido dentro da comunidade do Provetá: primeiro como possibilidade de frear a ação do Inimigo, e segundo, como uma contribuição essencial para a comunhão com o todo. As falas de dois personagens já vistos podem ajudar a entender melhor esta afirmação pois, embora se entrecruzem e compartilhem elementos, cada uma delas exemplifica uma forma específica de compreender aquele sentimento. Teleco, nativo do Provetá, recentemente afastado da igreja, sente o que ela sempre significou para ele (e o que ela significa para a maioria, senão para todas as crianças provetaenses criadas na igreja): uma família. Seu percurso como desviado, de modo algum foge à regra, mas, ao contrário, a confirma. Jorginho, uma pessoa de fora, mas convertido no ministério do Provetá, tem no Espírito Santo um sentimento de segurança, pois sendo preenchido por Ele, fecha-se para a ação do mal. Estas duas formas distintas de sentir a segurança advinda do Espírito Santo, de modo algum são excludentes, mas, ao contrário, creio que na maioria dos casos elas se completam para formar um certo *“eu sagrado”*, ou seja, a forma sublimada do *“eu”*, uma condição experimentada por todos aqueles que já sentiram aquela segurança.

O conceito de *“eu sagrado”* (*sacred self*) vem à tona na obra de Thomas Csordas, aonde o autor afirma a espontaneidade como um ponto essencial do ritual carismático e como um critério fenomenológico do *self* sagrado (Csordas 1997; APUD Mafra 2002). A antropóloga Clara Mafra ao se debruçar sobre as colocações de Csordas conclui que o *“eu sagrado”* não é:

“nem a afirmação do controle individual sobre o coletivo nem a do coletivo sobre o individual – como propõe uma teoria durkheimiana do sagrado -, o sacred self, segundo Csordas, se estabelece no compromisso de uma auto-elaboração em direção à alteridade, sendo que é próprio do coletivo o estabelecimento da continuidade da relação com a alteridade sagrada. Isto quer dizer que nos ritos os carismáticos freqüentemente trabalham sobre as motivações e potencialidades dos indivíduos e do coletivo, não necessariamente para as harmonizarem e ajustarem entre si, mas para reafirmarem em ato o valor da modulação entre ambas”²⁹.

²⁹ Mafra, Clara. Na posse da palavra. Religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais. Ed.: ICS, 2002, RJ. p. 232.

Assim vemos que o coletivo e o individual agem de forma conjunta na construção de uma relação com o sagrado, abrindo portas para novas possibilidades e experimentações que aliam desejos e esperanças do sujeito religioso, às conformidades, exigências disciplinares e promessas da coletividade, expressas de forma mais clara pelas lideranças religiosas.

1.7. O desvio, ou a palavra posta à prova.

Assim, vimos que segurança seja na forma que Jorginho ou Teleco nos falam, é um elemento primordial na fé provetaense, pois ela se funda e, ao mesmo tempo, renova, um outro conceito, essencial para o entendimento desta mesma fé: o sentimento de comunidade. Como explica muito bem Zigmunt Bauman na introdução de seu livro *“Comunidade”*:

“Para começar, a comunidade é um lugar ‘cálido’, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está a espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar”³⁰.

Mesmo falando em sentido figurado, a partir de sua experiência individual, Bauman consegue nos passar algo daquilo que sentimos quando falamos em segurança de uma forma ideal. Pois é este sonho de segurança que a comunidade encarna que é reiterado ou acrescido pelo Espírito Santo. Ou seja, o homem que, através de seu livre-arbítrio busca a Deus, está buscando a segurança de andar sempre com o Espírito Santo, ser por ele protegido, preenchido, abençoado e, até mesmo recompensado, mantendo assim as portas fechadas para o *“Inimigo”*. Mas, ampliando a análise deste ponto de vista individual para o coletivo, vemos que este sentimento, quando compartilhado por significativas frações da

³⁰ Bauman, Zigmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Ed.: Jorge Zahar, RJ, 2001. p. 7.

sociedade, fornece uma importante ferramenta para que esta forme uma determinada imagem de si mesma.

Esta capacidade de imaginar a si mesma como um todo completo e indissociável, que compartilha certos valores e reprova outros, é que produz a “sensação de aconchego”, da qual nos fala Bauman. Porém este sentimento abstrato que surge a partir de uma imagem idealizada, diz o autor, acaba por se chocar com o sentimento que brota do seio da comunidade “real”. Pois,

“uma coletividade que pretende ser a comunidade encarnada, o sonho realizado, (...) exige lealdade incondicional e trata tudo o que ficar aquém de tal lealdade como um ato de imperdoável traição”³¹. (...) ‘Há um preço a pagar pelo privilégio de ‘viver em comunidade’.(...). O preço é pago em forma de liberdade, também chamada ‘autonomia’, ‘direito à auto afirmação’ e ‘à identidade’. Qualquer que seja a escolha, ganha-se alguma coisa e perde-se outra”.

Embora demasiada afirmativa e de caráter geral, esta afirmação de Bauman coloca em nossa pauta de análise questões pelas quais passam alguns habitantes do Provetá, sejam eles membros da igreja ou não. Elas se referem ao choque entre uma imagem idealizada e as flutuações individuais que dela derivam ou, até mesmo, que se opõem a ela. São questões referentes à busca por uma identidade individual, necessidade que surge quando a identidade coletiva não está mais dando conta desta tarefa.

De fato os habitantes do Provetá, membros da igreja, gostam de imaginar a sua comunidade de uma forma bastante idílica, afirmando que lá não acontecem crimes (ocorreu apenas um assassinato a um travesti, certa vez, mas trata-se de um caso único, tratado como uma exceção), que lá não há assaltos ou furtos, etc. Até mesmo na época da colônia³², os presos que chegavam à vila eram bem tratados, diversamente do que ocorria nas praias do Aventureiro ou da Parnaioca, aonde eles eram mortos sem piedade. Percebemos então que a idealização da comunidade (por ela própria) pretende passar a idéia de um lugar tranquilo, livre dos males que assolam o resto do mundo, tais como

³¹ Idem, p. 9.

³² Antigo presídio que havia na vila de Dois Rios, parte norte da Ilha Grande, próximo à vila de Abraão.

assassinatos, seqüestros, assaltos e furtos. Mas, como veremos a seguir, o choque desta imagem com a realidade já vem acontecendo. Como Teleco me disse, em nossa última viagem (mar/ 2007), já roubaram até uma televisão de uma casa da vila. Não havendo ninguém na casa na hora da ocorrência, podemos caracterizá-la como um furto.

Mas um outro fato, talvez mais marcante, tornou-se, por alguns dias, o assunto “do momento” enquanto estávamos lá: entraram na casa do Manoelzinho. Sua filha mais velha, Marcela, estava em casa, porém no andar de cima, quando ouviu um barulho estranho vindo de baixo. Não havendo mais ninguém na casa, além dela e da irmã, foi ela mesma conferir o que era. Quando olhou pela janela, os ladrões perceberam sua presença e saíram correndo pelo outro lado da casa, mas mesmo assim, ela pôde notar que eram três figuras, duas da estatura de um adulto e um menorzinho. Primeiramente, acharam que nada havia sido roubado, mas depois, Mayara (17), a caçula, deu por falta de algumas roupas, de peças do anchoval do seu futuro casamento e, até mesmo, de peças íntimas como calcinhas e sutiãs. O acontecimento preocupou a família, pois na maior parte do tempo, só ficam mulheres na casa (que é uma das maiores e mais bonitas do Provetá), já que o Manuelzinho passa grande parte do seu tempo no mar pescando, e o seu filho, Magnum (20) trabalha e mora em Angra atualmente.

Mas, mesmo sendo um fato preocupante, a comunidade, de uma forma geral, não ficou chocada como se aquela fosse a primeira vez que tivesse acontecido algo semelhante. Magnum, que ao saber do ocorrido retornou imediatamente para a vila, ao andar pelas ruas era sempre abordado com a pergunta, “entraram na sua casa?”, a qual ele respondia que sim, “mas não levaram nada, não”. Afirmava para todos que já haviam levantado um suspeito, já que Marcela tinha visto as figuras. Justamente, uma das figuras mais estigmatizadas da vila, e também uma das que mais agride o predomínio do *habitus* evangélico, e é constantemente identificado com o Inimigo: o Enéias, mais conhecido como “Saiene”.

Desnecessário dizer que Enéias é um desviado, porém ele e seu irmão Lininho (também conhecido como “Pretinha”) acrescentaram um teor extra a esta categoria: são os únicos homossexuais assumidos de toda a história da vila, e se portam publicamente como tal. Os dois pertencem a uma família de 14 irmãos, quase todos desviados, filhos de um irmão do Tio Louro, o já falecido Guimauro Lima. Tio Louro (assim como seu irmão) é

“de fora” (mas mora em Provetá há mais ou menos 35 anos) e, mesmo se dizendo crente, não compartilha do modo provetaense de ser evangélico, apenas encontrado nos “filhos do lugar”, como estabeleceu o próprio Louro. Os descendentes do Tio Louro e de seu irmão, em sua maioria espalharam-se pelo território do Cafundo³³, bem nos fundos da vila, seguindo a barra³⁴ rio acima, em direção às encostas onde ficavam as antigas roças (o “Sertão”).

Pois, ao meu ver, a invasão da casa do Manuelzinho, seguida da desconfiança (dado que nada pôde ser provado realmente), expressa um conflito de posições entre diferentes atores da sociedade. De um lado um grande proeiro e dedicado membro da igreja, descendente de uma das famílias locais mais importantes, ex-candidato a vereador, enfim, alguém que reúne em si um acúmulo de capitais (sociais, simbólicos, religiosos e econômicos) que fazem uma das figuras mais ricas (em todos os sentidos) do lugar. De outro uma pessoa que, há muito, já ultrapassou os limites da liminaridade e perambula pelas ruas da vila como um marginal mesmo, travestido de mulher e sempre em companhia de outros homossexuais (não tão assumidos quanto ele). Saiene simboliza tudo aquilo que a comunidade despreza: homossexualismo, drogas e prostituição, atributos sempre associados à ação do Inimigo, pois vão contra à tríade que guia o comportamento evangélico: trabalho, moral e família. Saiene e Pretinha não trabalham na pesca, assumem um comportamento público considerado imoral e, ainda, descendem de uma família que veio de fora (seu pai Guimauro é nativo da praia do Caixadaço), e todas estas características podem ter influenciado para que eles tenham surgido como principais suspeitos pelo roubo à casa do Manuelzinho.

Os “desviados” foram “criados na doutrina” e sabem tudo que podem e não podem fazer, dentro e fora desta doutrina. Sabem tanto quanto todos os fiéis, mas “sentem” algo diferente. Não sei bem explicar (e talvez nem eles saibam muito bem) o que é isso que eles sentem diferente. Pode ser um sentimento de que estão sendo criados em meio a uma reprimenda excessiva, que tenta a todo custo doutriná-los, enquanto as imagens que chegam via satélite mostram um mundo lotado de novas experiências. Por outro lado, os “desviados” estão no Provetá desde antes da televisão chegar por lá, o que nos faz

³³ Indicado no anexo 1 pelos números 2 e 3.

³⁴ A “barra” é o grande rio que cruza o mapa (anexo 1), e seu sentido é indicado pelas setas. Todo o esgoto da vila é lançado neste rio, por isso o nome de barra.

pensar que o desvio seja apenas o outro lado de uma doutrina que priva seus fiéis de certos prazeres desejados pelo corpo (como o fumo e o álcool, por exemplo). O fato é que os “desviados” de hoje em dia estão muito cientes de sua posição, a ponto de possuírem a ousadia necessária para provocar os ditames da igreja. Um exemplo, um tanto significativo, é o de Cebola e Berguinho, moradores da Favela (área contígua à R. Pedro Soares, localiza-se logo atrás dela, a oeste da igreja³⁵) e do Cafundó, respectivamente.

Narrarei o episódio da maneira que me foi contada pelos dois protagonistas. Era um dia chuvoso na vila de Provetá, e eles e seu grupo de amigos estavam no “canto brabo” (um outro modo de se referir ao bar da D.Áurea, que fica no início da Costeira) bebendo e consumindo outras drogas (como maconha e cocaína, especialmente esta última que goza da preferência de muitos dos jovens provetaenses considerados desviados), quando resolveram preparar um frango assado. Berguinho foi até a sua casa pegou um galo, voltou e entregou-o à Cebola que logo quebrou o pescoço do bicho, e começou a depená-lo. Eles levaram o animal para uma casa abandonada ali perto e tentaram acender uma fogueira, mas as madeiras estavam todas molhadas, o que impossibilitou o intento. Aí o Cebola falou: “*quer saber, vou comer assim mesmo*” e é ele que continua contando:

“Comecei a dar umas dentadas, mastigava, mastigava e engolia, depois joguei nas mãos do Berguinho e ele também deu umas dentadas. A gente ficou com a cara toda ensnguentada, igual um vampiro, quando eu mordida aquela pele, ela esticava e quando arrebetava e espirrava sangue na cara toda. Aí eu joguei o frango nas costas e saímos andando pelo meio da vila com a cara toda ensangüentada, rindo alto e com o galo sem cabeça sangrando nas costas (...) Eu expulsei gente dos dois bares, cheguei naquele bar do lado da casa do Negão e joguei o bicho todo sangrando em cima do balcão e pedia para preparar para mim, aí espirrava sangue nos outros, sujei o bar todo de sangue... Até falei que ia virar macumbeiro”³⁶.

Será que Cebola havia realmente “incorporado” a tal pomba gira que o Pr. Osmar tinha comentado, ou simplesmente, endoidecido por uma grande quantidade de drogas,

³⁵ No anexo 1, a Favela está indicada pelo nº 1.

³⁶ Esta detalhada narrativa eu retirei do relatório de campo de Eduardo Pereira, outubro 2006.

resolvera provocar as leis da igreja “incorporando” (simbolicamente e até, provocativamente) tudo que ela considera de pior? A segunda opção me parece mais plausível. Cebola e Berguinho (este último já é casado e possui uma filha) trabalham em cargos baixos na pesca. Sua parte do ganho não ultrapassa duas partes, e, muito provavelmente, eles continuarão nestes cargos por todo o tempo em que estiverem trabalhando na pesca em Provetá. Assim, eles não incorporaram apenas a “pomba gira” do Pr.Osmar (pois foi assim que o episódio foi interpretado pelos membros da igreja), mas a opressão causada por um sistema hierárquico de trabalho, que privilegia certas condições que eles não possuem (como ter algum parente próximo que seja proeiro ou dono de barco, ou estar ligado à igreja, por exemplo³⁷) e, talvez, não queiram possuir. Eles são, por assim dizer, os “operários” da indústria da pesca. A maior parte dos jovens desviados que conhecemos, ocupam estes mesmos cargos, além de co-habitarem as mesmas áreas: o Cafundó e a Favela. Começamos, então, a perceber como o território é organizado na vila, que áreas são mais valorizadas e por quem. O Cafundó e a Favela são como bordas periféricas do Centro, representado pelas ruas Maria das Neves (aonde moram o Pr.Osmar, o Gustavo Mrtins e o Manuelzinho), Pedro Soares (local de moradia de algumas das famílias mais antigas e tradicionais da vila, como os Pimenta e os Martins) e pela praça da igreja (aonde mora o Pr.Eliseu) . São territórios contíguos fisicamente, e a distinção apenas existe socialmente, e surgem no interagir das pessoas.



³⁷ Certa vez me foi dito que há apenas dois barcos de pesca em Provetá cujos proeiros não são da igreja.

Fig. 6: R.Pedro Soares, à oeste da igreja. A casa amarela à esquerda é do Zé Pimenta. A pequena entrada um pouco antes da casa é o 'Beco da Alexandrina'.

O espaço geográfico e sua organização num dado momento é o palco no qual se desenrolam as relações sociais criando assim aquilo que Pierre Bourdieu³⁸ irá chamar de espaço social, cujas representações físicas e simbólicas podem ser sentidas pelos diversos agentes envolvidos. Cada um destes agentes ocupa uma posição específica neste espaço, isto é, na teia de relações que compõem este espaço. A posição social de cada pessoa é algo que a distingue das outras, que não compartilham a mesma posição. Deste modo, as distintas ocupações do território da vila representam geograficamente distintas formas de ocupar uma determinada posição na estratificação social, esta pautada, sobretudo, no afastamento ou na proximidade do indivíduo (ou de sua família) em relação aos valores centrais da comunidade. Como explica Bourdieu, a distinção

*''produz separações destinadas a serem percebidas ou, melhor, conhecidas e reconhecidas como diferenças legítimas, quer dizer, na maior parte dos casos, como diferença de natureza.(...) A distinção é a diferença inscrita na própria estrutura do espaço social quando percebida segundo categorias apropriadas a esta estrutura''*³⁹.

No capítulo 3 irei analisar como esta ''distinção'' ocorre no território provetaense, levando em conta, para isso, a importância da atividade religiosa que procurei destacar até aqui, mas também a influência decisiva do trabalho da pesca, como principal atividade econômica dos habitantes do Provetá.

³⁸ Bourdieu, Pierre. O Poder Simbólico. Ed.: Bertrand, RJ, 1989.

³⁹ Idem. p. 144.

Capítulo 2: Geografia Social e relações de trabalho.

2.1. Introdução.

Neste capítulo pretendo realizar uma análise dos usos e significados adquiridos pelo espaço (com este termo quero indicar tanto o território da vila, as encostas e morros que a circunda e até mesmo o mar, pois a dinâmica social dos provetaenses abrange todos estes espaços) de acordo momentos diferentes da história de Provetá, considerando a atividade econômica que prevalece em cada um deles, e modo pelo qual ela é capaz de afetar a dinâmica social dos moradores da vila, efeito sentido tanto no *espaço social* quanto no geográfico (o território). O geógrafo Milton Santos já nos chamava a atenção para a importância de considerar o espaço não como o resultado de uma interação entre homem e natureza bruta e nem como uma mistura entre sociedade e meio ambiente, como proposto em definições clássicas da geografia, mas sim *“um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento”*⁴⁰. Temos assim um conceito de espaço associado de maneira fundamental à dinâmica da vida social. Longe de entender esta dinâmica como homogênea, Santos vai além da conceituação abstrata e propõe, de forma definitiva, que o espaço é *“um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, tem um papel na realização social”*⁴¹. Assim, o espaço define-se pelo movimento dos diversos segmentos sociais, cujo resultado possui uma representação específica, ou uma forma específica. Mas falar em *“segmento”* ou *“fração”* social significa falar em algum tipo de divisão ou diferenciação; e a diferenciação que se realiza através das ações das forças produtivas são essencialmente de caráter hierárquico e desigual. Como afirma Santos:

“O espaço assume hoje em dia uma importância fundamental, já que a natureza se transforma, em seu todo, numa forma produtiva. Quando todos os lugares foram atingidos, de maneira direta ou indireta, pelas necessidades do processo produtivo, criam-se,

⁴⁰ Santos, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. Ed.: HUCITEC, 1988, p. 26.

⁴¹ Idem, p. 27.

*paralelamente, seletividades e hierarquias de utilização com a concorrência ativa ou passiva entre os diversos agentes*⁴².

Assim, segundo o autor, o espaço representa, em suas formas de utilização, as hierarquias que surgem diante de modos de produção fundamentados na concorrência entre os agentes, e designados pela demanda de um capital industrial.

Na vila de Provetá, modos diferentes de relação com o solo, e com o território em si, indicam ocupações diferenciadas do espaço. Ou seja, o espaço natural que é anterior ao povo, dispõe algumas possibilidades, dentro das quais irão se desenvolver valores estruturais para aquela sociedade. Um personagem fundamental para explicar o que quero dizer exatamente com isso é o Nourival Lima, de 73 anos, conhecido por todos como Tio Louro. Nativo da Ilha Grande, da praia de Caixadaço, chegou em Provetá há mais ou menos 32 anos. Ele me fez uma descrição da ocupação territorial neste tempo em que chegou por lá: havia por volta de 50 casas no total, a maioria de estuque (barro) sendo que grande parte (umas 15) se concentrava na Fazenda, cujo dono era o Pedro Soares. Os morros que rodeiam a vila eram quase que completamente preenchidos por grandes roças de subsistência⁴³. No morro onde fica a trilha para o Aventureiro, ficava a roça do Pedro Soares. Como em várias outras praias da Ilha (na Praia da Longa, por exemplo) as áreas de encostas que eram ocupadas com roças eram denominadas de “Sertão”. Na figura da próxima página podemos observar, de longe, o “Sertão” provetaense. Certas áreas descampadas podem ser ainda notadas. Algumas são roças até hoje, e é por ali que se situa a roça do Tio Louro.

⁴² Idem, p. 28.

⁴³ Tio Louro sabia dizer com a exatidão de quem viveu naquele tempo, a direção ou a área específica da roça de alguém. Ele dizia “ali era a roça do Deoclécio” e apontava para determinado lugar no meio da mata densa, “ali era a roça do Benedito” e apontava noutra direção. Como astuto conhecedor do trabalho em roças, ele trabalhou para muitos destes antigos habitantes de Provetá.



Fig. 7: Foto tirada de um barco, chegando em Provetá. Ao fundo, as encostas aonde se localizavam as antigas roças.

Tio Louro é um dos poucos habitantes de Provetá que ainda possui uma roça, da qual retira a maioria do seu sustento, senão em produtos para seu próprio consumo, também na troca dos produtos excedentes. Ele cultiva em sua roça banana, cana-de-açúcar, mamão, pimenta, cambucá, mandioca, gengibre, cará, chuchu, entre outros. Possui armadilhas espalhadas pelo terreno para pegar gambás e ratos, pestes da plantação. O conhecimento dele acerca do trabalho foi aprendido com seu pai e aprimorado pela experiência própria. Além da roça, Tio Louro ainda pesca para seu sustento, mas assim como na roça, o excedente, quando há, é trocado ou vendido. Todos os dias, se não vai pescar (atividade que realiza artesanalmente, isto é, com linha, anzol, canoa e não num barco pesqueiro), Tio Louro vai trabalhar na roça, que fica há uns 20 minutos morro acima partindo da sua casa. Esta, no finalzinho do Cafundó⁴⁴, é uma das mais antigas da vila, ainda de madeira e estuque, foi construída por ele mesmo e possui em seu pequeno quintal, máquinas manuais de moer cana e triturar mandioca (para fazer farinha), além de algumas plantas usadas para fazer remédio (como xaropes, por exemplo) e algumas árvores frutíferas.

Vemos, assim, que a paisagem do Provetá, nesta época era bem diferente do que é hoje, isto por causa de uma relação diferente como o território, ou melhor, por causa de um significado diferente que ele tinha para os antigos habitantes da vila. Trabalhar o solo,

⁴⁴ Indicada no anexo 1 pelo n° 21.

manter uma roça, era um importante meio de subsistência, senão o principal, e esta importância era expressa pela quantidade de roças que existiam nos morros e encostas que circundam a vila. Deste modo, vemos como o espaço simboliza o resultado da ação de um modo de produção específico, ou seja, como a representação do território subordina-se ao significado que o trabalho detém para a comunidade, naquele momento. Como veremos a seguir, mudanças sócio-econômicas estruturais serão capazes de atribuir novo significado ao trabalho em roças, deixando-o em segundo plano devido a crescente importância que vai adquirir o trabalho da pesca, atrelado a uma demanda industrial.

2.2. O trabalho da pesca.

De acordo com Aparecida Vilhaça (1984), em seu trabalho sobre a população do Aventureiro (praia que localiza-se ao lado de Provetá), os grandes barcos pesqueiros chegaram à ilha por volta das décadas de 1950/60. Mais ou menos nesta mesma época começou a ocorrer (e posteriormente se desenvolveu de maneira intensa) uma concentração industrial da sardinha nas regiões do Rio de Janeiro, Niterói, São Gonçalo e Angra, e foi atrelada a essa demanda industrial que a pesca em Provetá se desenvolveu, tornando-se a principal atividade econômica de seus moradores. De início, algumas famílias obtiveram maior destaque, sendo predecessoras da atividade, mas atualmente o trabalho da pesca faz parte do *ethos* local e é quase impossível elaborar uma análise da vila de Provetá sem antes refletir sobre sua importância.



Fig.8: Alguns dos barcos de pesca do Provetá.

Sabemos que o primeiro barco de pesca da vila chamava-se “Irmãos Unidos” e foi construído em Santos-SP pelos irmãos Ananias, que eram três: Benedito Neves Martins (o marido da D.Natalina, de quem falamos um pouco no início do capítulo anterior), Zeca Ananias e Maneco Ananias⁴⁵. A família Martins é natural de lá mesmo de Provetá, e é comumente referida pelos moradores locais como “uma das principais famílias da pesca”. A trajetória particular de cada um dos irmãos também diz muito sobre as transformações que ocorreram em Provetá com o desenvolvimento da pesca: um foi o primeiro médico local, outro virou vereador em Angra e o outro tornou-se pastor, também em Angra. O Benedito (que era o médico) foi o único que permaneceu em Provetá trabalhando na pesca, e muitos moradores falaram que ele usava um grande livro de homeopatia para curar as pessoas, e que conseguia curar várias doenças que nem os médicos de Angra conseguiam. Algumas pessoas nos relataram que foram curadas por ele, ou contaram histórias de algum parente que tenha sido curado por ele. Os três irmãos começaram na pesca e depois enveredaram por caminhos diferentes, entrelaçando aí religião e política, o que, de um modo ilustrativo, simboliza o desenvolvimento posterior da vila de Provetá naquilo que ela é hoje.

⁴⁵ Ainda hoje o barco que busca as crianças em todas as praias da Ilha para levá-las ao Colégio Estadual Pedro Soares em Provetá, presta homenagem à estes irmãos em seu nome: Irmãos Unidos 2.



Fig. 9: Barco da escola, Irmãos Unidos 2, aportando no cais para embarcar crianças.

Diferentemente da vila de Abraão, cujo desenvolvimento econômico se deu com o crescimento do turismo (mas, vale ressaltar, de uma forma prejudicial para os moradores locais, já que os principais donos de pousada são gente de fora e até estrangeiros, com maior poder econômico e social, fato que relega aos “nativos” cargos secundários ou subalternos dentro da indústria turística), em Provetá a fraca ascensão desta atividade foi acompanhada pelo crescimento da pesca como principal atividade econômica, e da irradiação da doutrina evangélica da Assembléia de Deus por grande parte de sua população. Portanto, Provetá é hoje a maior comunidade pesqueira da Ilha Grande, com 1300 habitantes, 372 famílias e 380 casas (dados fornecidos por Gustavo Martins, o administrador da vila, indicado pelo Pastor e nomeado pelo prefeito de Angra).

Gostaria de especificar que as categorias de que me utilizei acima de “comunidade de crenças” e “comunidade pesqueira”, não foram criações arbitrárias minhas, mas o resultado da interação, física e simbólica, do povo de Provetá com as populações vizinhas, e, até com a população mundial (se entendemos a presença do “mundo” na vila enquanto elementos que vêm “de fora”, através, por exemplo, de uma mídia televisiva quase recém-chegada à vila, dado que a luz elétrica apenas chegou lá no ano de 2001⁴⁶). Tais categorias

⁴⁶ Cf. André Bakker. Entre telas e orações: religião e mídia em uma comunidade evangélica na Ilha Grande. Monografia de final de curso. Rio de Janeiro, UERJ, 2006.

funcionam de forma excelente na produção de um conhecimento instantâneo sobre aspectos específicos acerca daquela população, pois dão conta de assimilar uma particularidade, presente dentro de um contexto maior, que envolve todas as comunidades da Ilha. O antropólogo norueguês Friedrik Barth, ao se debruçar sobre uma região, abarcando em seus estudos certa variedade de comunidades, chamaria isso de *“buscar a diversidade local”*, pretendendo *“assegurar a não ocorrência de uma generalização ou projeção imprudente sobre outras comunidades da região”*⁴⁷ partindo de um aspecto que talvez fosse singular à uma determinada aldeia curda que estivesse estudando. Ou seja, não estender um conceito pensado para determinada tribo, a outras tribos simplesmente pelo fato de pertencerem ao mesmo grupo étnico. Ao contrário, minha preocupação aqui é justamente captar as variações internas dessas categorias pré-definidas, sabendo de antemão que estas categorias definem uma identidade provetaense, diferenciando-a, ou destacando-a das demais comunidades da Ilha. Ou seja, dizer que se trata de uma comunidade de crentes, ou da maior comunidade pesqueira da Ilha, serve para distingui-la de outras comunidades ao redor que não possuem as mesmas características (ou que as possuem em menor grau), mas não para informar sobre como os próprios moradores desta *“comunidade”* se aproximam ou se afastam destas categorias.

Pois em minha última ida a campo (março de 2007) constatei que a identidade de *“comunidade pesqueira”* serve muito melhor para caracterizar, de uma maneira geral, o modo de vida provetaense do que *“comunidade de crentes”*, pelo simples fato de que a pesca é uma atividade bem mais comum do que a plena dedicação às práticas religiosas pentecostais. Devo esclarecer que não estou de maneira alguma interessado em generalizações, ciente do fato de que um rótulo pode não ser capaz de dizer muita coisa sobre o conteúdo, porém elas existem, e partem, tanto da mídia quanto da própria comunidade e até mesmo dos outros aglomerados populacionais da Ilha Grande. Quero apenas chamar a atenção para o fato de que o interesse na atividade pesqueira (em suas diversas formas: artesanal, industrial, pesca de molinete, de linha de fundo, pesca de cerco, etc.) é compartilhado por uma quantidade maior de pessoas, do que aquelas que constituem o corpo de membros da igreja. Mesmo em conversas habituais, por exemplo, entre

⁴⁷ Barth, Friedrik. Lask, Tomke (org). O guru, o iniciador e outras fronteiras antropológicas. Ed.: Contra-capla. 2000, p. 192.

desviados, ou afastados⁴⁸ há o interesse por qual barco saiu, qual voltou, quanto pescou, quem pescou mais, qual motor é melhor, qual barco é maior, qual é mais rápido, etc. Independente de ser ou não da igreja, ser provetaense é, antes de mais nada, ter certa dose de interesse pela pesca, percebendo-a como atividade que tornou possível a chegada do desenvolvimento, da prosperidade econômica e do “progresso” à vila do Provetá.

Foi a pesca que possibilitou a ascensão econômica da vila de Provetá. O atrelamento à demanda industrial (principalmente de sardinha, cara-pau e curvina, peixes mais comumente capturados pelas redes dos barcos de pesca de Provetá) das grandes cidades trouxe riqueza e prosperidade para o povo da vila, mas também trouxe consigo a intensa hierarquização do trabalho. Cada barco pesqueiro é uma pequena empresa; o empreendimento é uma característica fundamental do trabalho da pesca. O barco possui um dono que fica com a metade dos lucros da pescaria. A outra metade é dividida em partes iguais. De acordo com o cargo, cada tripulante recebe um número específico de partes. O proeiro recebe 10 ou 11 partes; o mestre e o contra-mestre recebem 8 ou 9 partes; o cozinheiro recebe 3 ou 4 partes; os cargos mais baixos são os de gelador, selador de gelo, safador e caiqueiro que recebem 1,5 ou 2 partes. Há ainda um cargo de uma parte, chamado de “convés”, destinado à novatos (geralmente crianças de 13 ou 14 anos) que cumprem qualquer função pois estão ainda aprendendo o trabalho.

São raríssimos os casos em que o indivíduo começa no convés e chega a ser proeiro ou dono de barco (o empresário Isaac de Castro foi uma destas exceções, mas falaremos dele mais adiante), sendo mais observada a permanência por anos a fio no mesmo cargo. Para os jovens entre 25 e 30 anos, o mais comum é ocuparem os cargos de duas partes, ou seja, são os que recebem menos e trabalham mais. O trabalho da pesca é sempre caracterizado como extremamente fatigante e perigoso. Dormem pouco, pois o sonar (espécie de radar) pode localizar um cardume a qualquer hora do dia ou da noite, e todos tem que assumir suas posições e ajudar a puxar a rede. Sem contar os perigos enfrentados em alto mar, como tempestades e mares bravios, por exemplo. Chegar a ser proeiro de barco não é nada fácil, depende muito da atitude pessoal, da família (se, por exemplo, o seu pai ou seu tio são donos de barco, como no exemplo de “Michola” que veremos a seguir,

⁴⁸ Categorias criadas pela igreja para identificar pessoas que foram criadas na doutrina evangélica, mas no decorrer da vida, por alguma razão afastaram-se dela.

isso facilita algumas coisas) e também da sorte. Vou agora citar alguns casos em que características fundamentais do trabalho da pesca são ressaltados pelos próprios atores sociais. É interessante notar de acordo com o que alguns se sobressaem e outros não, e a partir daí perceber o que é valorizado no trabalho: a ousadia (ou melhor dizendo “capacidade empreendedora”), a experiência e, talvez acima de tudo, a sorte.

Fábio “Michola” é nascido e criado no Provetá. Já trabalhou em muitos barcos até chegar ao Pedro João, um dos maiores barcos da vila e no qual trabalha atualmente, que pertence a seu tio. Michola é desviado da igreja, ou seja, foi criado nela mas não é mais membro. Na pesca ele trabalhou muitos anos em cargos de 2 partes, 3 partes, mas hoje em dia ele tem o respeito e a confiança do proeiro do Pedro João, e ocupa um bom cargo dentro do barco. Ele ganhou esta confiança porque, certa vez, o proeiro do barco pediu-lhe para ficar em seu lugar em uma pescaria. Então, Michola localizou um grande cardume de sardinha e chamou para si a responsabilidade⁴⁹: pediu a rede. A rede foi jogada e eles conseguiram pegar o cardume, matando grande quantidade de peixe. A partir daí Fábio ganhou a confiança do proeiro do barco e passou a ocupar um cargo “equivalente” (como ele mesmo disse) ao de mestre ou contra-mestre.

Um outro caso ilustrativo é o de Josué Garcia, morador do Cafundó. Seus pais não são nascidos no Provetá e ele não possui nenhum parente que seja proeiro ou dono de barco. Ao contrário, seu pai a vida toda foi cozinheiro em barco de pesca, e além disso, quando chegava de uma pescaria não encontrava sossego em casa. Acordava no outro dia de manhã bem cedo para ir trabalhar em sua roça localizada no antigo Sertão. Josué também trabalha como cozinheiro em um barco, mas espera galgar os degraus da profissão: ele quer subir de cargo. Disse que certa vez já saiu de “segundo” (contra-mestre) num barco porém não conseguiu matar peixe nenhum, pois não deram nenhum lance de rede, talvez porque não encontraram nenhum cardume, ou porque faltou a coragem para chamar para si a responsabilidade. O cargo de cozinheiro é tido por muitos como um trabalho fácil, porém esta é uma impressão errônea. A tripulação faz 4 refeições por dia, e após cada uma delas todos tem alguns momentos de descanso, enquanto o cozinheiro deve lavar a louça e começar a preparar a próxima refeição. Espera-se que o momento de descanso do

⁴⁹ Jogar a rede mobiliza o trabalho de 12 homens, havendo sempre o risco de não conseguirem pegar o cardume. A responsabilidade reside no fato de que 12 homens significam 12 famílias, e é a responsabilidade sobre estas famílias que Michola estava chamando para si naquele momento.

cozinheiro seja enquanto a tripulação está cercado, mas diversas vezes ele também ajuda a puxar a rede. Nada num barco de pesca é fácil e ninguém está isento da extrema fadiga, nem mesmo o proeiro, cujo trabalho me foi descrito por alguns como ``é só ficar lá de cima dando ordens``. Não é bem assim, ele é o líder e seu tipo de trabalho é outro como veremos a seguir.

A função de proeiro depende muito da confiança e da responsabilidade dele. È um trabalho mais intuitivo, de liderança mesmo. Um bom proeiro deve ter experiência, deve saber o momento certo de pedir a rede, a direção certa de cercar o cardume, enfim, deve possuir um aguçado senso de pescador, desenvolvido ao longo de anos de uma relação íntima com o mar. Caso contrário não haverá tripulação disposta a sair com ele, temerosos de trabalharem para alguém com pouca experiência cujo senso de pescaria pode não ser capaz de realizar o trabalho com sucesso, afinal, como já foi dito, a tripulação que se põe nas mãos de um proeiro, está pondo sua família também. Presenciamos em campo o seguinte acontecimento que comprova estas afirmações: Maguinho nunca havia trabalhado como proeiro e, mesmo sendo da igreja, os outros jovens caçoam dele e riem dizendo que ele é pouco inteligente. Zombarias a parte, um belo dia, Maguinho pegou um barco de Angra chamado Mestre Jesus, abasteceu com óleo, gelo e demais reparos, os quais somaram por volta de 15000 reais, e voltou para Provetá em busca dos 11 garotos que disseram que iam sair para pescar com ele. Na hora ninguém quis ir, pois Maguinho não tem experiência como proeiro, ele é ``novo no ramo``, e os outros não tem confiança nele. Por sorte, ele conseguiu passar o barco para outro e se livrar do prejuízo.

Vimos, até agora, que a estrutura hierarquizada do trabalho da pesca privilegia os salários dos altos cargos em detrimento dos pequenos, ocupados, em sua maioria por jovens. Pois é esta mesma estrutura hierárquica, aliada ao pertencimento à igreja, que irá definir o esquema subsequente de organização e ocupação territorial da vila, que se seguiu ao declínio das roças. Com a possibilidade de tirar (nas boas épocas da pesca) uns mil reais de parte, o trabalho de subsistência executado nas roças foi perdendo cada vez mais sua importância. Em vez de plantar, esperar um ano e depois colher, hoje você simplesmente pega seu dinheiro, vai até o mercado (em Angra) e adquire o produto. As roças hoje estão associadas às pessoas que não tem condições de ficar indo pra Angra, e gastando dinheiro, ou seja, pessoas mais pobres. Certamente, estas pessoas não estão inseridas na indústria da

pesca, e foi o Tio Louro quem informou que a maioria das roças do Provetá são de moradores do Cafundó e da Costeira, lugares marcados pelo afastamento do eixo central expresso na dicotomia pesca/ igreja, e representado espacialmente pela R. Pedro Soares (como pode-se observar no anexo 1, ao final deste volume).

Desta forma, a pesca exigindo um contingente cada vez maior de mão-de-obra, gera uma transformação no espaço, concentrando o trabalho não mais no Sertão (alto das encostas, distante da praia), mas no mar. Esta mudança não ocorreu de forma definitiva, mas foi um acontecimento gradual, e, de certo modo, está se processando até hoje. O fato é que a pesca industrial permitiu um avanço econômico capaz de transformar o modo de vida local, passando da subsistência à entrada no mercado. Concomitantemente ocorreu um aumento da população e uma ulterior modernização no modo de construir, com a chegada das casas de cimento e concreto. O crescimento populacional aliado ao desenvolvimento econômico foi capaz de trazer mudanças estruturais na comunidade, efetuando novas divisões e originando novos segmentos sociais altamente hierarquizados, tal qual o trabalho da pesca. O território será dividido em pequenos bairros com características próprias, e as fronteiras delineadas pelos habitantes locais, dirão respeito à complexidade das relações sociais e de parentesco existente entre eles.

Um novo trabalho que será capaz de redefinir a escala de valores da comunidade, criando novos significados para antigas atividades, e novas distinções sociais embasadas nas formas hierárquicas de organização, tanto da pesca quanto da igreja. O espaço social vai ser, assim, representado também sob a influência destas redes de atividades hierárquicas, e a própria relação com o espaço será uma expressão das relações sociais, embasadas nesta nova escala de valores. Os novos territórios que irão surgir, serão a representação física de uma “distância” social que separa os atores, ou que os distingue enquanto próximos ou afastados dos valores centrais da comunidade.

A esta “fronteira” sócio-espacial, o antropólogo Evans-Pritchard, em seu famoso livro “Os Nuer”, chama de distância estrutural. Ele explica: “*A distância estrutural é de ordem muito diversa, embora sempre seja influenciada e, em sua dimensão política, amplamente determinada pelas condições ecológicas. Por distância estrutural queremos dizer (...) a distância entre grupos de pessoas dentro de um sistema social, expressa em*

*termos de valores*⁵⁰. Assim, novos valores irão determinar novas distâncias. Aprofundarei a análise sobre o espaço físico e social da vila de Provetá no capítulo 3 deste trabalho.

2.3. Trajetórias de vida relacionadas à pesca.

Como me referi acima, a família Ananias foi uma das mais importantes na pesca, pois construiu o primeiro barco. Pretendo agora discorrer sobre as outras famílias que compartilham, ou até mesmo ultrapassam esta importância. Para tanto usarei como um primeiro exemplo, a vida (ou a parte dela que chegou ao meu conhecimento) e a trajetória de Manuel Gonçalves, que é mais comumente conhecido como pastor Sales. Sua história pode ser resumida da seguinte maneira (segundo nos foi contada por alguns moradores locais, como o Manuelzinho, seu filho, e o administrador Gustavo Martins, entre outros). Proveniente da Ilha Bela (SP), chegou à Ilha Grande com 12 anos, quando começou a trabalhar na pesca. Casou-se posteriormente com D.Ducilde, irmã do Benedito Belmiro Martins (importante figura local e pai do atual pastor, Eliseu. Ou seja, o Pr. Sales era tio do atual pastor). Após 30 anos na pesca demonstrando seu valor, tendo se tornado um proeiro de destaque, ele acabou por tornar-se pastor. Imagino que ele tinha a seu favor, neste sentido, uma forte moral religiosa assim como uma forte determinação a cumpri-la e a fazê-la cumprir-se. Disseram-nos que quando o pastor Sales passava pela rua as pessoas até apagavam os cigarros, por respeito a ele. Aliás, muitas pessoas falaram que ele exigia muito respeito mas que era também muito querido pela população, abraçava as pessoas, era uma pessoa boa, embora fosse “um pescador bem bronco” mesmo, como disse Gustavo. Se turistas aportassem em Provetá e saíssem do barco para passear pela praia em roupas de banho (biquíni ou sunga), ou simplesmente passar por ela a caminho de Aventureiro, o pastor Sales pegava o microfone e logo os altos falantes localizados no alto da igreja sonorizavam sua vociferação exigindo respeito (“nós queremos respeito aqui nesta vila” ou “ponham as roupas para passar por aqui”). Durante sua presidência como pastor, a igreja passou por uma reforma, tornando-se a construção grandiosa que é hoje, erguendo-se bem acima das demais casas da vila. Podemos observá-la na figura abaixo. É interessante

⁵⁰ Pritchard, Evans. Os Nuer. Ed.: Perspectiva S.A., 1978, SP.

notar também os cabelos das senhoras que conversam em frente a ela, longos, como é o hábito das mulheres evangélicas.



Fig. 10: A Assembléia de Deus do Provetá.

O Manuelzinho, como já foi dito, é filho do Pastor Sales, o que por si só já é algo de um grande “peso” social, dada a importância daquele personagem para as pessoas de Provetá. Além disso, a figura do Manuelzinho é das mais proeminentes do lugar, tanto na pesca (é considerado um dos melhores proeiros da vila, e o barco em que trabalha, o “Leopoldo”, é um dos que mais mata peixes) como na igreja (ele ocupa o cargo de “evangelista” que é, segundo Gustavo⁵¹, quase um pastor. De fato, na maioria das vezes em que estive presente no culto, era o Manuelzinho quem o presidia e organizava, com o microfone em mãos, chamando os presbíteros para dar a sua palavra, mandando tocar tal canção, etc, enquanto o Pr.Eliseu, o Pr.Osmar e o Pr.Paulo ficavam sentados nas cadeiras em cima do púlpito). Ele já foi candidato a vereador, e, certa vez que chegamos ao Provetá e perguntamos por ele, nos disseram que ele tinha ido ao Rio de Janeiro para uma reunião com a então governadora Rosinha Garotinho. Algumas obras da vila são atribuídas ao Manuelzinho, como, por exemplo, a nova tubulação de esgoto que, segundo alguns moradores, só se realizou porque o Manuelzinho “correu muito atrás, e ainda botou uma

⁵¹ Manuelzinho e Gustavo são evangelistas. Eles estão fazendo um curso em Angra para tornarem-se pastores.

parte do próprio bolso`. Assim, Manuelzinho concentra capitais⁵² nos campos de maior importância da vida provetaense: no campo da pesca, no religioso, no familiar e até mesmo no campo político.

É interessante notar que a associação entre se tornar um proeiro de “destaque” e virar pastor, como no caso do Pr. Sales, é mais comum do que parece, apesar de não ser, de maneira alguma, uma regra geral. Há alguma relação entre prosperar na pesca e adquirir um alto cargo na hierarquia da igreja, mas é uma relação quase que subjetiva, quer dizer, não é algo simples de ser observado ou explicado. Posso, todavia, afirmar que para tornar-se pastor ou evangelista é preciso, antes de mais nada, dedicação à doutrina evangélica, é preciso “estudar a palavra”.

Contudo esta relação entre prosperidade na pesca e adquirir um alto cargo na hierarquia da igreja pode ser também observada em uma entrevista que realizei com o proeiro e dono de barco, Benedito Leopoldino. Também proveniente de Ilha Bela (SP) ele foi pra Provetá com 20 anos, quando já trabalhava na pesca e ficou sabendo que lá era um lugar bom para esta atividade. Ele começou como gelador, um dos cargos mais baixos, e com 25 anos chegou a ser mestre. Depois de algum tempo como mestre, tornou-se proeiro. Certo momento, perguntei quando ele havia entrado para a igreja, e ele respondeu que até tornar-se mestre ele não era da igreja. Quando virou mestre, entrou para a igreja.

Num primeiro olhar, percebemos que a igreja valoriza de maneira diferenciada momentos específicos da pesca, ou seja, valoriza a subida do indivíduo pelos degraus da hierarquia existente no trabalho pesqueiro. Mas ver as coisas desta maneira, acredito, é simplificá-las um pouco. Devemos então ir mais à fundo naquilo que caracteriza o trabalho da pesca.

Tanto o Benedito Leopoldino como o Gustavo Martins ressaltaram a importância do fator “sorte” como fundamental para o sucesso de uma pescaria e do proeiro. O trabalho deste é valorizado, de certa forma, de acordo com sua “sorte”, ou seja, se um proeiro

⁵² O sociólogo Pierre Bourdieu explicita melhor este conceito: “O capital representa um poder sobre um campo (num dado momento) e, mais precisamente, sobre o produto acumulado do trabalho passado (...), logo sobre os mecanismos que contribuem para assegurar a produção de uma categoria de bens e, deste modo, sobre um conjunto de rendimentos e ganhos. As espécies de capital, à maneira dos trunfos num jogo, são os poderes que definem as probabilidades de ganho num campo determinado”. O Poder Simbólico, Ed.:DIFEL, 1989, RJ. Segundo o autor são vários os tipos de capital, entre eles o capital econômico, o capital cultural, o capital social e o capital simbólico, geralmente chamado prestígio, reputação, fama, que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital. Para maiores aprofundamentos sobre este conceito ver: Bourdieu, Pierre, A Economia das Trocas Simbólicas, Ed.: Perspectiva, 2004.

inexperiente sair e pegar muito peixe, fazer uma boa pescaria, e o fato se repetir algumas vezes, ele adquire “fama” e as outras pessoas ficarão desejosas de trabalhar com ele. Mas se atribuímos algum acontecimento à sorte, a nossa responsabilidade sobre tal acontecimento cai quase pra zero, já que “sorte” é algo que simplesmente acontece independente de nossa vontade, algo para o qual não possuímos uma explicação completa. A própria categoria “sorte” é uma categoria científica que pretende explicar o inexplicável, ordenar o caos, por assim dizer. Em oposição a esta categoria, a crença evangélica não vê nada de inexplicável em coisa alguma, mas sim a verdade divina. Assim como a tsunami, ou as guerras pelas quais o mundo passa atualmente são eventos descritos na bíblia, aquilo que chamamos de “sorte” é uma consequência (ou uma benção) divina resultante da dedicação à doutrina evangélica. Podemos perceber aí algo do que liga a pesca à estrutura religiosa pentecostal baseada, em parte, à lógica da prosperidade material como uma recompensa divina por uma vida atrelada aos dogmas da doutrina evangélica: moral, trabalho e família. Desta forma, o proeiro que tem sorte, que mata peixe, e que se sai bem em suas investidas mar afora, é também aquele que foi abençoado por Deus, digno de ser recompensado materialmente por seu trabalho.

Um exemplo importante desta recompensa; deste galgar degraus que é a escalada nos cargos da pesca, é um homem que começou no convés e se tornou um dos maiores empresários de Angra do Reis e, certamente, o maior de Provetá. Ele se chama Isaac de Castro. Para começar a narrar a história de Issac, preciso voltar aos tempos antigos de Provetá, lembrando uma das figuras mais importantes da vila (que, inclusive, dá o nome à rua principal do Provetá, assim como ao seu colégio), que é o Pedro Soares. Ele viveu mais ou menos à mesma época dos irmãos Ananias, e possuía um terreno que é conhecido até hoje como “Fazenda”, e pertence, por herança, a uma filha. A importância do Pedro Soares vem, entre outras coisas, de ele ter sido o primeiro professor da vila, quando reunia algumas crianças em uma casa desocupada de sua Fazenda para lecionar. Pois o Pedro Soares teve um filho chamado Argemiro Soares que tornou-se pastor, na mesma época em que o Pr. Sales era o pastor presidente, e que foi sócio do Isaac em seu primeiro barco de pesca. Foi este o início de seu empreendimento.

Isaac nasceu em 1934 em Paraty(RJ), e em 1951 chegou ao Provetá. Seu sucesso como proeiro se deu concomitantemente ao “boom” da sardinha nos anos de 1955/60.

Sempre trabalhando na pesca, foi evoluindo até tornar-se sócio do Argemiro. Foi seu filho Jediel de Castro quem nos contou sua história, dizendo que seu pai *“sempre teve uma missão na pesca”*:

“ Meu pai é o seguinte, ele foi sócio do S. Argemiro. Então em 1972 houve a explosão da poupança no Brasil. Meu pai, não meu pai, mais pelo sócio dele, acharia que vender as embarcações naquela época e colocar o dinheiro na poupança era o melhor caminho. O S. Argemiro, ele tinha uma tendência, ele já era pastor, de querer sair um pouco da pesca. E meu pai não queria, meu pai chamou o S. Argemiro pra que eles pudessem abrir uma firma, pra comprar caminhão e transportar o pescado de Angra. Porque eles vendiam pra uma cooperativa aqui em Angra. Só que a cooperativa aqui em Angra, ela não tinha uma administração voltada assim para o armador pescador, tinha muita influência militar (...) Na época militar era uma concentração muito disso. Meu pai chamou seu Argemiro. Aí eles resolveram vender a embarcação e colocar o dinheiro na poupança. Aí, eu tinha 17, 18 anos de idade eu já chamei meu pai falei: Olha, vamos comprar um barco pequeno e vamos começar uma cooperativa e tive um, dois, três barcos.(...) Com esse dinheiro meu pai comprou uma casa. Sobrou uma merreca. Aí fomos no Banco Itaú, um gerente chamado Nerci. Aí comprou uma embarcação chamada César Henrique em Ubatuba. Aí começamos tudo de novo. Aí começamos a crescer. Tivemos até 16 embarcações”.

Vale ressaltar que Isaac também se tornou pastor da Assembléia de Deus de Provetá e além de ser dono de uma considerável frota de barcos de pesca, ele também possui frigoríficos em Angra que compram o pescado. Atualmente, é Jediel quem está a frente dos negócios do pai, e alguns moradores locais nos disseram que ele obriga todos os concorrentes a entrarem em seu jogo comercial, já que ele detém o monopólio do preço da sardinha (principal peixe capturado pelas redes de pesca de Provetá). Outro evento que demonstra a importância e o poderio da família Castro (tanto em Provetá, mas também de uma forma mais ampla) foi a reportagem que o apresentador Gugu Liberato realizou em Provetá, em janeiro de 2006. Nesta, pela falta do Pr.Eliseu (que não estava presente em Provetá no dia da filmagem) é Jediel quem aparece sempre ao lado de Gugu, sendo até mesmo entrevistado por ele.

2.4. A pesca como identidade.

É Friedrik Barth quem lança as bases para um olhar sob uma perspectiva ecológica, capaz de associar *“os efeitos das circunstâncias ecológicas sobre o comportamento com os efeitos da tradição cultural”* chamando a atenção para o fato de que é importante assumir um ponto de vista que não confunda os dois efeitos. Como já foi dito: ser provetaense, alegoricamente falando, é ser pescador, é ter interesse pela pesca, convivendo com ela como atividade essencial para a constituição do *ethos* local. Nas palavras de Barth: *“os setores da atividade em que diferentes populações com diferentes culturas se articulam podem ser pensados como nichos aos quais o grupo está adaptado”*⁵³. Esta adaptação à qual o autor se refere é, na verdade, uma inclinação do grupo que está, invariavelmente, de acordo com as possibilidades materiais oferecidas tanto pelo meio ambiente que o cerca, como por circunstâncias específicas geradoras de demandas no campo do trabalho. Ou seja, o meio ambiente por si só não define qual atividade determinado grupo irá concentrar sua força de trabalho, mas é capaz de definir um leque de possibilidades. Dentre estas, uma demanda ou uma necessidade específica irá determinar a atividade principal daquele grupo.

Como já foi dito, a ascensão da atividade pesqueira no Provetá esteve ligada a uma demanda industrial cuja origem está nas grandes cidades, ou seja, na grande nação que, para os habitantes da Ilha, representa o *“mundo”*⁵⁴. Porém a pesca representa, para eles, um modo de estar neste mundo mais amplo, um modo da sua comunidade participar dele através de seu trabalho, recebendo em troca as coisas boas (e invariavelmente as ruins também) que este mundo tem a oferecer. Eles são, essencialmente, um povo *“do mar”*, assim como todas as outras comunidades da Ilha (muitas vezes englobadas sob a categoria de *“caiçaras”*, sendo que eu mesmo nunca ouvi nenhum habitante da Ilha se classificar deste modo), mas com a adição de serem *“a”* grande comunidade pesqueira, cujos barcos de pesca estão entre os maiores de todo o sudeste do Brasil. Provetá possui, portanto, a fama de ter bons pescadores entre seu povo, de ter os maiores barcos (como o José Augusto

⁵³ Ibidem, p. 40.

⁵⁴ Para os provetaenses existir em comunidade está em oposição à experimentar o mundo, palpavelmente simbolizado pela cidade de A. dos Reis, mas representado por tudo aquilo que está fora da comunidade. O *“mundo”* é o que vem de fora da ilha, e às vezes até o que vem de fora da igreja, como cimos no capítulo anterior.

9, barco da frota do já citado Isaac de Castro) e, ainda, de estar em meio a um ecossistema bastante favorável para este trabalho: a Ilha Grande. Nos tempos áureos da pesca (anos 50/60) muitos pescadores vieram de fora para trabalhar em Provetá, cientes que estavam de todas estas vantagens.

A pesca, certamente tornou-se uma tradição cultural na vila, mas isto não deveu-se somente à um efeito ecológico. Ao meu ver, esta “tradição” apenas pode ser entendida como tal, a partir do momento em que se inscreveu na espinha dorsal da escala de valores importantes para a comunidade, adquirindo uma importância primordial para a manutenção e reprodução desta. Além disso, a importância da pesca tem o mesmo peso que a importância da crença religiosa para a construção de uma identidade local. Quero deixar claro que, como vimos no capítulo anterior, as formas de identificar-se como provetaense são, atualmente, múltiplas e variadas, principalmente entre os mais jovens, mas assim como as influências “de fora” são muitas, elas são sempre mediadas por formas locais de pensamento. O global atinge o Provetá, porém o faz através de um filtro local. Este filtro é aquilo que estou pretendendo chamar aqui de *identidade* e é comumente referido pelos provetaenses como *cultura* local..

A pesca entra na vida dos provetaenses desde bem cedo (assim como a religião), porém só para os homens. É para eles que a pesca é uma possibilidade de trabalho, sendo que jamais ouvi falar de uma mulher que trabalhasse na pesca. Uma das brincadeiras infantis dos garotos de Provetá passa bem a noção do quanto a pesca é importante, até mesmo para as crianças. Eles fazem pequenos barcos de madeira, com pequenas redes, e vão de um canto a outro da praia perseguindo um cardume imaginário. Quando acham algum siri ou um punhado de tatuís, logo ensaiam um cerco e pegam o cardume com sucesso. A importância simbólica desta brincadeira, enquanto instrumento de análise que nos permite compreender como a pesca exerce uma atração entre as crianças, reside em sua semelhança a um a pescaria real, ou seja, é uma diversão, mas também uma maneira de aprender a ser como os mais velhos, de aprender a ser um pescador de verdade.

E, de fato, os nascidos em Provetá são direcionados para a pesca desde cedo. Talvez até mesmo pela necessidade, como me disse Cléber, de 30 anos: “Cê quer andar com uma roupa aí não tem dinheiro, tem é que pescar mesmo”. Ele estudou até a 6ª série do ensino fundamental, depois foi para a pesca. Hoje, além da pesca faz bicos na área de construção

civil (atualmente ajuda um amigo a construir a casa), trabalho também muito comum entre os provetaenses, porém muito afastado do orgulho e da identidade do trabalho da pesca.

Grande parte larga os estudos por volta da quarta série (ainda que em Provetá se encontre a melhor escola da Ilha Grande, recebendo crianças de vários vilarejos para estudar ali. O ensino vai desde a alfabetização até o terceiro ano do ensino médio, mas são poucos os que completam este ciclo. O colégio é estadual e não se trata de um privilégio completar os estudos, mas sim de prioridade) para entrar para a pesca, e mais ou menos com 20 anos já estão casados e com filhos. Grande parte destes jovens ocupam os cargos de 2 partes e, talvez a maioria deles esteja atualmente fora da igreja, e, por isso, são chamados de “desviados” ou “afastados”. Não que estar fora da igreja tenha algum significado trágico, pelo contrário, os homens mais religiosos do Provetá já passaram por períodos de desvio (até mesmo o Pr.Eliseu), e talvez esta trajetória de ida e volta, seja quase que uma comprovação do poder do Espírito Santo.

A relação entre o cargo que ocupam e o fato de serem desviados, porém, diz algo sobre sua posição social, ou seja, sua inserção na estrutura social local, pois grande parte destes jovens habita áreas marginais da organização geográfica da vila: Favela e Cafundó. Assim, há um enquadramento simbólico que destina, através de um esquema hierárquico tanto das relações de trabalho como das relações sociais, estes garotos a uma posição marginal perante os valores centrais da vida social, ou perante aquilo que a comunidade acha importante. Alguns deles já tem lá os seus 30 anos e trabalham há quase 10 anos no mesmo cargo. Assim como todo esquema de trabalho baseado na extrema concorrência e destinado a suprir demandas industriais, o trabalho da pesca tem o seu lado perverso.

Porém o fato de trabalharem nos baixos cargos não tira a paixão que possuem pela pesca. Foi o Cléber quem me disse da beleza que fica o cais em Angra quando os grandes barcos começam a matar 80 toneladas de curvina (tipo de peixe) por semana. Além disso, gostam de frisar sua coragem e valentia, como me contou Sandrinho (29). Certa vez o barco em que trabalha não conseguia se mover pois alguma coisa tinha agarrado na hélice. Ele mesmo mergulhou para ver o que era, e resolveu o problema, causando orgulho no proeiro do barco, de quem, a partir daí mereceu respeito. Outros casos de extremo perigo me foram narrados da boca de quem os viveu, e assim como chegaram até mim, passarei agora para o papel.

Certa vez Eduardo “Goiaba” e Fábio “Michola” estavam em alto mar pescando em um barco de arrasto⁵⁵ pequeno que não possuía sonar. Já era noite e eles estavam extremamente cansados, mas mesmo assim resolveram dar mais um lance com a rede. Com a rede no mar, o Goiaba de tão cansado que estava, acabou dormindo. Michola, ainda acordado reparou numa luz se aproximando rapidamente pela popa (parte de trás do barco) e sem pensar duas vezes cortou o cabo que segurava a rede, para assim, manobrar o barco com rapidez, tirando-o da rota do navio, que passou por eles raspando. Após me contarem esta história, os dois afirmaram que naquele dia escaparam da morte por muito pouco.

Outro caso, talvez mais impressionante ainda, foi o de Zé Eduardo e um amigo que saíram para pescar num barco a vela. Ainda em terra, Goiaba advertiu que manobrar um barco a vela é difícil ao que Zé Eduardo respondeu: “eu sou do mar, rapá”, reivindicando uma identidade já explorada neste trabalho. Eles, então, saíram. Enquanto estavam no mar de dentro, Zé Eduardo conseguia manobrar a vela magistralmente, como se tivesse feito aquilo a vida inteira. Mas ao chegar no mar de fora, enfrentaram um vento leste tão forte que duraram poucos minutos: o barco virou com vela e tudo, e os dois ficaram a deriva em alto mar, numa espécie de catamaran⁵⁶, que mal cabia um só. A correnteza levava-os cada vez mais para longe, e eles pensando o que iriam fazer diante daquela situação. De repente, Zé Eduardo falou o óbvio, “vamos ter que ir no braço”, e os dois começaram a nadar em pleno alto mar para tentar se salvar. Nadaram por umas 3 ou 4 horas, até que por sorte uma lancha achou-os, salvando-lhes a vida.

Histórias como estas são contadas em momentos de descontração e servem para todos rirem e se divertirem as custas dos que passaram o sufoco. Mas também servem para lembrar a estes pescadores do perigo com o qual estão lidando, a todo momento, em sua profissão.

2.5. A “descaracterização” do lugar.

⁵⁵ A pesca de arrasto consiste em jogar a rede, arrastá-la por um determinada distância e depois puxá-la de volta para o barco. Talvez seja a pesca mais prejudicial para o meio ambiente, pois a rede leva consigo os filhotes de peixes, além de algas, camarões e outros pequenos animais.

⁵⁶ Espécie de bote salva-vidas, só que um pouco menor.

A restrição das possibilidades de trabalho fez acontecer, nos últimos anos, um fenômeno que foi caracterizado pelo Gustavo Martins (que além de administrador da vila é evangelista⁵⁷ na igreja e também um dedicado estudioso da história local) como de “descaracterização”. Este fenômeno, segundo ele, consiste na saída dos jovens em direção ao continente, em busca de um trabalho melhor, e, até mesmo, de fazer um curso numa faculdade. Mas porque ele diz que descaracteriza o lugar? Porque, nas suas palavras, esta saída abre um espaço vazio que pode ser preenchido por pessoas de fora que não compartilham da “cultura” local. Assim percebemos uma preocupação em manter íntegra a identidade local, que está profundamente associada à pesca e à religião evangélica, dois fatores que se desenvolveram na vila de forma a transformar um pequeno vilarejo de pescadores artesanais que trabalhavam em suas roças, em uma quase “cidade⁵⁸” dentro da Ilha.

Gustavo é membro atuante da igreja (inclusive sua nomeação para ser administrador da vila se deu por indicação do pastor Eliseu) e sua visão é capaz de passar muito das preocupações desta. Ou seja, se há uma preocupação em manter uma “cultura” local, esta se caracteriza, principalmente, pelo espraiamento do poder⁵⁹ da Assembléia de Deus sobre o território da vila, sobre seus habitantes e sobre sua principal atividade econômica: a pesca. A doutrina evangélica possui uma perspectiva “englobante” que integra os diversos arranjos sociais locais e busca protegê-los de elementos vindos “de fora”, ou do “mundo”, como já foi dito.

Em nossa estada na vila presenciamos exemplos do citado “fenômeno”. Elielson é sobrinho do P. Eliseu (ele é filho do Enéias, que é filho do segundo casamento do pai do Pr.Eliseu), e cresceu na igreja (ainda que grande parte de seu crescimento tenha se dado fora da vila, em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, aonde também frequentava a Assembléia de Deus) e, até bem pouco tempo atrás era membro do conjunto musical, e extremamente

⁵⁷ O ministério da igreja possui cargos que se estruturam na seguinte ordem: Pastor, evangelista, presbítero e diácono.

⁵⁸ Foi o Seu Aristeu, um nativo da vila que é, hoje, pastor em Angra, quem se referiu ao Provetá desta maneira: “aquilo lá, hoje, é uma cidade”, e creio que se ele o fez, foi tendo em mente a imagem tranqüila de um Provetá com poucas casas, que ele provavelmente presenciou há alguns anos, em oposição à atual Provetá com suas 380 casas, luz elétrica, tubulação de esgoto, etc.

⁵⁹ Características essenciais deste “poder” serão elucidadas no capítulo seguinte, principalmente a forma geográfica de sua expressão. Também possui ligações com a prefeitura de Angra, e, de maneira mais ampla, com o Governo do Estado, principalmente na época em este era dirigido por pessoas que se diziam evangélicas, e utilizavam isso como um importante instrumento de ação política (Birman, 2005).

dedicado à ele. Ele, ao contrário da maioria dos provetaenses, terminou os estudos no colégio, fez vestibular e passou para o curso de História em uma universidade em Nova Iguaçu, para onde já se mudou. Seu irmão mais novo, Felipe também seguiu o mesmo caminho..

Como podemos observar, a pesca enquanto principal atividade econômica está adquirindo novos significados para os habitantes locais, ou seja, está se tornando menos atraente, como a saída de alguns para o continente pode nos indicar. Porém não é só a saída dos jovens que pode “descaracterizar” o lugar. Teleco (17) é um filho do lugar, nascido e criado na igreja e que, no momento está afastado, ou desviado, enfim, passa por um momento de intenso questionamento, que pode ser atribuído tanto aos fatores de “dentro” (como as condições desfavoráveis do trabalho da pesca) como de “fora” (os bailes funk e as noitadas em Angra, modos de viver o “mundão”). Ele me disse que só entra na pesca como dono de barco, senão, não vale a pena. Neste caso, há uma certa dose de consciência, adquirida pela vivência e pela observação, de que a pesca não proporciona possibilidades tão amplas para aqueles que começam no convés. Pelo contrário, começar do zero não compensa, valendo mais a pena conseguir dinheiro, de alguma outra forma, para ter seu próprio barco. A vontade de ter um barco indica que Teleco ainda se identifica com o trabalho outrora exercido por seu pai e seus irmãos mais velhos, mas as condições desfavoráveis da atividade o desmotivam a tentar começar no convés, como todo e qualquer iniciante no serviço.

2.6. A queda do manancial do pescado.

Recebemos explicações diversas e variadas para a baixa quantidade de pescado que vêm sendo registrada nos últimos anos, com quedas cada vez mais acentuadas. Tivemos a oportunidade de recolher alguns depoimentos neste sentido quando, um dia, ao chegarmos no cais em Angra, encontramos vários barcos de Provetá que ali estavam, pois era dia de “conta”, ou seja, era o dia em que eles levavam o peixe e recebiam a remuneração pelo mês de trabalho (ou pela “lua” como eles falam). Além da baixa quantidade de peixe (“barco que pescava 120 toneladas de peixe, este mês pescou 40”, nos disse Flávio, um

morador de Provetá), nos foi dito ainda que a sardinha estava vindo menor, mais leve, por assim dizer.

Em nossas últimas viagens à vila, percebemos aos poucos o significado da frase que Naurinho⁶⁰ nos disse em janeiro de 2005: “a pesca está indo pro brejo”. Ele já tratava de construir, ao lado de sua casa, algo como uma pequena pousada, antevendo um futuro turístico para Provetá. Realmente, diante da queda do manancial de pescado, a saída para muitos moradores, sejam eles da pesca ou não, é a construção de cômodos extras em suas casas para abrigar turistas. Assim como a pesca, a atividade turística também está adquirindo novos significados para os habitantes de Provetá, deixando de ser um perigo que traz elementos “de fora”, que irão “descaracterizar” o lugar, para se tornar uma importante fonte geradora de renda para eles.

Estão realizando suas obras, aos poucos, desde proeiros, como o Manoelzinho, até pessoas que não trabalham na pesca, como o Abraão e o Salomão. Considerada dentro da abordagem cíclica das atividades produtivas da Ilha Grande de Sven Wunder (2000), a pesca iniciou sua queda nos anos 80 e o turismo começou a crescer dos anos 90 até hoje. Em Provetá, a coisa se deu de uma maneira um pouco diferente, talvez por se tratar do principal pólo pesqueiro da Ilha. Segundo muitos moradores locais, o apogeu aconteceu até o início da Lei do Defeso⁶¹ (2001), e a queda se iniciou após essa lei. As conseqüências desta queda estão sendo sentidos com cada vez mais intensidade, e só agora, os primeiros movimentos em direção à uma atividade turística mais abrangente (o turismo evangélico é algo comum há algum tempo) começam a tomar forma.

Em linhas gerais, tentei, neste capítulo tecer um fio delimitador da trajetória da pesca em Provetá, desde seu início até os dias de hoje. Vimos que uma forte base ecológica em união com a disponibilidade de trabalho humano, sob a égide de uma doutrina religiosa foi capaz de gerar recursos que transformaram a pequena vila de Provetá em uma “quase cidade”. E, no interior deste processo de ascensão econômica, encontramos o desenvolvimento gradual de uma estratificação social do povo provetaense, que se deu em

⁶⁰ Naurinho é filho de Bolo, e neto do Benedito Neves Martins, um dos irmãos Ananias, e primeiro médico do lugar. Ele e seu pai já não trabalham na pesca, mas tem um barco de frete, que leva turistas em passeios pela Ilha.

⁶¹ Lei que proíbe a pesca nas épocas de reprodução dos peixes. Muitos criticam esta lei dizendo que ela protege o peixe mas não protege o pescador, que fica proibido de trabalhar, de levar sustento à sua família, não recebendo nada em troca.

função de alguns fatores. Como em todo processo ascendente, há aqueles que se sobressaem e há aqueles que tropeçam no percurso e ficam para trás, e, como não podia deixar de ser, no caso da vila de Provetá, os acertos e erros dependem da adequação aos padrões valorativos envolvidos. Neste sentido, eu diria que aqueles que souberam prosperar economicamente, foi devido menos ao fato de pertencerem a alguma família antiga e tradicional do lugar, e mais à sua capacidade de reconhecer, participar e sobressair-se dentro do jogo de valores que envolve o trabalho da pesca e a igreja.



Fig. 11: A vila do Provetá. A "grandeza" da igreja pode ser vista de longe.

Capítulo 3: A organização territorial da vila: a expressão geográfica do poder.

3.1. As posições dos atores sociais.

Nas páginas anteriores deste trabalho procurei trazer à tona aspectos e categorias da vida social de Provetá pertinentes a algo que poderia ser chamado de uma “identidade local” e que é referida pelos próprios moradores da vila como sua “cultura”. Longe de ser vista como dotada de uma pureza ou de uma primazia definitiva, tal identidade não se apresentaria homogeneamente perante qualquer indivíduo da comunidade, mas estaria desigualmente espalhada pelos atores sociais, de acordo com suas posições específicas em relação aos valores importantes para a comunidade. Como afirma Barth, *“as pessoas participam de universos de discurso múltiplos, mais ou menos discrepantes; constroem mundos diferentes, parciais e simultâneos, nos quais se movimentam. A construção cultural que fazem da realidade não surge de uma única fonte e não é monolítica”*⁶². Tentei mostrar, até aqui, que o modo de pensar fundado na doutrina da Assembléia de Deus e a grande influência da pesca, enquanto principal atividade econômica da vila, são dois fatores essenciais para a construção daquilo que estamos chamando de “identidade” local. Mas, como atesta a passagem do antropólogo norueguês citada acima, é fato que muitos dos atores sociais não se encaixam de forma completa neste “molde” cultural. Pelo contrário, cada pessoa se aproxima e se afasta dele de acordo com sua história de vida, posição social e, até mesmo, de acordo com momentos específicos do cotidiano.

Não podemos caracterizar ou descrever uma comunidade com base, simplesmente, em aspectos amplamente compartilhados, ou hierarquicamente difundidos, sob pena de incorrer em uma análise bastante superficial dos conteúdos (e variações) que ela tem a oferecer. Continuando com Barth:

*“A realidade de todas as pessoas é composta de construções culturais, sustentadas de modo eficaz tanto pelo mútuo consentimento quanto por causas materiais inevitáveis. Esse consentimento, ao que tudo indica, está incrustado em representações coletivas: a linguagem, as categorias, os símbolos, os rituais e as instituições”*⁶³.

⁶² Barth, Fredrik. Tomke Lask (org). O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Ed.: contra-capá, 2000, RJ. p. 123.

⁶³ Idem, p. 111.

De certa forma a pesca e a igreja constróem eficazmente aquilo que vem sendo chamado de ´´identidade´´ local, ainda que as realidades das pessoas venham a consentir e a desmentir esta identidade, se aproximando e se afastando dela de diversas formas.

Gostaria de ilustrar esta afirmação relatando uma experiência de campo vivida por mim, em minha última viagem (mar/ 2007), mas antes é necessário fazer uma breve introdução à uma personagem fundamental do referido evento. Eu havia chegado ao Provetá por terra, dado que tinha estado na praia da Longa nos dias anteriores, e, diante da dificuldade de conseguir um quarto para alugar (já que era quase de noite), decidi ficar no camping, que fica na parte leste da praia, bem afastado do centro, na área que é conhecida como Fazenda (número 17.b no anexo 1). A dona do camping, D.Creusa é uma figura ímpar na história da vila. Casada atualmente com S.João, um cearense que mora ali há 16 anos, eles afirmaram que todo mundo no Provetá é crente, e ambos já foram batizados nas águas. D.Creusa é nativa dali, é ´´filha do lugar´´, seus pais são a D.Isaura e o Zé Ferreira, e o Pedro Soares (o antigo dono da Fazenda) é seu avô⁶⁴. Ela foi casada com Raimundo Neves Martins, filho do Benedito Neves Martins, assim, seu marido e seu pai eram importantes homens da pesca. Porém, mesmo se dizendo crente e pertencendo à uma das famílias mais importantes da história da vila, D.Creusa não se encaixa totalmente no *ethos* local, e até se afasta dele, vejamos como.

Há muitos anos atrás, ela e seu marido ´´limparam´´⁶⁵ o terreno onde fica o camping, quando este se constituiu no primeiro lugar de acolhida dos mochileiros (turistas jovens, que ficam em barracas e, na vila, estão intimamente associados ao uso de drogas) do Provetá. Até hoje, talvez ali seja um dos lugares mais abertos para pessoas ´´de fora´´ que há na vila, a despeito das pousadas da rua da igreja, destinadas, principalmente a atender um turismo religioso que, de tempos em tempos, aporta no local. A qualquer hora do dia se pode passar pela frente da sua casa (que fica na parte de trás da área do camping) e ouvir a todo volume, um forró quase ao estilo lambada, com letras de caráter erótico, enquanto ela está em sua varanda fumando um cigarro ou bebendo sua cachacinha (práticas constantes em sua rotina diária). Uma filha de D.Creusa, D.Saete possui um bar no canto brabo (que fica no início da subida para a costeira), aonde se concentram os desviados para suas

⁶⁴ Pode-se observar as relações de parentesco da D.Creusa no anexo 2, iniciando-se no casamento do Pedro Soares com Maria.

⁶⁵ Limpar aqui significa tirar a vegetação de restinga que havia no local.

eventuais bebedeiras. Talvez por já ter morado em Angra e em Niterói, D.Creusa representa uma ruptura e até uma agressão aos valores morais da igreja⁶⁶, tanto em suas práticas pessoais, quanto no negativo valor simbólico adquirido pelo seu camping (assim como pelo bar de sua filha), capaz de concentrar atividades e pessoas mal-vistas pela igreja.

No Provetá existem, atualmente, dois restaurantes: o do Ernani⁶⁷ (que fica na R.Pedro Soares) e o do Dito (que fica no beco principal localizado em meio às ruelas que interligam a R.Pedro Soares à praia), também conhecido como “botica” ou “butique”⁶⁸. Certo dia, cheguei no camping dizendo que ia jantar no restaurante do Ernani (que é casado com a D.Dita, uma irmã mais velha da D.Creusa) ao que logo fui prevenido que lá iriam me tratar mal e que eles servem comida estragada. D.Creusa e S.João queriam me convencer a qualquer custo a fazer a refeição na botica, onde quem faria a comida seria a D.Darcy (uma irmã o Ernani), e diziam que a comida era muito gostosa, enfim, usando todos os artifícios de sedução e convencimento. Logo percebi que havia um acordo entre o camping e a butique, no qual a D.Creusa indicaria o restaurante da botica para todos os seus clientes. Mas, para além de um tácito acordo comercial, dizer que eu seria mal tratado e que me serviriam comida estragada (duas características que eu sabia serem irreais, dado que já havia comido no restaurante do Ernani por diversas vezes, em outras viagens) indicava, certamente uma rivalidade. Para compreender, vamos posicionar melhor cada um dos atores.

Como parentes tão próximos podem tornar-se rivais a ponto de um maldizer os serviços do outro? Porque, apesar da proximidade em termos de parentesco, um abismo simbólico os separa. O mestre Ernani foi um dos grandes proeiros do Provetá, mesmo que não pesque mais, o seu nome (e o seu barco⁶⁹) vem quase sempre acompanhado pela alcunha de “mestre”. Sua esposa, D.Dita, e a D.Fabiana (esposa de seu filho Flávio, e responsável pelas refeições) são dedicadas membras da igreja e freqüentam assiduamente

⁶⁶ Foi mesmo uma filha da D.Saete quem falou que sua avó “não é normal não”. Quando respondi que tinha achado a D.Creusa legal, ela respondeu que “lá fora ela é normal, mas aqui o pessoal vai achar ela normal?”.

⁶⁷ Localizado no anexo 1 pelo número 13.

⁶⁸ Me foi explicado que o nome “botica” foi dado porque primeiramente se vendia remédios que vinham de Angra, já que ainda não havia farmácia na vila. Até hoje ainda se pode comprar alguns remédios, mas o forte mesmo são as bebidas alcoólicas (principalmente o vinho, talvez por ser mais em conta), além de artigos variados, o lugar funcionando como uma pequena mercearia. O nome “butique” é, provavelmente, uma evolução natural de “botica”. No anexo 1, está indicado com o número 18.

⁶⁹ O “Mestre Ernani” atualmente faz frete, e sai do Provetá todo dia as sete horas da manhã, cobrando uma taxa de 5 reais para ir e 5 para voltar (para que não é morador, esta taxa sobe para 10).

os cultos⁷⁰. Assim, vemos que a família do Ernani se aproxima bem mais de tudo aquilo que a sociedade ali acha importante: pesca, família e religião. Em oposição, o bar do Dito (a ´botica`) e da D.Darcy (ainda que esta última seja irmã do M.Ernani) acumula pontos negativos na estrutura simbólica local: vende bebidas alcoólicas, acumula bêbados e cachaceiros em sua porta e, além disso, o próprio Dito não é um ´filho do lugar`, sendo nativo da praia da Longa, localizada na parte oeste da Ilha Grande. No fundo, a insistência de D.Creusa para que eu comesse na botica me fez entender que, em primeiro lugar, como as desavenças familiares podem ter um viés religioso, e segundo que há uma série de circuitos marginais que interligam-se sem que seja preciso passar pelo centro, isto é, pela R.Pedro Soares. Estes circuitos, cuja marginalidade é geográfica, social e também religiosa, numa certa medida, são utilizados pelos jovens na volta do jogo de futebol, quando todos estão sujos, suados e sem camisa, pelos desviados quando circulam com bebidas alcoólicas nas mãos e pela D.Creusa quando indica um bom restaurante para algum turista acampado em seu quintal.



Fig. 12: Rua Pedro Soares. A casa amarela é o restaurante do Mestre Ernani.

Nesta interligação de circuitos podemos perceber um reconhecimento das áreas centrais pelos atores, não importando sua posição social, e um certo ´respeito` com

⁷⁰ Posteriormente, durante nossa estada, procuramos D.Fabiana para fazer uma refeição e obtivemos como resposta a pergunta, ´você podem voltar mais tarde?`. É que ela estava no culto.

relação à R. Pedro Soares e tudo aquilo que ela representa. As ruelas e becos marginais são uma alternativa a este espaço, e são utilizados por aqueles que estão conscientes daquele “respeito” e entendem a si mesmos (definitiva ou momentaneamente, dependendo de sua posição individual ou de um momento específico) como capazes de contrariá-lo, ou até mesmo, agredí-lo.

Como sugere Tim Ingold, “*descobrir-caminho depende da afinação do movimento do viajante em resposta aos movimentos, nas suas redondezas, de outras pessoas, animais, (...)*”⁷¹. Assim, o autor afirma que a construção de mapas cognitivos, isto é, aqueles que se desenvolvem na mente das pessoas, se faz através das respostas individuais aos diversos estímulos externos, tais como um obstáculo geográfico, ou uma interação social com outros indivíduos. Neste sentido, cada provetaense tem em mente seu próprio mapa do lugar, embasado em sua posição social, nas relações sociais que estabeleceu (e estabelece) ao longo da vida e nas respostas que recebeu no curso destas interações. Certamente que o modo hierárquico do desenvolvimento da vila proporcionou ao seu território uma organização do mesmo tipo, o que podemos perceber nas escolhas de caminhos específicos para pessoas ou momentos específicos. Pois aquele respeito é mais exigido justamente nas áreas centrais da vila, aquelas que pela posição social de seus moradores (próxima à escala dos valores centrais) representa aquilo que a comunidade acha importante, ou seja, aquilo que contribui mais fortemente para a construção da “cultura” ou “identidade” local. Vejamos agora características mais específicas deste espaço central.

3.2. O centro da vila: A igreja e a Rua Pedro Soares.

Antes de analisar as características próprias do centro da vila, creio que seja importante efetuar uma breve introdução a alguns dos antigos personagens, pois foram eles que abriram a possibilidade para que Provetá seja o que é. Volto então ao Deoclécio, no momento em que tentava convencer o Zé Belmiro a aceitar Jesus, para que assim se curasse de sua enfermidade, como narrado pelo S. Aristeu em entrevista citada no início do primeiro capítulo. Pois este acontecimento, de fundamental importância simbólica para a história

⁷¹ Ingold, Tim. Jornada ao longo de um caminho de vida – Mapas, descobridor-caminho e navegação. In: Religião e Sociedade, vol. 25, nº 1, julho de 2005. Ed.: ISER, RJ.

local, não ocorreu muito longe do lugar que iria se tornar o centro da vila, abrigando sua mais grandiosa construção: a igreja. A casa do Zé Belmiro ficava aonde hoje é a casa do Benedito Leopoldino⁷², e a casa do Deoclécio ficava ali bem próxima. Um pouco mais à frente (aonde hoje é a casa do Pr.Eliseu⁷³, bem em frente à igreja) ficava a casa do Zé Ferreira, e entre elas, a casa dos Pimenta. Todas estas famílias contribuíram para o espraiamento da fé evangélica, e seus membros foram, na maioria, convertidos pelas palavras do pregador Deoclécio pouco tempo depois de sua volta para a vila. Provavelmente, foram eles que construíram a primeira igreja da vila bem próximo ao lugar que habitavam, feita de madeira e barro, mas já determinando uma centralidade no território provetaense. Antes disso, os cultos eram realizados dentro das casas, o que, como disse anteriormente, antecipava o ambiente intimista, cheio de emoção e calor humano, que caracteriza os cultos de hoje em dia.

Como já vimos no capítulo anterior, esta chegada da Assembléia de Deus ao território provetaense é carregada de uma aura mítica; um marco no espaço-tempo produzindo diferenças essenciais entre um “antes” e um “depois”. Considero estes primeiros momentos (da chegada da igreja e da conversão dos antigos habitantes) fundamentais, pois eles definem um tempo no qual a comunidade, como atualmente a conhecemos, surgiu. Um novo “sistema de significação” havia chegado, disponibilizando novas ferramentas simbólicas para que aquela sociedade formasse sua visão de mundo. Novas formas de eles organizarem sua vida subjetiva orientando e transformando seu comportamento exterior. Como explica Geertz:

“O que os símbolos sagrados fazem por aqueles para os quais são sagrados é formular uma imagem da construção do mundo e um programa para a conduta humana que são mutuamente reflexos.(...) Na antropologia é comum referir-se à coleção de noções de um povo sobre como as coisas são em seu conjunto como sua visão de mundo. A seu estilo geral de vida, à maneira como fazem as coisas e gostam que elas sejam feitas, chamamos de ethos. É função dos símbolos religiosos, então, ligar estas coisas de tal maneira que

⁷² Indicada, no anexo 1, pela casa logo ao norte da entrada pra trilha pra Araçatiba (20).

⁷³ Indicada no anexo 1 pelo número 7. É fácil entender o pequeno aglomerado populacional que se concentrava nesta área, pois está próxima ao rio, e próxima da trilha que levava a grande parte das antigas roças (número 20).

*elas se confundem mutuamente. Tais símbolos tornam crível a visão de mundo e tornam justificável o ethos, e fazem isso invocando um em apoio ao outro*⁷⁴.

Os valores que estariam fundamentando a visão de mundo dos provetaenses a partir de então seriam aqueles já comentados no capítulo anterior, e dizem respeito a valorizar o trabalho, a família e a moral evangélica, temendo a Deus acima de todas as coisas. Estas características aliadas àquelas advindas da pesca, enquanto principal atividade e responsável, em última análise, pela prosperidade econômica da vila, iriam embasar aquilo que pretendemos chamar de *ethos* local.

Tendo chegado à vila antes da grande pesca industrial⁷⁵, a igreja marcou previamente seu território, determinando um local específico para a relação com o sagrado, que perduraria até os dias de hoje (desde a primeira igreja, de estuque, até a construção grandiosa que é hoje, promovida à época do Pr.Sales, sua localização geográfica sempre foi a mesma). Nesta época em que a igreja era de estuque, e por alguns anos posteriores, quando já era de cimento, mas ainda bem pequena, a maioria das casas da vila se concentrava na Fazenda, dada a grande quantidade de descendentes do Pedro Soares. Eram mais de 15 casas, como me disse Tio Louro, enquanto na área central e seguindo a barra em direção ao Cafundó, eram poucas, podia-se contar nos dedos. Mas a presença de uma igreja nesta área era um fator que reunia as pessoas, pois a própria presença simbólica do sagrado em um território pouco habitado (ou esparsamente habitado) contribui para aglomerar e juntar pessoas em seu entorno, talvez ainda não para morar, mas certamente para orar. A população, antes concentrada na Fazenda (talvez pela produtividade associada a este tipo propriedade) passou a se aglomerar mais ao redor da igreja, após a prosperidade local com o trabalho da pesca, fator que influenciou muito o aumento da igreja, tanto quanto o aumento da própria população da vila.

⁷⁴ Geertz, Clifford. Observando o Islã. Ed.: Jorge Zahar, 2004, RJ. p. 105.

⁷⁵ Gustavo, o administrador, nos falou que a igreja chegou ao proveté em 1915 e a pesca em 1930, mais ou menos.



Fig. 13: A praça

De fato, atualmente a praça da Igreja e a R.Pedro Soares são como que o coração da vila, ocupando o seu espaço central, física e simbolicamente, e foi o João Martins⁷⁶, irmão de Gustavo, quem disse que a maioria dos que ali habitam são pessoas ligadas à igreja⁷⁷. Além disso, há bem poucos barcos de pesca cujos proeiros ou donos não são da igreja, pois é certo que a ligação entre trabalho e religião, enquanto formadores do *ethos* local, ultrapassa a lógica simplista do primeiro como uma recompensa direta pela dedicação ao segundo. Ao modo como Geertz fala, a pesca parece buscar apoio filosófico na igreja, e esta, um apoio material na primeira para a ação do Espírito Santo sobre o povo e o território provetaense. Nenhuma das duas é capaz de explicar a outra, em vez disso, se apóiam mutuamente, e juntas formam o que se poderia chamar de “eixo central” da estrutura social, do modo de vida e da visão de mundo predominante na vila. A R.Pedro Soares é justamente a expressão física desta predominância simbólica, sendo o espaço mais valorizado socialmente, mais organizado e mais “perto” de tudo⁷⁸, como veremos a seguir.

⁷⁶ João é presbítero da igreja e morador da R.Pedro Soares (sua casa está indicada no anexo 1 pelo número 6.a). Possui um barco de pequeno porte, com o qual sai para pescar algumas vezes. Sua principal fonte de renda é o emprego na administração da vila, junto ao seu irmão Gustavo.

⁷⁷ A esse respeito analisarei mais adiante um mapa da vila feito por Gustavo, no qual apenas estavam incluídas as áreas centrais.

⁷⁸ Até mesmo esta noção de “perto” e “longe” adquire significados diversos de acordo com a posição social dos indivíduos. D.Solange, moradora da Favela, cuja casa funde-se à casa do Zé Pimenta (seu sogro), podendo, portanto, considerar-se “quase” uma moradora da R.Pedro Soares, disse que preferia o antigo PSF (Posto de Saúde da Família), pois se localizava ao lado da igreja, “era mais perto”, disse ela. A nova unidade, ainda que bem maior e mais espaçosa, “fica muito longe” (talvez uns 50 metros a mais).



Fig. 14: Início da R. Pedro Soares. O muro azul é do C.E.P.S.
Aos fundos a entrada para a administração da vila.

Além do restaurante do Ernani, outros estabelecimentos comerciais se localizam ali: lanchonete, pizzaria, mercado, farmácia e até um salão de cabeleireiro. É também nesta rua que fica o C.E.P.S. (Colégio Estadual Pedro Soares), a única escola da Ilha Grande que oferece o ensino médio para os ilhéus⁷⁹ (além do fundamental, é claro), sendo que crianças de todas as praias da Ilha, praticamente, pegam o "Irmãos Unidos 2" todo dia de manhã, para ir estudar ali. Além disso, casas de algumas das famílias mais tradicionais e antigas ficam ali, como a casa da Natalina, da D. Isaura e do Zé Pimenta, por exemplo. A organização das casas difere de outros lugares da vila, pois se dispõem apolineamente divididas⁸⁰, com muros separando umas das outras, além de portões e janelas de alumínio. Todas estas características do centro trazem a marca do progresso, do moderno e da limpeza. Desde a presença de estabelecimentos comerciais até às portas e janelas de alumínio (presentes inclusive na pousada da igreja) tudo faz parte de uma idéia ou de uma representação do moderno, que traz consigo a ordem, a "limpeza" e o desenvolvimento para dentro da vila. E, essencialmente, o que possibilitou a chegada deste desenvolvimento foi o mútuo apoio da pesca e da doutrina evangélica, e é, portanto este mútuo apoio

⁷⁹ Nativos da Ilha Grande

⁸⁰ Diferente da maioria das casas da Favela, Cafundó e Fazenda, lugares nos quais as casas (ou grande parte delas) não possuem muros, e são rodeadas tão somente por outras casas. Características mais específicas de cada uma destas áreas serão mais detalhadas um pouco mais a frente.

(considerado aqui como um "símbolo" ou um "princípio"⁸¹) que se encontra fisicamente expresso nesta área central⁸².

Assim, o mesmo "princípio" sobre o qual se estrutura o sistema social de Provetá, também surge como um princípio de divisão dos diferentes agentes sociais espalhados pelo território da vila. Não é real afirmar que a totalidade dos habitantes da R. Pedro Soares são dedicados membros da igreja, ou proeiros de barco, no entanto estes dois valores sociais (ou capitais simbólicos, já que são valores conhecidos e reconhecidos de uma maneira direta e óbvia por qualquer habitante da vila) se encontram representados neste espaço central. Segundo Bourdieu os espaços geográfico e social "*nunca coincidem completamente; no entanto muitas diferenças que, geralmente, se associam ao efeito do espaço geográfico, por exemplo, à oposição entre o centro e a periferia, são o efeito da distância no espaço social, quer dizer, da distribuição desigual das diferentes espécies de capital no espaço geográfico*"⁸³.

O centro da vila do Provetá concentra grande parte dos atores sociais que possuem um significativo conjunto de capitais simbólicos, ou seja, se posicionam socialmente perto dos valores centrais da comunidade, correspondendo, em grande medida, a um comportamento e à uma mentalidade predominantemente idealizados. Como nos explicou Bourdieu e Pritchard (no capítulo 1) certas distinções geográficas ou territoriais têm mais a ver com uma distância social entre os diferentes atores sociais que ocupam os territórios, do que propriamente com uma distância física entre eles.

3.3. Favela: periferia próxima.

⁸¹ Um princípio capaz de gerar uma certa configuração cultural. "A ordem é antes devida à circunstância de que, nestas sociedades, foi estabelecido um princípio de acordo com o qual os elementos culturais reunidos são reorganizados em padrões coerentes, segundo certas necessidades interiores que se desenvolveram dentro do grupo". Benedict, Ruth. In.: Estudos de organização social. Pierson. D. (org). Coleção biblioteca de ciências sociais. Martins, SP, 1970.

⁸² João Martins, irmão de Gustavo, me disse que a maioria dos moradores da R. Pedro Soares é crente, o que passa sua visão territorial específica que tem a ver com sua posição social de pescador e diácono da igreja. Salomão e Oséias são moradores da R. Pedro Soares (e netos do Deoclécio, por parte de mãe) porém não se sentem contemplados pela doutrina da igreja. Eles trabalham como pedreiros e em roça, e dizem se sentir mal na igreja, pois o povo fica reparando em suas roupas. Salomão disse ter saudade do tempo que a igreja era menor mas "completava a gente com a aquela alegria de viver contente".

⁸³ Bourdieu, Pierre. O Poder Simbólico. Ed.: Bertrand Brasil, 1989, RJ. p. 138.

Ao lado da casa do Zé Pimenta, existe um estreito beco que leva à Favela. Seu nome: Beco da Alexandrina. O nome é em homenagem à irmã do Zé Ferreira, Alexandrina Ferreira, que segundo nos disse seu neto Teleco, “gostava muito de beber”. D. Alexandrina era casada com Valdomiro Raimundo, e tiveram quatro filhos: Sebastião, Sílvio, Noêmia e Francina⁸⁴. É sobre os dois primeiros que irei focar minha análise a partir de agora, pois os dois são moradores da Favela, e podem nos passar, através de suas experiências individuais e de sua história da vida, algumas importantes características deste território que é fisicamente tão próximo ao centro, porém com marcantes diferenças.

Bastião Ferreira (como é conhecido o S. Sebastião) é um dos moradores mais antigos do Provetá, possuindo os seus 84 anos, e as informações que seguem foram adquiridas diretamente com ele, em uma entrevista realizada por mim, em outubro de 2006. Quando era bem mais jovem, Bastião chegou a trabalhar em roças no Cedro, região que fica depois do morro da Verga, bem a oeste da vila, e disse que os produtos eram comercializados ali na vila mesmo. Era, muito provavelmente, uma época de transição em que muitos moradores deixavam de ter suas roças, pois estavam dando prioridade à pesca, porém não tinham ainda condição econômica tão favorável a ponto de ficarem indo em Angra abastecer seus barcos com produtos industrializados. Mas a certa altura da conversa, Bastião me perguntou: “você conhece o Isaac, meu filho?”, sua voz indicando certo orgulho. E era, certamente, pois Bastião trabalhou 12 anos num barco do Isaac de Castro, e o seu orgulho indica o quanto este empreendedor foi importante para a empresa pesqueira no Provetá. A casa de Bastião fica bem no início da Favela⁸⁵ (em relação à R. Pedro Soares), assim com a de seu irmão Sissinho (Sílvio).

Sebastião possui, também, três filhos: Sebastião Ferreira Filho (presbítero da igreja e cuja casa fica na R. Pedro Soares, a frente da Favela), Maria Ferreira (casada com Tali Ferreira, um irmão do Abraão⁸⁶) e a “Tia” Melinha, que mora também na Favela, porém mais afastada da R. Pedro Soares, na parte de trás da Favela. Tia Melinha casou-se com Nilo (conhecido também como Tio Maia) com quem teve três filhos, dois dos quais cheguei a conhecer. São eles Sandrinho (30) e Cebola (25), os dois pescadores há pelo menos dez

⁸⁴ Observar a descendência de Alexandrina e Raimundo no anexo 2, ao lado do casal Isaura e Zé Ferreira, e logo abaixo do Pedro Soares e Maria.

⁸⁵ Indicada no anexo 1, pelo número 1. O estreito beco que se vê à frente deste número 1, é o Beco da Alexandrina.

⁸⁶ Abraão é neto do Zé Ferreira, e morador da Fazenda, mas falaremos mais dele logo adiante.

anos, tempo em que ocuparam, no máximo, cargos de 2 partes (selador, gelador ou caiqueiro, por exemplo). Os dois são “desviados”, porém Cebola carrega esta marca mais fortemente⁸⁷ dado o “aterrorizante” episódio narrado no fim do capítulo um. Como cheguei a afirmar naquela altura do texto, os dois podem servir de exemplo para entendermos como o esquema hierárquico do trabalho da pesca, que privilegia alguns e deixa outros de lado, pode tanto sufocar um indivíduo inserido neste esquema numa posição subalterna, até que ele entre em choque com o *ethos* local e manifeste-se, até mesmo, contra ele. Porém não é apenas isto que os oprime e que direciona seu comportamento.

Tio Maia, foi-me dito mais de uma vez, é “doente” pela cachaça, e, embora seus filhos pareçam seguir o mesmo caminho, através do desvio, as coisas não são explicadas assim tão facilmente. Tia Melinha é, portanto a única crente da família, e às vezes se vê em apuros diante de dois filhos desviados e de seu marido alcoólatra. Este último principalmente, pois de quando em vez se exalta e resolve levantar a mão para sua mulher, algo que não é bem visto pelos filhos, mas como já ouvimos falar: “briga de marido e mulher...”, e mais de uma vez ouvi de jovens moradores da vila do Provetá que não iriam se meter numa briga conjugal de seus pais, pois “é assunto deles”. Mas diante de um alto teor etílico no sangue, Tio Maia, às vezes exagera, e aí a agressão passa a ser entendida como uma covardia ou uma injustiça. Não é questão de ser bem ou mal visto pelos filhos: é algo que os revolta, principalmente aqueles que crescem na igreja (como, certamente é o caso de Sandrinho e Cebola e da quase totalidade das crianças provetaenses), absorvendo seu rígido código de justiça. Pois certa vez, Tio Maia ia bater em Tia Melinha quando foi interrompido secamente por Sandrinho: “o senhor não vai bater na minha mãe não”. Tio Maia insistiu, então Sandrinho levou-o pra fora e deu-lhe uma surra. Também o Cebola já ameaçou o pai, em uma briga séria.

Assim, vemos que o desvio surge como um caminho quase que natural na vida destes garotos; é um resultado da reunião de vários fatores que se chocam de frente com tudo aquilo que eles aprenderam desde cedo nos sermões da igreja. Eles são encarnações do

⁸⁷ Num dos primeiros cultos que presenciei na vila do Provetá, Sandrinho comemorava sua volta para a igreja, e a igreja toda se emocionava com o “retorno de um ovelha desgarrada ao rebanho”. Porém, como já foi dito, não há nenhuma rigidez exagerada nesta volta, e muitos desviados alternam momentos de desvio e momentos de volta, como se fossem fases da vida mesmo.

Inimigo, ou “macumbeiros”, como disse Cebola, apenas quando querem sê-lo. No resto do tempo são provetaenses comuns, diante de seus problemas diários, no trabalho, na família, e, acima de tudo, especificamente posicionados de uma maneira marginal em relação à centralidade dos valores estruturais da vila, especialmente em relação aos ditames da igreja, dos quais encontram-se atualmente muito afastados, ou melhor, em oposição. Vejamos agora, como se posicionam os filhos de Sissinho (Silvio), que é tio da mãe de Sandrinho⁸⁸ e Cebola. Para tanto começaremos com a história do próprio Sissinho.

Ele trabalhava na pesca, quando aportou na praia de Trindade (RJ), próximo à praia do Sono (Paraty-RJ). Lá conheceu e casou-se com Vicentina, com quem teve seus cinco filhos, todos homens: Neném (atualmente casado com uma filha do Pr. Eliseu), Tetéti, Cabeludo, Edinho e Teleco. À exceção deste último, todos trabalham ou já trabalharam na pesca, e apenas dois deles são ainda membros da igreja: os dois primeiros. Os primeiros filhos de Sissinho nasceram na vila de Trindade, pois ele morou e trabalhou lá por algum tempo. Os últimos nasceram no Provetá. Hoje em dia, após anos de trabalho na pesca, Sissinho trabalha tomando conta de algumas casas, cujos moradores ficam um longo tempo sem ir à vila.

Um exemplo bem significativo sobre a trajetória do desvio e a subsequente volta para a igreja, foi a entrevista que realizamos com Tetéti, o segundo filho mais velho de Sissinho. Após crescer na Trindade, Tetéti veio para o Provetá com mais ou menos 12 ou 13 anos, indo morar na Fazenda⁸⁹, só vindo a morar na Favela posteriormente. Criado na igreja, ele é atualmente um dos maiores cantores da Assembléia provetaense, executando, inclusive composições próprias, além de ser diácono e missionário⁹⁰. Porém, em meio a este percurso houve um tempo em que encontrar a paz era difícil, pois sua vida alternava-se entre a pesca e o desvio. Assim como seu tio Bastião (irmão de Sissinho e avô de Sandrinho e Cebola), ele trabalhou num barco da frota do Isaac, o “José Augusto 4”, um dos maiores do Provetá, à época. Ele e Eduardo “Goiaba” ocupavam cargos de 2 partes, o proeiro era o pai do Eduardo. Tetéti lembra que nesta época tinha que fumar um cigarro de

⁸⁸ Ver anexo 2, genealogia da Alexandrina. Sissinho é filho dela, e tia Melinha é neta.

⁸⁹ Não foram poucas as vezes em que ouvimos falar que alguém já morou na Fazenda. Pois a maioria do povo provetaense pode reivindicar algum parentesco com o Pedro Soares, mesmo que distante. No caso de Tetéti, sua avó era irmã do genro do P. Soares, o Zé Ferreira, já que este era casado com a D. Isaura, filha dele.

⁹⁰ Tetéti fez uma missão à filial peruana da Assembléia de Deus provetaense. Não se pode duvidar do poder de um ministério que cria filiais em áreas tão longe de sua origem, tais como Andrelândia (MG) e Peru.

maconha para ter tranqüilidade, vivia bebendo e carregando um violão pela praia, quando estava em terra. Gostava de rock: Raul Seixas, Legião Urbana, Led Zepelin, cujas influências podem ser sentidas musicalmente nas suas composições próprias. Estas, falam muito sobre este período conturbado de sua vida, quando se drogava para tranqüilizar seu corpo e mente, mas a maior paz que encontrou na vida, segundo ele, foi a trazida pela palavra de Deus. Este é seu testemunho perante a igreja. Sua trajetória, narrada com suas próprias palavras, exemplifica como o livre-arbítrio do homem, se direcionado para o caminho certo, é capaz de lhe proporcionar a paz, a tranqüilidade e a segurança de andar sempre com o Espírito Santo. Atualmente, ele é casado com Lúcia, professora de artes da escola, e os dois dedicam a vida à palavra de Deus. Não trabalha mais na pesca, em vez disso, abriu o primeiro salão de cabeleireiro do Provetá, um trabalho bem menos desgastante do que a pesca, em sua opinião.

Ao mesmo tempo em que todas estas mudanças ocorreram em sua vida: voltar para a igreja, se casar, largar a pesca e arrumar outra ocupação⁹¹, Tetéti saiu da Favela para morar na R.Pedro Soares. De certa forma, esta aproximação com o espaço central nos diz algo, simbolicamente, sobre as posições diversas adquiridas por ele ao longo da sua trajetória. Antes, morador da Favela, trabalhador da pesca num cargo de 2 partes, solteiro e desviado, sua posição social era bem semelhante à posição atual de Cebola, por exemplo. Hoje, recuperado, diácono da igreja, missionário, casado e morador da R.Pedro Soares. Sua reaproximação ao Espírito Santo, a ação Dele sobre sua vida, significaram uma reaproximação ao “eixo central” da visão de mundo e dos valores que, predominantemente, regem o modo de vida provetaense, e foi acompanhada também por uma aproximação física para com o território que representa este “eixo central”. Ou seja, sua trajetória de vida que vai do desvio à palavra, foi acompanhada por uma trajetória física, do seu lugar de morada, da periferia ao centro.

Em sua jornada, Tetéti realizou um amplo “movimento” social, saindo de sua inclusão (quando criança), passando por um momento de confusa flutuação como desviado e depois retornando à inclusão como diácono da igreja. Este movimento não ocorreu de uma maneira abstrata ou virtual, mas sim de modo real e palpável (principalmente para o

⁹¹ Fatos que não se deram de uma maneira corriqueira ou fácil. Tetéti sofreu muito com a crise de abstinência, pois parou de usar drogas de uma hora para a outra sem a ajuda de nenhum remédio. Ficou em depressão profunda sem sair de casa. Conversava apenas com sua mulher, quem mais o ajudou naquele momento difícil.

próprio Tetéti), pois as variadas posições sociais que ocupou nos diversos momentos de sua trajetória (cabíveis de serem categorizados de formas específicas, como “desviado” ou “membro da igreja”) são como recortes no espaço social. Este, como explica Bourdieu, é *“um espaço de relações o qual é tão real como um espaço geográfico, no qual as mudanças de lugar se pagam em trabalho, em esforços e, sobretudo, em tempo”*⁹². Tetéti certamente se esforçou para realizar sua mudança de “lugar social”, e quando ficou mais próximo dos valores centrais da estrutura social, isto é, adquiriu um capital simbólico acumulado sobre aquilo que é reconhecidamente importante para a “identidade” local, também aproximou-se geograficamente do território que representa esta “identidade”.

Outros moradores da Favela são: Lica (filho do Zé Pimenta⁹³ e marido da Solange), Cunhados do Sissinho, seu filho Cabeludo (recém casado, por isso sua casa está ainda em fase de construção) e Enéias (irmão do Pr.Eliseu, por parte do segundo casamento de seu pai Benedito Belmiro⁹⁴), entre outros. Podemos, então caracterizar a Favela como um território contíguo ao centro, dada sua proximidade física, no qual habitam pessoas que possuem certa familiaridade com antigos habitantes locais. Descendentes de figuras importantes para a história da vila espalham-se por ali e carregam em seu sobrenome a familiaridade de seu pertencimento: Ferreira, Pimenta e Martins, por exemplo. Porém, falam de uma posição simbolicamente periférica já que, de uma forma ou de outra, se afastam daquele apoio mútuo que une a pesca à doutrina da igreja, e buscam formas diferentes de uma identidade local, ainda que ajam sob a influência reconhecida da pesca e da igreja, enquanto mantenedores de uma identidade predominante.

3.4. Cafundó: o “lugar longe”, ou a história de Tio Louro e seu irmão Guimauro.

Mais de uma vez ouvi a conhecida expressão “cafundó-do-judas” ser usada para caracterizar o território do Cafundó, que é à montante da vila, isto é, seguindo o curso rio acima, em direção às encostas, ou seja, o Cafundó fica bem “nos fundos” do Provetá. “Cafundó”, me disse Jorginho, “significa lugar longe, não é isso?”, “o fim do mundo”,

⁹² Bourdieu, Pierre. O Poder Simbólico. Ed.: Bertrand Brasil, 1989, RJ. p. 137.

⁹³ Ver no anexo 2 a genealogia dos Pimenta, que se inicia com os irmãos S.Pimenta e Aristides Pimenta, localizados na extrema direita da folha.

⁹⁴ Ver no anexo 2 a genealogia de Benedito Belmiro, Enéias e Eliseu, que se inicia no casal José Belmiro e Maria Neves.

disse Bismarck (16), um morador de lá. Estas colocações nos dão algumas pistas daquilo que o Cafundó realmente representa dentro da organização territorial da vila: é o lugar distante por excelência, mas considerando que certas partes de seu território estão há apenas uns 60 ou 70 metros da igreja⁹⁵ (tão ou mais perto dela do que certas áreas da R. Pedro Soares), vemos que este afastamento é essencialmente de caráter simbólico.

A origem deste distanciamento simbólico do Cafundó em relação ao centro da vila nos remete à outra praia da Ilha Grande, Caixadaço, na qual nasceram Nourival e Guimauro Lima (este último já falecido). Tio Louro e seu irmão cresceram trabalhando na roça, atividade que aprenderam com o pai, que, como me disse Tio Louro, “bebia muito”. Ele mesmo, quando era um pouco mais jovem também bebia, tendo, inclusive compartilhado este hábito com ilustres personagens da história da vila, como um irmão do Pr. Sales e, até mesmo, com o Pr. Eliseu. Mesmo se dizendo crente, Tio Louro, também por ter nascido em outra praia, não compartilha do *ethos* e do modo de crer que caracteriza o “filho do lugar”, e tendo vivido o declínio das roças e a evolução da pesca, optou por permanecer exercendo a atividade na qual já era um especialista: ele é um dos poucos provetaenses a cuidar de uma roça, além de possuir inúmeras árvores frutíferas em seu quintal, e também uma série de ervas medicinais com as quais faz um xarope de vez em quando. Ele também pesca, só que manualmente ou de canoa.

Enfim, todas estas atividades praticadas por Tio Louro são amplamente categorizadas pela literatura acadêmica como atividades “caiçaras”, que consistem, basicamente em buscar uma subsistência (ainda que alguns produtos das roças “sobrem” e sejam trocados, ou por dinheiro, ou então por outra mercadoria). Na vila do Provetá, como já foi dito, elas estão associadas às pessoas mais pobres, que não tem condições de ficar indo em Angra consumir os bens industrializados que a cidade oferece, como geralmente o fazem aqueles que trabalham na indústria pesqueira, em qualquer cargo. Pois, aqui, começamos a entender melhor o afastamento simbólico que paira sobre o Cafundó.

Duas características nos ajudam a localizar os habitantes do Cafundó dentro da estrutura social da vila: são descendentes de pessoas “de fora”, e, como na Favela, se afastam, de alguma forma, daquele mútuo apoio entre religião e trabalho que caracteriza o

⁹⁵ A Fazenda, por exemplo, é fisicamente bem mais longe do centro do que o Cafundó. Porém seu território tem uma significação específica tanto na organização territorial quanto na história da vila.

ethos local. Um estigma ainda maior recai sobre o local se levarmos em conta que os já citados Pretinha e Saiene (os homossexuais assumidos publicamente), além de seus 12 irmãos (entre eles destaca-se Purinha, que, como o nome já diz, gosta de muito de beber cachaça) desviados, filhos do Guimauro Lima, moram lá. Mas estigmatizar o Cafundó apenas pela presença desta família tornaria a análise por demais superficial, portanto vamos aos outros atores sociais que habitam esta região. Para tanto, novamente, vamos retornar aos mais antigos.

Como já foi dito no capítulo um, o S.Aristides Pimenta (tio do Zé Pimenta) é conhecido por ser um instrumento de Deus. Hoje, já bastante idoso e doente, preside a oração de vigília. Pois é através de um filho dele que começo a análise do Cafundó: Areni Pimenta. S.Areni (que não é da igreja, pois gosta de beber) casou-se com D.Raquel (cujos pais Francisco e Alta Neves vieram da vila de Dois Rios, na parte norte da Ilha), irmã da D.Magna (esposa do Manuelzinho⁹⁶). Desta união surgiram Alamberg, Tiú e Meire, cujas casas encontram-se lado a lado, organizadas circularmente em volta de um grande coqueiro que fica no Cafundó. É mais especificamente sobre o primeiro, mais conhecido como Berguinho, que irei centrar minha narrativa a partir de agora.

Desde bem novo, Berguinho já era tido pelos colegas como “meio maluco”, pois andava pra cima e pra baixo com um galo debaixo do braço, objetivando organizar uma “rinha”⁹⁷ a qualquer hora do dia. Para os amigos, ficou comprovada sua “loucura”, quando ele se arriscou a subir no imenso coqueiro (hábito que mantém até hoje e, que, invariavelmente somos convidados a presenciar, já que oferecer água de coco é uma das formas locais de dar as boas-vindas) que fica em frente a sua casa, e no final da subida, se desequilibrou e caiu de uma altura de quase 8 metros. Ele mesmo disse que quase morreu neste dia. Por essas e outras (Berguinho acompanhou seu amigo Cebola na “jornada” do frango, narrada no final do capítulo anterior) ele ganhou a alcunha de “espírito”, logicamente, não em referência ao Espírito Santo, pois desde bem cedo Berguinho se desviou do caminho da igreja. Também desde cedo, ele começou a trabalhar na pesca, e até

⁹⁶ Pode-se perceber melhor esta intrincada rede de parentescos observando o anexo 2, na extrema direita da folha, iniciando-se por Aristides Pimenta e Racib e, logo abaixo, por Francisco e Altazira Neves.

⁹⁷ Até hoje, esta parece ser uma diversão muito comum entre os moleques da vila. Já mais velhos, gostam de botar seus cães para se engalfinharem uns com os outros. Foi mesmo Berguinho quem presenciamos passear pela vila levando seu cachorro para brigar com um outro que era quase do mesmo tamanho. O cachorro de Berguinho deu uma “surra” no outro, cujo dono se justificava dizendo que o seu ainda tinha 6 meses de idade enquanto o de Berguinho já tinha um ano, e por isso, era mais forte mesmo.

hoje, o máximo que conseguiu foram cargos de 2 partes. Em nossas viagens anteriores, sempre que estava em terra, Berguinho estava se “endoidando” (bebendo, fumando maconha ou cheirando cocaína), e assim encarnava o mal, para os crentes da vila. Certa vez que começamos a andar muito com ele, Elielson e seu pai Enéias (irmão do Pr.Eliseu), vieram nos prevenir que se continuássemos ficaríamos mal vistos pelos habitantes locais. Ainda exageraram dizendo que Berguinho havia dado uma surra no próprio pai, motivo pelo qual S.Areni estaria no hospital, e também para tomarmos cuidado para ele não furtar nada nosso, pois não se podia confiar nele de jeito nenhum.

Nós entendemos o recado, porém em nossa relação com Berguinho já havia se estabelecido certo grau de confiança mútua, e até de companheirismo, o que nos fez duvidar da veracidade dos fatos narrados por Enéias, naquela ocasião. Apenas tomamos o cuidado de que os “símbolos” que identificavam Berguinho diante da comunidade, não recaíssem também sobre nós, pois não seria interessante para a pesquisa e nem para nós mesmos, como pessoas. Ainda assim, conseguimos manter uma boa relação com ele até os dias de hoje, época em que a sua relação com o desvio se modificou bastante devido, principalmente, a um motivo pessoal: há 5 meses atrás, sua esposa deu à luz a uma filha.

Com 23 anos quando se casou (há um ano atrás mais ou menos), Berguinho voltou para a igreja (ficou 5 meses e depois saiu) e, como disse ele, “mandava vários aleluia, lá”, pois “eu me amarro no cara lá em cima”. Presenciamos uma interessante conversa entre Berguinho e Teleco a respeito disso. Na ocasião, Berguinho falava da posição de um desviado experiente, que após ser completamente estigmatizado por seu comportamento, já havia se arrependido, voltado pra igreja (ainda que tenha saído logo depois) e se casado, vivendo um momento diferente de sua trajetória como desviado. Foi ele quem começou a conversa, perguntando ao Teleco se ele não pensava em voltar pra igreja. Teleco, por sua vez, fala da posição de um iniciante no desvio, que até um ano atrás era membro convicto da igreja, e que ainda não sentiu o mesmo peso do estigma social vivido por Berguinho. Foi nesta ocasião que Teleco respondeu que a igreja era como uma família para ele. Então, Teleco começou a incitar Berguinho a beber, disse que ia pegar um “litirão” de vinho, ao Berguinho retrucou, sobriamente, “a vida é outra”. A frase de Berguinho expressa o quanto sua vida está carregada de responsabilidade, com o casamento e com um bebê. Ele disse que encontrou uma mulher que “parou” ele, e nem sente mais vontade de ficar

bebendo e chapando todas nas noitadas, tanto na cidade, quanto ali mesmo no Provetá. Logo, ele se retirou, pois tinha que ir pra casa ajudar a mulher a cuidar da filha.

Um outro personagem que nos ajuda a entender o distanciamento simbólico do Cafundó é um “primo” de Berguinho chamado Guru, e, embora não tenha sido criado no Provetá, sua posição atual altamente estigmatizada e o lugar aonde passa a maior parte do seu tempo livre (no Cafundó), nos indicam um aspecto essencial da organização territorial local. Guru é filho de Ivone Lima, e neto do Tio Louro. Guru chama Berguinho de primo pois seu avô (Tio Louro) casou-se com uma irmã do Francisco Neves, pai de D.Raquel (mãe de Berguinho) e de D.Magna (esposa do Manuelzinho), está estabelecido o parentesco, ainda que muito distante. Guru foi criado na periferia de Belo Horizonte (MG), tendo, desde cedo, se envolvido com tráfico de drogas (atividade com a qual está associado até hoje, para os habitantes da vila). Ele disse que já matou, já levou tiro, já foi preso, já foi parar no hospital, enfim, narra toda uma trajetória fantástica para resumir os seus 18 anos de vida. Em Provetá, trabalha na maricultura⁹⁸, e a maior parte do seu tempo livre, passa à sombra de uma grande amendoeira, nos balanços⁹⁹ do Cafundó, fumando cigarros, maconha¹⁰⁰ e escutando seu pequeno rádio de pilha. Mas a casa em que fica alojado não é ali, mas bem distante, em cima do cais, aonde mora uma prima sua. Esta distância física parece expressar o abismo simbólico que separa Guru do *ethos* provetaense.

⁹⁸ A maricultura é a criação e produção de mariscos para venda.

⁹⁹ Os balanços são como redes, porém são feitos com rede de pesca.

¹⁰⁰ Nesta parte específica do território do Cafundó (localizada no anexo 1 à leste da ponte que leva ao nº 2, no encontro entre os rios), debaixo de sombra de um frondosa árvore e tendo a barra ao lado, a maconha pode ser fumada sem maiores alardes. Trata-se de um território demarcado, não é “rua” e nem casa de ninguém. Possui o fim específico do descanso, por causa das redes, e do relaxamento da sesta, proporcionando uma sombra em meio ao sol do meio dia. Se lhe pode ser atribuído pertença à alguém, este é o Messias (mais conhecido como Gaiola), um tio de Pretinha e Saiene, cujo rancho fica ao lado dos balanços. Alguns crentes passam por perto mas nada falam, e as vezes nem olham, pois já sabem o que vão ver e quem: Gaiola, Guru, Pretinha, Saiene, Cascão, Tatu e outros, descansando em suas redes postas em volta de um pequeno radinho de pilha, e um cigarro de maconha passando de mão em mão.



Fig. 15: Entrada do Cafundó. À direita, a casa de Naurinho e sua irmã Neiva. Aos fundos a R.Maria das Neves.

Assim, o Cafundó apesar de estar fisicamente perto do centro, é caracterizado, percebido e vivido pelos moradores da vila como um "lugar longe". Da mesma maneira, Evans-Pritchard procura expôr a noção espacial dos Nuer, explicando que na verdade a distância social (chamada pelo autor de "distância estrutural") entre os agentes importa mais do que a distância geográfica que os separa: "*Uma tribo Nuer que está separada de outra tribo Nuer por quarenta quilômetros está, estruturalmente, mais próxima desta do que de uma tribo Dinka da qual está separada por apenas vinte quilômetros*"¹⁰¹. Desta mesma maneira, o Cafundó representa tudo o que vai de encontro aos valores centrais da identidade provetaense, esta expressa pelos espaços centrais. Assim, a distância geográfica entre o Cafundó e o centro é a mesma que existe entre as práticas, o comportamento e a mentalidade que distingue os atores sociais que habitam as respectivas áreas dentro do espaço social, ou seja, dentro do espaço das relações sociais: estão tão distantes simbolicamente que às vezes se opõem e se chocam.

Já podemos, agora, caracterizar o Cafundó como uma área aonde se concentram muitos descendentes de pessoas "de fora", e sobre as quais, por razões diversas, paira o símbolo do Inimigo, representado aqui pelas drogas, prostituição (homossexualismo) e álcool. As casas se organizam de uma forma diferente daquela encontrada na R.Pedro

¹⁰¹ Pritchard, Evans. Os Nuer. Ed.: Perspectiva, 1978, SP. p.123.

Soares, um pouco mais espaçadas entre si, não possuindo muros para separá-las. Os quintais das casas confundem-se com a rua, ou seja, fora das casas, o território privado parece se misturar com o público, e é comum ver grupos pequenos de pessoas compartilhando este território para conversar e aproveitar momentos ao ar livre. É comum vermos parentes próximos habitando lado a lado (e isto vale para toda a vila, de uma forma geral), tal como Berguinho e seus dois irmãos. O Cafundó corresponde também a toda área habitada que margeia a barra à montante¹⁰², até chegar a casa de estuque do Tio Louro, uma das últimas da vila. É necessário aqui fazer uma ressalva, pois há uma certa parte do Cafundó que faz fronteira com uma parte bem nobre da vila: a R.Maria das Neves. A casa do Manuelzinho fica bem no meio desta fronteira, ao final da ilustre rua.

3.5. A R.Maria das Neves: um prolongamento do centro.

A Maria das Neves é como uma continuação simbólica da Pedro Soares, apenas interrompida pela presença física do morro Bela-Vista¹⁰³ (daonde começa a trilha que liga o Provetá à Praia Grande de Araçatiba), porém possui algumas características próprias que valem a pena ser analisadas. Podemos dizer que esta rua começa na casa de Naurinho e sua irmã Neiva (no terreno que o próprio Naurinho disse pertencer ao seu avô Benedito Neves Martins), localizada em frente à casa do Benedito Leopoldino (praticamente de frente para a parte de trás da igreja) e termina um pouco depois da casa do Manuelzinho. Dizer que ela é um prolongamento simbólico da R.Pedro Soares equivale a dizer que a maioria das pessoas que moram ali compartilham e vivenciam o *ethos* que caracteriza a identidade local predominante, ou seja, possuem uma ligação íntima com a igreja. Figuras importantes para o atual ministério da igreja moram na R.Maria das Neves, tais como Manuelzinho, irmã Marilene, Pr.Osmar e Gustavo. Assim, é necessário dar voz à algumas destas pessoas, se desejamos compreender, da melhor maneira possível, como localiza-se simbolicamente o espaço que ocupam.

¹⁰² Localizado no anexo 1 pelo número 3.

¹⁰³ A trilha para o morro Bela-Vista está localizada no anexo 1 pelo número 19. É importante notar que os dois caminhos expressos pelo números 19 e 20 constituem uma subida que dá acesso à uma outra praia da Ilha. As casas próximas ao número 21 já estão no morro, assim como aquelas localizadas próximas ao nº 19, que são as casas do morro Bela-vista



Fig. 16: O início da R.Maria das Neves.

Gustavo Martins é o atual administrador da vila de Provetá, tendo adquirido o cargo através de uma indicação do seu nome pelo Pr.Eliseu ao prefeito de Angra, quem oficializou sua nomeação. Ele é filho de Lourival Martins, um irmão da D.Natalina, e foi ele quem teve a idéia de nomear o novo posto de saúde em homenagem ao seu tio Benedito Neves Martins. Gustavo já foi proeiro na pesca mas largou porque era um trabalho muito desgastante. Um homem muito dedicado à igreja (atualmente ocupa o cargo de evangelista, mas está fazendo um curso em Angra para ser pastor), foi ele quem primeiro nos chamou a atenção para a saída dos jovens para o continente como um fenômeno capaz de “descaracterizar” o lugar, pois abre espaço para a entrada de pessoas que não compartilham da “cultura local”. Quando anda pelas ruas da vila, Gustavo não tem sossego, e é parado a todo momento por moradores que querem tirar dúvidas, pedir algo, reivindicar, reclamar, enfim, ele está exposto àquilo que alguém na sua posição, inescapavelmente, estaria: a vontade do público. Afinal, enquanto administrador, ele representa um braço do estado atuando na vila, como indicam as suas realizações e melhorias para a vida dos provetaenses: reformas nas pontes (da Fazenda e do Cafundó), postes de luz no cais, novo telefone público(em funcionamento), ampliação da rede de saneamento básico e tratamento de esgoto, este sendo jogado todo no canto oeste da praia (na barra), e não mais no meio como era antes.

Além de administrador e evangelista no ministério da igreja, Gustavo é muito interessado na história local, e procura sempre nos ajudar em nossa pesquisa, levando-nos a locais de ruínas antigas ou colhendo dados para a árvore genealógica. Porém tão ou mais significativo do que isso foi um mapa¹⁰⁴ da área de atuação de sua administração que Gustavo nos apresentou no início de 2006. O mapa era feito com precisão arquitetônica, pois Gustavo lembrava de cabeça casa por casa, porém era composto somente pelas ruas Pedro Soares e Maria das Neves, deixando de lado a Favela, o Cafundó e a Fazenda.

Como observa brilhantemente Tim Ingold:

“Ao contrário das suposições dos cartógrafos e teóricos do mapa cognitivo, a vida não está contida dentro de coisas, nem é transportável. (...) todo ser vivo cresce e se estende no ambiente através da soma de seus caminhos. Descobrir o caminho é avançar de acordo com uma linha de crescimento (...). Caminhos de vida não são, então, predeterminados como rotas a serem seguidas, mas que ser continuamente elaborados sob nova forma. E esses caminhos, longe de serem inscritos sobre a superfície de um mundo inanimado, são os próprios fios a partir dos quais o mundo vivo é tecido”¹⁰⁵.

Assim, o autor chama a atenção para o movimento enquanto base para a construção de um mapa cognitivo. Para nós este movimento está sendo interpretado como o conjunto de relações sociais que um indivíduo estabelece em sua vida. De maneira que, mesmo conhecendo casa por casa a vila de Provetá, Gustavo constrói em sua mente uma imagem específica deste espaço, e a ordena segundo critérios que, para ele, são mais importantes e com os quais sua posição na comunidade está mais intimamente relacionada. Em mapas feitos posteriormente, ele acrescentou as áreas antes esquecidas, mas a ordem mesmo que lembrou (já que ele faz o mapa de cabeça) pode nos dizer como sua memória é capaz de representar geograficamente a vila de acordo com sua posição social específica. E, além disso, como esta posição pode predominar e se tornar a visão “oficial” já que Gustavo, em última análise, representa o estado (ou a prefeitura de Angra) na vila do Provetá.

¹⁰⁴ O mapa que constitui o anexo 1 deste volume foi elaborado por mim, com base num mapa que Gustavo fez (devido, acredito, à minha insistência em obter uma cópia do mapa original feito por ele anteriormente) à caneta, e em folhas de caderno, na minha frente, lembrando casa por casa.

¹⁰⁵ Ingold, Tim. Jornada ao longo de um caminho de vida – Mapas, descobridor-caminho e navegação. In: Religião e Sociedade, vol. 25, nº 1, julho de 2005. Ed.: ISER, RJ. p.107.

No extremo da R.Maria das Neves, subindo a barra, mora a família do Manuelzinho. Muito já falamos sobre ela cabendo apenas acrescentar uns poucos detalhes. Manuelzinho e D.Magna compraram o terreno, no qual habitam atualmente, do Eliseu, na época em que ele ainda não era pastor, e ali havia apenas uma pequena casa de estuque. Hoje, ergue-se uma das maiores e mais bonitas casas do Provetá, pois além de Manuelzinho, D.Magna e seus filhos, Mayara, Maitê e Magnum, no segundo andar da casa moram Marcela e Manuela com seus respectivos maridos, Neném e Fábio Pimenta. Está em construção a futura casa de Magnum e Maitê, ao lado da casa de Marcela, também no segundo andar. É o próprio Manuelzinho que se preocupa em manter sua família unida, como disse D.Magna, característica presente não só entre eles, mas entre a maioria das famílias da vila. Se há algo como uma "regra" geral para a ocupação territorial da vila, esta é: parentes próximos (pais, filhos, irmãos e tios) constroem suas casas lado a lado¹⁰⁶, característica simbolicamente acentuada na casa do Manuelzinho, já que as casas se sobrepõem umas por cima das outras.

Podemos, então caracterizar a R.Maria das Neves como parte integrante do "eixo central" da organização territorial da vila (como indica o mapa feito por Gustavo abrangendo sua "área de atuação", mencionado há pouco), pois é a área de moradia de importantes integrantes do ministério da igreja, responsáveis por manter, nos dias de hoje, a valorização e a renovação da fé do povo provetaense em seu próprio estilo de vida. A disposição das casas e a sua arquitetura se parece mais com àquelas da R.Pedro Soares, com territórios bem delimitados por muros e portas e janelas de alumínio, do que às da Favela e do Cafundó. Diferenças marcantes da R.Pedro Soares para a R.Maria das Neves podem ser descritas resumidamente da seguinte forma: a primeira é o centro fisicamente falando, a praça, os estabelecimentos comerciais não deixam dúvida disso para qualquer um que ali chegue pela primeira vez. A segunda só pode ser entendida como parte integrante deste centro através de uma imersão nos esquemas simbólicos com os quais a comunidade se renova e se reconstrói diariamente, além de um conhecimento mínimo das pessoas que ali habitam.

¹⁰⁶ Outros exemplos são Gustavo, que mora no mesmo terreno que sua irmã; Berguinho, com sua casa ao lado das casas de seus dois irmãos; Cabeludo, que está construindo sua casa na Favela, aonde moram seus pais; as filhas do Pr.Eliseu que moram na casa do pai; Lica, cuja casa é colada à casa do pai, Zé Pimenta; Naurinho e Neiva, cujas casas são lado a lado, no terreno que pertenceu a seu avô, Benedito Neves Martins; Salomão, Oséias e seus irmãos, netos do Deoclécio, cujas casas são coladas umas nas outras e ficam ao lado do colégio, na R.Pedro Soares. Enfim, os exemplos são muitos e parecem mesmo indicar uma tendência geral.

Desta maneira, a R.Pedro Soares e a R.Maria das Neves são como centros irradiadores da identidade e dos valores locais, sendo habitados, marjoritariamente, por pessoas que se aproximam da forma “imaginada” desta identidade, que é reconhecida e propagada como o “princípio” da forma local de perceber o mundo e estar nele. A relação entre este centro simbólico e sua periferia pode ser entendida através das imagens que a comunidade produz de cada território específico, como explica Norbert Elias:

“A imagem que os estabelecidos, os poderosos setores dirigentes de uma sociedade têm de si e transmitem aos outros tende a se pautar na ‘minoría dos melhores’, ou seja, tende para a idealização. A imagem dos outsiders, dos grupos relativamente pouco poderosos em comparação com os setores estabelecidos, tende a se modelar na ‘minoría dos piores’, isto é, tende a se denegrir”¹⁰⁷.

Assim, o centro exprime esta imagem idealizada e, até certo ponto, “estabelecida”, de uma comunidade pesqueira cuja vida social está baseada na doutrina evangélica, enquanto as áreas periféricas ou “marginais”, exprimem a imagem que se opõe àquela, pois concentra certo número de pessoas que não corresponde à idéia que os setores dominantes da comunidade têm dela mesma, e adota práticas e posturas que o distancia da doutrina religiosa evangélica.

3.6. A Fazenda: herança do Pedro Soares ou a história de Abraão, D.Ester e Negão.

Seguindo a R.Pedro Soares na direção leste, chegaremos, ao final dela, à Fazenda¹⁰⁸. Como já foi dito, esta área concentrava a maioria da população do Provetá, e são muitas as pessoas que já moraram lá (por exemplo o Pr.Eliseu, o Enéias, o Sissinho, entre outros). Talvez, esta maior concentração populacional estivesse associada à uma maior produtividade de um território voltado para isso, mas certamente, a grande prole do Pedro Soares (teve 9 filhos) e o grande número de descendentes dele, também contribuíram decisivamente. Diz-se que o P. Soares comprou sua fazenda de uma mulher, e esta, por sua

¹⁰⁷ Elias, Norbert, Scotson, Jonh L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Ed.: Jorge Zahar. RJ.

¹⁰⁸ Localizada no anexo 1 pelo número 17.

vez a havia adquirido de um pirata que aportara por ali em tempos remotos. Gustavo me mostrou, certa vez, algumas pedras trabalhadas por escravos, e até um pequeno rio, escavado por eles para desviar o curso das águas, aproveitando-a na fazenda. A casa que era a sede da fazenda é a maior da vila, parecendo resguardar a importância que a fazenda teve para o povo do Provetá. Atualmente, a Fazenda é objeto de disputas pelo direito da herança e possui a menor densidade demográfica da vila, ou seja, poucas pessoas habitam ali, e as casas também são poucas, e bastante espaçadas entre si, não havendo a presença de muros.



Fig. 17: Casa aonde era a antiga sede da Fazenda do P. Soares.

É necessário frisar que em minhas últimas viagens à vila comecei a reparar que a Fazenda, mais do que um território bem delimitado, representava um certa “direção”, ou seja, aqueles que moram no final da R. Pedro Soares, também dizem morar na Fazenda. Porém, de acordo com Gustavo, um pequeno rio¹⁰⁹ separa o território da antiga Fazenda do território da vila, e foi este o critério usado por ele quando da realização de seu mapa. E é este mesmo critério que irei utilizar aqui, pois as características que irei descrever, podem ser melhor observadas nesta área específica. Assim delimitando a Fazenda, quero antes de mais nada, chamar a atenção para o fato de que, mais do que o Cafundó, este é o território

¹⁰⁹ Este rio já não existe mais. Funcionando como um pequeno valão que carregava lixo e esgoto até o meio da praia, Gustavo, em sua gestão como administrador, fez desviar o curso deste rio, juntando-o à barra. Assim todo o esgoto da vila passou a ser lançado num mesmo lugar, além de passar por um tratamento, o que antes, não acontecia.

mais afastado fisicamente do centro, devendo estar a uns 120 metros ou mais de distância, partindo da praça da igreja.

Já apresentei, no início deste capítulo, uma neta do Pedro Soares, moradora da Fazenda, e cujos hábitos vão de encontro à moral evangélica. D.Creusa é a única de suas irmãs que permanece morando no antigo território do avô (que agora, dizem pertencer à sua mãe, a D.Isaura, filha do P. Soares e esposa do Zé Ferreira). Mas foi um vizinho mesmo da D.Creusa, S.Antonio¹¹⁰, quem disse que o terreno do camping não pertence a ela. Pois assim como Gustavo observou que não incluía a Fazenda em seu primeiro mapa por se tratar de um território particular, paira sobre este território a incerteza sobre a quem ele realmente pertence.

Mas, afora as incertezas sobre seu pertencimento, importa que há pessoas ocupando seu território, e foi um sobrinho da D.Creusa quem me passou um pouco de como um morador da Fazenda pode sentir-se em relação ao centro da vila. Abraão é filho de D.Ester¹¹¹, irmã da D.Creusa e mora na Fazenda já há alguns anos. Porém nem sempre morou ali, tendo passado a infância morando na casa do seu avô, Zé Ferreira (a casa do Zé Ferreira, uma “casinha de estuque com uma igrejinha do lado”, segundo ele, era aonde hoje é a casa do Pr.Eliseu), bem no centro da vila, em frente à igreja. Abraão nos disse que só vai até o centro por causa do trabalho (ele trabalha na administração, como funcionário do Gustavo), mas que não gosta de lá, porque tem muita “agitação” e muito “barulho”. Ele gosta da Fazenda, pois é mais “sossegado”. Percebemos aqui que ele gosta de se manter afastado do centro, fisicamente, mas também de tudo aquilo que ele representa, pois foi ele quem nos disse que na vila tem mais gente que fuma maconha do que crentes dedicados à igreja. Deste modo Abraão confirma o afastamento físico da Fazenda, acrescentando ainda sua própria distância simbólica em relação àquilo que o centro representa e valoriza. Quero esclarecer que ele não fuma maconha ou usa qualquer outra droga, mas tampouco trabalha na pesca ou pertence ao corpo de membros da igreja.

¹¹⁰ Nativo da Tapera, na Ilha Grande, e casado com uma provetaense, S.Antonio trabalhou a vida inteira como cozinheiro na pesca, trabalho que o levou a ter inúmeros problemas de saúde dos quais padece atualmente. Ele é vizinho da D.Creusa e disse, apontando para o camping: “esse terreno aí não é dela não”, querendo chamar a atenção para a esperteza da D.Creusa em cercar uma estreita faixa de areia próxima à praia e colocar uma placa de camping.

¹¹¹ A genealogia de Ester e Abraão inicia-se, no anexo 2, no casal Zé Ferreira e Isaura, na extrema esquerda da folha.

Abraão foi tragado pela pesca desde cedo na vida, e trabalhou nesta atividade por alguns anos, nos cargos mais baixos. Com o tempo viu que seria difícil progredir, e começou a achar que não valia a pena todo aquele desgaste e aquela fadiga corporal e mental, que às vezes tinham como pagamento um frango congelado¹¹². Logo largou a pesca e buscou outras opções, entre as quais o cargo de funcionário da administração de Provetá. Na igreja também, Abraão não permaneceu muito tempo, pois quando era jovem chegou a fumar e beber, hábitos que posteriormente deixaria de lado. Abraão não vê na pesca um futuro promissor, e seu filho Kétson, compartilhando desta mesma visão, terminou os estudos no colégio Pedro Soares e foi estudar no Frade, uma cidadezinha entre Angra e Paraty. Sua satisfação com o lugar em que vive está atrelada a este afastamento simbólico entre sua história de vida (determinada por circunstâncias específicas e por escolhas pessoais) e tudo aquilo que predomina na comunidade enquanto suas características essenciais. Mas há algo mais em sua história de vida que pode ter contribuído para seu afastamento: o Negão, seu “irmão” de criação.

O Negão foi criado no Rio de Janeiro e chegou ao Provetá com 17 anos para trabalhar em construção civil. Desde então, o mais longe de lá que chegou a ir foi em Angra. Hoje com quase 50 anos, Negão ainda mantém esta mesma ocupação, porém sem muita pressa e sem a necessidade de ganhar muito dinheiro, pois, não tendo maiores pretensões, já tem orgulho bastante das coisas que possui e do modo como chegou a possuí-las. Negão foi praticamente adotado pela D.Ester (mãe do Abraão) quando chegou à vila, e morou na casa dela por vários anos. Até hoje, quando consegue algum dinheiro, ele faz questão de comprar uma cesta básica para dar à idosa senhora em agradecimento. Praticamente o único negro da vila, ele carrega o peso social desta marca, e além disso, foi viciado em cachaça por anos, hábito que quase lhe tirou a vida. Negão já foi acusado injustamente por certos atos que não cometera, e mais de uma vez, foi levado algemado pelos PM’s da vila até Angra. Ele mora em uma casa na Fazenda, de frente pra praia, que foi deixada para ele tomar conta pelo proprietário, que nunca mais voltou, por isso ele nomeou a casa de “Deus me deu”.

¹¹² O lucro da pescaria depende da quantidade de peixes a serem mortos. Foi Naurinho, neto da D.Natalina, quem me disse que certa vez, o barco em que trabalhava não pegou nada e ele recebeu como pagamento por uma semana de trabalho, um frango congelado.

Apesar de sofrer muito preconceito da comunidade por causa de sua cor e por causa de seus hábitos (como fumar e beber), uma senhora “de dentro” desta comunidade teve vontade de ajudá-lo, dispondo-lhe de casa e comida. D.Ester valorizou o Negão, tratando-o como próprio filho, dando mostras de uma mentalidade que ia além daquele preconceito, e passava por cima dele. Muito desta atitude vinha de sua escolha pessoal, e muito também, vinha de uma forma mais flexível de seguir a palavra da bíblia, talvez pondo a generosidade antes da rigidez moral, reinante entre os evangélicos. Esta mesma busca por uma flexibilização dos preceitos da igreja, talvez possa ser caracterizada para posicionar Abraão como simbolicamente distante de tudo aquilo que centraliza os valores da vida social na pesca e na igreja.

Como um trecho já citado de Barth afirma que cada indivíduo constrói sua realidade através das fontes diversas que estiverem disponíveis, Abraão é um exemplo claro de alguém que construiu sua “realidade” de uma forma distante do sistema de significados que nutre o mútuo apoio entre a pesca e a igreja, e a sua relação com o território expressa isso. De certa forma, um sistema de significados realiza no espaço, através de processos sociais, objetivações marcadas pelos modos de produção (Raffestin, 1993). Aliando um sistema de significados a um modo de produção, temos que o território que eles produzem é marcado por suas hierarquias, pois ele expressa (ou reproduz) uma imagem específica da realidade.

Como nos explica Claude Raffestin: *“É preciso, pois, compreender que o espaço representado é uma relação e que suas propriedades são reveladas por meio de códigos ou de sistemas sêmicos. Os limites do espaço são os do sistema sêmico mobilizado para representá-lo”*¹¹³. De acordo com o autor, um sistema simbólico (ou sêmico) aliado a um sistema de produção, produz uma imagem da sociedade, já que determina certa maneira de ver o mundo e de organizá-lo. Porém, a pesca e a igreja não são as únicas fontes pelas quais um provetaense constrói sua realidade própria, havendo maneiras diversas de formar uma outra “imagem”. Abraão (e muitos outros), ao se afastar do sistema simbólico e da atividade econômica predominantes em sua comunidade, toma para si o poder de construir para ele e para sua família uma realidade diferente daquela experimentada por muitos de seus vizinhos.

¹¹³ Raffestin, Claude. Por uma geografia do poder. Ed.: Ática, 1993, SP. p. 144 – 145.

3.7. O Canto-brabo e a Costeira: o inferno diante do céu.

No capítulo anterior já chamamos a atenção para o marco temporal que significou a chegada da Assembléia de Deus, e como ela produziu a “cura” de uma grande doença, o “morfético”, que pairava na atmosfera da vila: a lepra. Já dissemos também que nas falas dos moradores, esta doença sempre aparece como tendo ocorrido num lugar específico, o canto leste da praia, composto pela Fazenda, pelo Canto-brabo e pela Costeira. “Teve um pessoal do Pedro Soares que morreu disso”, nos disseram alguns moradores. Alguns, inclusive afirmam que lá no final da Costeira pode-se encontrar ruínas de um antigo hospital de leprosos, fato que, certa vez, procuramos confirmar.

Partimos então, pela trilha da Costeira, determinados a ir até aonde o mato denso não nos permitisse mais passagem. No caminho, encontramos Geninho (24), um primo de Teleco, que estava indo chamar sua sogra (ele casou-se com uma moça da Costeira) para almoçar em sua casa. Procuramos nos informar com ele, que disse que era só seguirmos a trilha até uma ponte de concreto, que foi fixada numa grande parede rochosa, mas que depois desta ponte não havia mais nada. Ele mesmo, nascido e criado ali, nunca tinha ido sequer até esta ponte.

Seguindo a trilha, quanto mais andávamos, mais as casas se espaçavam umas das outras, e num certo momento, confusos diante da estreita trilha que estávamos subindo, ouvimos latidos e chamados às nossas costas. Logo nos demos conta que tínhamos invadido território privado e, provavelmente, nos encaminhávamos para a roça de alguém. Não haviam cercas, placas ou qualquer indicação de pertença, porém nossa “invasão” foi rapidamente notada, o que indica um certo modo de demarcar o território sem a necessidade de muros ou algo semelhante. Os quintais das casas e as roças são territórios demarcados pelo respeito entre os vizinhos, pois cada qual sabe até onde vai a sua parte e aonde começa a do outro, limites físicos vividos socialmente. Este mesmo tipo de demarcação devia reger a organização das antigas roças que ocupavam as encostas do Cafundó.



Fig. 18: A praia e a Costeira ao fundo.

Pedimos desculpas, aproveitando para perguntar qual era a direção certa que deveríamos seguir para chegar a tal ponte. Quando passamos por ela, as casas se espaçavam cada vez mais umas das outras, e num certo momento, avistamos um casinha de estuque, depois da qual o mato se fechava de uma maneira intransponível. Então, voltamos. Sem leprosário, porém com maior noção de como é aquele território tão distante da vila, e associado pelos moradores de lá como ocupado por pessoas de “fora”, pouco ligadas ao *ethos* provetaense. Durante a volta, esbarramos com um garoto que indagou-nos quem éramos. Explicamos que fazíamos uma pesquisa, que estávamos ali para conhecer a região, etc. Continuamos a andar e ele veio nos seguindo por uma breve distância, curioso ou admirado com aquelas pessoas tão diferentes daquelas que está acostumado a ver em seu dia-a-dia. Depois, ele parou e nos perguntou se voltaríamos lá algum dia. A curiosidade e a vontade do garoto de interagir conosco de alguma forma, nos indicou o que já sabíamos: raramente passa por ali alguém que não é morador, e não há nenhum interesse por parte dos moradores da vila de ir até ali.

O Canto-brabo é o início da Costeira, e pode ser representado pela presença de dois bares que reúnem os desviados em suas práticas, nos dias que estão em terra: o bar da D.Áurea e bar da Salete. A igreja, enquanto poder arbitrário que se impõe, encontra resistências ou “pontos de fuga”, naqueles que, de alguma maneira não se encaixam.

Diante de uma visão de mundo doutrinária e moralista, que visa fechar a comunidade sobre um território sagrado e um povo abençoado, e de um esquema de trabalho extremamente hierárquico, a fuga surge em um baseado, ou em uma garrafa de vinho. O desvio pode ser entendido quase como uma revolta que brota no peito dos garotos que sentem o peso deste imenso esquema (ou deste “arranjo” social) desde a mais tenra idade, observando e participando da vida da comunidade. O canto-do-inferno (como também é conhecido o Canto-brabo) é o lugar aonde eles, sempre tidos como agentes em potencial para a ação do Inimigo (e marginalizados por isso), finalmente tornam-se protagonistas do espetáculo social.

O bar é o palco; o banheiro o lugar para cheirar o pó. A cerveja quente no copo é como um remédio que vai em pequenas doses. A benzina passa de mão em mão, uma espécie de felicidade instantânea e compartilhada. Alguns saem para fumar maconha, outros vão correndo atrás. A mesa de sinuca, apesar de ser no centro do bar, é uma mera distração. Os atrativos são as brincadeiras, as atitudes doidas e conversas engraçadas que, invariavelmente, resultam em gargalhadas altíssimas de todos. É bem provável que no dia seguinte a maioria destes jovens estará no mar, dentro de um caíko, gelando a pesca, selando o gelo, cozinhando para uma tripulação de 12 pessoas e ajudando a puxar uma rede de pesca que pode trazer 10 toneladas de peixe, ou pode vir completamente vazia.

Como colocou André Bakker, um companheiro de pesquisa, cujas experiências em Provetá antecederam minhas primeiras idas a campo:

“A despeito da multiplicidade de sentidos concorrentes e subjacentes à construção do estigma da região da Costeira, a lógica de sua inserção na construção simbólica do espaço social de Provetá parece guardar seu sentido fundamental: o espaço negativo, a experiência de contraste a partir do qual a comunidade vem construindo a si mesma; um lugar exterior à comunidade, àquilo que constitui o espaço positivo de sua representação e seu projeto de ordem”¹¹⁴.

Assim, o Canto-brabo e a Costeira guardam também uma relação antagônica com o *ethos* provetaense, já que abrigam pessoas identificadas como “de fora” além de práticas

¹¹⁴ Bakker, André. Monografia de final de curso, UERJ. Fev, 2006.

que se opõem ao estilo de vida e à visão de mundo que surgiram e se desenvolveram após a benção do Espírito Santo sobre o povo e sobre o território da vila. Além disso, são como que áreas “reservadas” para as práticas desviantes, o que opõe mais ainda os dois territórios, tal como os nomes já podem nos indicar: de um lado o morro-do-céu (a oeste da vila) e do outro o canto-do-inferno (no extremo leste).

3.8. A praia: “tecendo” as redes sociais



Fig. 19: A praia do Provetá.

O ambiente da praia é o mais “neutro” de todo o território provetaense. No final de tarde, à sombra das amendoeiras que existem ali, personagens de posições sociais variadas sentam-se lado a lado para conversar amenidades, mulheres se encontram após o dia de trabalho, meninos jogam bola na areia, pescadores reúnem-se para comentar as últimas notícias do mundo da pesca, e o fazem enquanto tecem suas enormes redes, atividade que exige grande técnica manual, assim como grande dose de paciência. São tecidos quilômetros de rede para que ela possa entrar em atividade em um barco de pesca.



Fig. 20: Uma amendoeira à beira-mar: um lugar de “encontros”.
A ponte no fundo da foto à esquerda é por cima da “barra”,
onde é jogado todo o esgoto da vila.

De todas as casas da praia, não há uma sequer cujas janelas se voltam para o mar, como nós gostaríamos que fosse: “com vista para o mar”. É que para nós, habitantes da cidade, o mar é algo que falta em nossas vidas, ou está distante do cotidiano. Para os provetaenses, ao contrário, o mar é trabalho, acima de tudo. Na praia, o prazer está na areia, nos jogos de futebol (principalmente dos desviados, já que, devido principalmente à presença destes, o futebol é mal visto pela igreja), na convivência social ou, simplesmente em observar aquele vasto horizonte diante dos olhos. Poucos se jogam na água salgada para banhar-se, atitude mais comum nos dias mais quentes do verão, e quando o fazem tomam banho de roupa, um antigo costume local.

Na praia também é praticado um antigo hábito dos moradores do Provetá: são enterradas sacolas plásticas contendo restos de peixes, que sobram após serem limpos para o consumo. É único jeito de conter os famintos urubus que habitam populosamente a praia. Antes as carcaças eram jogadas no mar, mas com o tempo, os urubus começaram a infestar a água, deixando-a demasiadamente suja. Tentaram enterrar na terra, mas ela deixa chegar à atmosfera o sumo da carcaça, que libera um forte odor captado pelo aguçado olfato do animal. A areia resolve o problema, pois absorve este sumo e não deixa que o odor atraia os bichos. Porém o saco plástico é algo desnecessário, do ponto de vista ecológico, pois irá

demorar anos para ser consumido pelo solo. Se pensarmos deste ponto de vista, o Provetá daqui há 20 ou 30 anos, crescendo no mesmo ritmo atual, terá a praia infestada de sacos contendo carcaças de peixe, e a água totalmente poluída pelo esgoto (a porta de entrada da vila, de quem chega pelo cais, é uma ponte que passa sobre um rio de esgoto, chamado de barra, que deságua no canto oeste da praia do Provetá).

Teleco, que quando era pequeno mergulhava na barra (que logicamente, possuía outro nome), pois era um riacho bem grande e limpo¹¹⁵, nos disse que bastava enterrar a carcaça sem o plástico, “mas o povo não pensa assim não”, disse ele. Esta visão traz um pouco do ponto de vista ecológico de alguém “de dentro”, a seu modo preocupado com o futuro da sua comunidade. Compartilhar um ponto de vista como o de Teleco será algo cada vez mais necessário, com o passar dos anos, pois o crescimento populacional aliado ao descaso ecológico traz conseqüências desastrosas tanto para a natureza como (e talvez principalmente) para a sociedade que vive no local, como podemos observar em inúmeros exemplos. Para citar um bem próximo do Provetá, a vila de Abraão, na parte norte da Ilha, tomada por um grande número de pousadas que fazem parte do empreendimento turístico predatório que ali se desenvolveu, poluiu sua praia com tamanha quantidade de esgoto e óleo de embarcações, que atualmente ela é imprópria para banho. Apenas uma preocupação em preservar o território do Provetá, abençoado e sagrado como eles mesmos gostam de dizer, pode livrar os provetaenses de um mal maior no futuro, e uma visão como a expressa por Teleco é capaz de estimular neste sentido.

3.9. Captando as variações por dentro do “rótulo”.

Em linhas gerais, procurei ao longo deste volume, analisar as relações sociais da vila do Provetá, através das lentes de sua organização territorial, entendendo esta como uma representação física das relações de hierarquia, de parentesco e de produção, que se entrelaçam para dar forma aos processos sociais vividos pelo povo provetaense. Ao estabelecer a interseção do trabalho da pesca com a religiosidade pentecostal, chamei a atenção para dois fatores fundamentais para o entendimento da construção de uma certa

¹¹⁵ Num período de mais ou menos 10 anos de crescimento da vila, um riacho grande e limpo, tornou-se um valão de esgoto. Com base nisso podemos ter alguma idéia do que o futuro guarda para a vila.

identidade predominante dos habitantes da vila, que é, muitas vezes adotada por eles, e muitas outras, paira sobre eles como um invólucro ou uma embalagem, cujo conteúdo é tido como homogêneo. Ao mesmo tempo que procurei desconstruir esta imagem, afirmando que a análise antropológica comprometida com a realidade que estuda, deve ser capaz de levar em conta as variações individuais, como formas legítimas de “ser” local (ou “nativo”, como a literatura antropológica costuma se referir ao seu objeto de estudo), também tentei demonstrar como ela se formou; sobre que bases foi construída; o que foi essencial para sua estruturação; como se manteve através do tempo; e enfim, como estão todos estes fatores nos dias de hoje. Claude Raffestin, geógrafo algumas vezes citado neste trabalho, sugere que

“as imagens territoriais revelam as relações de produção e conseqüentemente, as relações de poder, e é decifrando-as que se chega à estrutura profunda. Do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações, pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos que ‘produzem’ o território. (...) Todos nós combinamos energia e informação, que estruturamos com códigos em função de certos objetivos. Todos nós elaboramos estratégias de produção que se chocam com outras estratégias em diversas relações de poder”¹¹⁶.

Assim, vemos que a produção de um território não se faz apenas pelas grandes formas simbólicas do poder, mas resulta das relações entre os indivíduos, entre os grupos, entre as instituições, e ainda, dos indivíduos com as instituições, destes com os grupos, etc., e deste modo, a cadeia de relações sociais se perpetua *ad infinitum*. O que procurei ressaltar aqui é que, como disse o autor, as relações de poder se hierarquizam com base nas relações de produção (isto é, no trabalho) e na combinação dos códigos (ou símbolos) que perfazem uma cosmologia, ou uma visão de mundo específica, e os sujeitos que estão no topo desta hierarquia produzem uma difusão de determinada “imagem” territorial capaz de representar a sociedade a seu modo. Nada é pré-definido ou friamente calculado, pelo contrário, o tecido social vai se fazendo de acordo com as possibilidades disponíveis, por isso eventuais “buracos” ou “falhas” na costura são inevitáveis. Mas estes “buracos”

¹¹⁶Raffestin, Claude. Por uma geografia do poder. Ed.: Ática, 1993, SP. p. 152 – 153.

fazem parte da estrutura social, tanto quanto as formas estabelecidas do poder, e assim como na sociedade eles encontram seu lugar específico. No território que produzem está a representação deste 'lugar social'.

BIBLIOGRAFIA

- APPADURAI, A. *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. University of Minnesota Press, 1996.
- BAKKER, A. *Entre telas e orações: religião e mídia em uma comunidade evangélica da Ilha Grande*. Monografia de final de curso de Ciências Sociais – UERJ, Rio de Janeiro, 2006.
- BARTH, F. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Lask, Tomke (org). Rio de Janeiro, Editora Contra-capá, 2000.
- BAUMAN, Z. *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- _____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.
- _____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, 1998.
- BENEDICT, R. “Configurações de cultura”. In: Pierson, D. (org), *Estudos de organização social*. São Paulo, Martins, 1970.
- BIRMAN, P. “O Espírito Santo, a Mídia e o Território dos Crentes”. In: *Ciências Sociais e Religião*. Ano 8, nº 8. 2006.
- _____. (org) *Religião e Espaço Público*. Rio de Janeiro: CNPq / Pronex, Attar Editorial 2003.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difusão Editorial Ltda, 1989
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo. Editora Perspectiva. 2004.
- CORTEN, A. & MARSHAL-FRATANI R. (editores). *Between babel and pentecost: transnational pentecostalism in Africa and Latin América*. Londres – Inglaterra, Hurs & Company, 2001.
- DA MATTA, R. *Um mundo dividido: a estrutura social dos índios apinayé*. Petrópolis – RJ, Editora Vozes, 1976.
- DESCOLA, P. *As lanças do crepúsculo*. São Paulo, Cosac Naify, 2006.
- DOUGLAS, M. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976
- ELIAS, N. & SCOTSON, J. *Os Estabelecidos e Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

- FERREIRA, M & AMADO, J (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1996.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.
- _____. *O saber local*. Petrópolis (RJ), Editora Vozes, 2006.
- _____. *Observando o Islã*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2004.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, editora DP & A, 2001.
- HANNERZ, U. ‘Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional’. In: *Mana: estudos de antropologia social*. Rio de Janeiro, vol. 3, nº 1, 1997.
- INGOLD, T. ‘Jornada ao longo de um caminho de vida – mapas, descobridor-caminho e navegação’. In: *Religião & Sociedade*. vol.25, n.1, julho de 2005. Rio de Janeiro: ISER.
- LÉVI-STRAUSS, C. ‘A família’. In: *Homem, culturas e sociedade*. H.L. Shapiro (org), 1966.
- MAFRA, C. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- _____. *Na posse da palavra: religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais*. Lisboa – Portugal. Imprensa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2002.
- MAGGIE, Y.; RESENDE, C. (orgs). *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2002.
- MEYER, B. ‘Pentecostalismo, prosperidade e cinema popular em Gana’. In: *Religião & Sociedade*. vol.23, n.2, 2003. Rio de Janeiro: ISER.
- MILTON, S. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo, Editora HUCITEC, 1988.
- OLIVEIRA NUNES, E (org). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1978.
- PRADO, R (org). *Ilha Grande: do sambaqui ao turismo*. Rio de Janeiro, Editora UERJ, 2006.
- PRITCHARD, E. *Os Nuer*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1978.
- RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo, Editora Ática, 1993.
- SAHLINS, M. ‘Cosmologias do capitalismo’. In: *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro, ISER, 1992.

WEBER, M. *Ética protestante e espírito do capitalismo*. São Paulo, Editora Martin Claret, 2003.

ZALUAR GUIMARÃES, A. (org). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1975.